

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical

USO E MANEJO DE RECURSOS NOS ARREDORES DAS
RESIDÊNCIAS DE CAMPONESES – Estudo de Caso na
Região da Morraria, Cáceres, MT

REGIANE CORRÊA DE OLIVEIRA

Bióloga

CUIABÁ-MT

2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical

USO E MANEJO DE RECURSOS NOS ARREDORES DAS
RESIDÊNCIAS DE CAMPONESES – Estudo de Caso na
Região da Morraria, Cáceres, MT

REGIANE CORRÊA DE OLIVEIRA

Bióloga

Orientador: Prof. Dr. RODRIGO ALEIXO BRITO DE AZEVEDO

Dissertação apresentada à Faculdade de
Agronomia e Medicina Veterinária da
Universidade Federal de Mato Grosso,
para obtenção do título de Mestre em
Agricultura Tropical.

CUIABÁ-MT

2006

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na Publicação (CIP). Bibliotecária Valéria Oliveira dos Anjos -
CRB1 1713

O48u Oliveira, Regiane Corrêa de.
Uso e manejo de recursos nos arredores das residências de camponeses: estudo de caso na região de Morraria, Cáceres, MT / Regiane Corrêa de Oliveira. – Cuiabá, 2006.
166 f. ; il.

Dissertação (Mestre em Agricultura Tropical) – Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, 2006.

“Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo”.

1. Agricultura. 2. Agricultura familiar. 3. Agricultura de Subsistência.
4. Cultura Agrícola. 5. Recursos Naturais. I. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
FACULDADE DE AGRONOMIA E MEDICINA VETERINÁRIA
Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título:USO E MANEJO DE RECURSOS NOS ARREDORES DAS
RESIDÊNCIAS DE CAMPONESES – Estudo de Caso na Região da
Morraria, Cáceres, MT

Autora: REGIANE CORRÊA DE OLIVEIRA

Orientador: Dr. RODRIGO ALEIXO BRITO DE AZEVEDO

Aprovada em 07 de dezembro de 2006.

Comissão examinadora:

Prof. Dr. Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo
(FAMEV/UFMT) (Orientador)

Profª Dra. Irene Maria Cardoso
(UNIVERSIDADE DE VIÇOSA /UFV)

Prof. Dr. Márcio Nascimento Ferreira
(FAMEV/UFMT)

DEDICATÓRIA

Dedico as minhas filhas, minha mãe, meu pai, padrasto e irmãs pela ajuda, compreensão, amor, incentivo e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em particular o Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, pela oportunidade de realização do curso.

A CAPES por tornar possível a continuidade do trabalho e pela confiabilidade em minha capacidade de produção científica.

Ao professor Rodrigo Aleixo Brito de Azevedo, pela orientação e por acreditar na capacidade de autonomia do pesquisador, além de sua amizade, respeito e exemplo.

Aos agricultores que concordaram em contribuir com a pesquisa e torna-la possível, pelas valiosas informações, amizade e carinho que nos foram dedicados.

A minhas filhas pela compreensão de algumas privações de meu convívio e por me dar força para continuar nessa difícil jornada.

A minha mãe, padrasto e irmã, pelo incentivo e inúmeras contribuições que tornaram possível a realização das viagens de campo e do trabalho como um todo, pelo carinho e amizade.

Ao colega Sandro pela paciência e dedicação nos inúmeros momentos em que recorri a sua ajuda.

A Hérica Clair pela dedicação, carinho e ajuda em um momento que era essencial o auxílio de alguém nas correções e fechamento da dissertação.

Aos colegas do PROSA, pela troca de experiências e contribuições na pesquisa.

A Coordenação e a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical, em especial a Denise que me auxiliou e teve consideração e amizade durante todo o curso.

Aos colegas de Pós-graduação em Agricultura Tropical pela amizade e companheirismo.

**USO E MANEJO DE RECURSOS NOS ARREDORES DAS RESIDÊNCIAS
DE CAMPONESES – Estudo de Caso na Região da Morraria, Cáceres,
MT**

RESUMO – Essa pesquisa objetivou descrever e analisar o uso e manejo dos recursos existentes nos arredores das residências, assim como a estrutura e o uso da residência, considerando o conhecimento dos agricultores da Morraria, no município de Cáceres, estado de Mato Grosso. A pesquisa foi realizada junto a nove famílias de agricultores, cinco na comunidade de Nossa Senhora da Guia e quatro em Santana. As metodologias de coleta de dados utilizadas foram: entrevistas abertas, entrevistas semi-estruturadas, elaboração de croquis, observação local, apontamentos e listagem livre. Foram feitas a descrição e decomposição das unidades de manejo situadas nos arredores das residências, para identificar o que condiciona as tomadas de decisões dos agricultores em relação aos recursos cultivados, criados e ou mantidos nesses espaços. Para compreender esses condicionantes, foram analisadas, as histórias do arraial, os processos de mudança de uma geração a outra em relação à residência e seus arredores, como os agricultores definem esses espaços, a relação dos agricultores com os recursos naturais e a produção desses espaços, a cultura e tradição existente, a escolha do local para instalar a residência, a importância dos espaços, o uso das plantas e dos animais, o manejo com as plantas, a força de trabalho, a diversidade de espécies, como mantém os recursos genéticos, a introdução de insumos externos, as preferências por animais e plantas e as dificuldades na coleta de dados. Foram descritas oito denominações de espaços (Quintal, terreiro, casa, corredor, cozinha, roça, pátio e piquetinho), além de serem citados pelos camponeses 293 etnoespécies nos arredores das residências. Concluiu-se que cada agricultor tem sua forma particular de ver os espaços e usar e manejar seus recursos, que a residência e seus arredores é um espaço compartilhado tanto pelos homens, quanto pelas mulheres e que os agricultores têm como característica a multiplicidade de uso das plantas existentes nos arredores de

suas residências e que as tomadas de decisão estão condicionadas a lógicas internas e particulares do uso e manejo dos recursos.

Palavras-chave: agricultura familiar, sistema de produção, camponês.

USE AND MANAGEMENT OF RESOURCES THE AROUND OF RESIDENCES OF PEASANTS - STUDY OF CASE IN THE REGION OF THE MORRARIA, CÁCERES, MT

ABSTRACT- The research aimed at describing and analyzing the of all existing resources around the houses, as well as the structure and use of the house, considering Morraria farmers' know- how, in the city of Cáceres, State of Mato Grosso. The research was carried out with nine farmer families, five from Nossa Senhora da Guia community and four from Santana. The methodologies used to collect data were: open interviews, semi-structured interviews, drawing of sketches, local observations, notes and free enumerations rolls. The handling units located around the houses were described and analyzed in order to find out what determines the farmers' decisions regarding the resources which are cultivated, grown or kept in these places. To understand these factors, we have analyzed the village stories, the changing processes from one generation to another regarding their homes and their surrounding places, how the farmers define theses places, the relationship between the farmers and the natural resources and the yield at these places, the existing culture and traditions, the choice of a place to build their house, the importance of spaces, the use of plants and animals, the handling of plants, labor force, the variety of species; how they keep the genetic resources the introduction of external inputs, their preference for some animals and plants and the difficulties to collect data. Eight names for spaces have been described (backyard, courtyard, house, corridor, kitchen, cleared land, court, "piquetinho"), besides 293 ethnospecies which have been mentioned by the farmers as existing in the surrounding places. The conclusion was that each farmer has his particular way of seeing his spaces and of using and handling his resources, that the house and its surrounding places is shared both by men and women, that farmers use the various plants they find around their houses and that decisions are made according to an internal and particular logic regarding the use and handling of resources.

Key- words: family agriculture, systems of productions, peasant

SUMÁRIO

	Página
1 INTRODUÇÃO	15
2 REFERENCIAL TEÓRICO	18
2.1 Sistema de conhecimento.....	18
2.2 Uso e manejo dos recursos da unidade produtiva dos camponeses tradicionais.....	23
2.3 Os Condicionantes.....	24
2.4 Residência e seus arredores.....	26
3 METODOLOGIA	28
3.1 Princípios metodológicos.....	28
3.2 Local da pesquisa.....	29
3.3 Definição da área de estudo.....	29
3.4 Visita as comunidades.....	31
3.5 Elaboração do guia.....	31
3.6 Coleta de dados.....	34
3.7 Realização das entrevistas.....	34
3.8 Sistematização dos dados.....	35
3.9 Imprevisto metodológico.....	36
3.10 Classificação dos condicionantes.....	37
3.11 Análise dos dados.....	55
Capítulo I - As alterações e denominações dos arredores da residência, no processo de transformação de sesmaria à divisão de terras	56
1. A História das Residências e Arredores na Época de Sesmarias no Arraial do Taquaral.....	56
1.1 A Transição de Arraial do Taquaral para a Divisão de Terras.....	58
1.2 Atual Situação Fundiária das Famílias que Pertenciam aos Arraiais...	60
1.3 Descrição e Percepção Atual dos Espaços Situados nos Arredores das Residências.....	65
1.4 As Mudanças que Ocorreram nas Residências e Arredores de uma Geração á Outra.....	81
Capítulo II – As Estratégias de Escolha do Local para Instalar as Residências e Arredores e sua Importância para os Camponeses da Morraria	101
2.1 As Estratégias de Escolha do Local para Instalar as Residências.....	102
2.2 A importância dos Arredores da Residência para os Camponeses Morroquianos.....	103

2.3 Cultura e Tradição dos Agricultores Manifestadas nas Residências e seus Arredores.....	105
Capítulo III – O Sistema Produtivo e o Manejo no Sistema de Produção dos Arredores das Residências por Camponeses Morroquianos.....	108
3.1 Disponibilidade de Ferramentas no Manejo das Espécies Cultivadas nos Arredores das Residências.....	108
3.2 Época de Plantio das Espécies Localizadas nas Residências e Arredores.....	111
3.3 Influência da Lua Sobre o Plantio das Espécies dos Arredores da Residência.....	112
3.4 Os Tipos de Plantio Realizados nos Arredores das Residências.....	114
3.5 A Influência da Precipitação no Sistema Produtivo dos Arredores da Residência.....	117
3.6 Perda de Espécies que Ocorrem nos Arredores das Residências.....	119
3.7 Força de Trabalho Destinada ao Manejo nos Arredores das Residências.....	120
Capítulo IV – A Importância das Espécies Cultivadas e Criadas nos Arredores das Residências.....	127
4.1 A Multiplicidade de Uso das Plantas.....	127
4.1.1 A Importância das Plantas Alimentícias nos Arredores da Residência.....	128
4.1.2 A importância do Cultivo de Plantas Medicinais nos Arredores da Residência para os Camponeses.....	131
4.1.3 A Importância das Plantas Ornamentais nos Arredores da Residência para os Camponeses.....	133
4.2 A Importância das Criações Domésticas nos Arredores da Residência.....	135
4.2.1 Suínos (<i>Sus scrofa</i>).....	136
4.2.2 Gado (<i>Bos taurus</i>).....	137
4.2.3 As Aves: Galinhas (<i>Galus domesticus</i>), angola (<i>Numida meleagris</i>), peru (<i>Meleagris gallopavo</i>), pato (<i>Aix sp.</i>), mutum (<i>Crax fasciolata</i>), pomba (<i>Columba lívia</i>).....	139
4.2.4 Animais de Estimação Citados pelos Camponeses: cachorros (<i>Canis familiaris</i>) e gatos (<i>Felis catus</i>).....	142
4.2.5 Animais de Serviço Citados pelos Camponeses: cavalo (<i>Equus caballus</i>) mula (<i>Equus asinus</i>).....	143
Capítulo V – Análise dos Condicionantes do Uso e Manejo dos Recursos nos Arredores das Residências.....	144
5.1 Análise Descritiva dos Condicionantes do Uso e Manejo dos Recursos Existentes nos Arredores da Residência.....	144
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	159
6. CONCLUSÃO.....	161
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	163

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Identificação das UPs investigadas nas comunidades Nossa Senhora da Guia e Santana, região da Morraria, município de Cáceres – MT.....	30
Tabela 02. Unidades territoriais identificadas pela memória oral dos camponeses.....	62
Tabela 03. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP001.....	67
Tabela 04. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP002.....	68
Tabela 05. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP003.....	69
Tabela 06. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP004.....	70
Tabela 07. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP005.....	71
Tabela 08. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP006.....	71
Tabela 09. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP007.....	72
Tabela 10. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP008.....	73
Tabela 11. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP009.....	73
Tabela 12. Espaços identificados pelos agricultores situados nos arredores das residências.....	75
Tabela 13. As nomeações, particularidades e a frequência de citação do espaço quintal.....	75
Tabela 14. As nomeações, definições e frequência de citação do espaço Terreiro.....	76
Tabela 15. As nomeações, definições e frequência de citação do espaço roça.....	78
Tabela 16. Espécies encontradas nos arredores da residência.....	86
Tabela 17. Etnoespécies citadas pelos agricultores existentes nos arredores da residência, vindas de relações de trocas entre vizinhos, compadres e parentes.....	95
Tabela 18. As Etnoespécies citadas pelos agricultores vindas da Vila Aparecida, da cidade de Cáceres ou de outras regiões fora da Morraria.....	96
Tabela 19. Etnoespécies compradas por agricultores de instituições.....	97
Tabela 20. Manifestações culturais feitas nas residências e seus arredores...	106
Tabela 21. O manejo das plantas existentes nos arredores das residências e os instrumentos utilizados.....	110
Tabela 22. Os tipos de plantio realizados nos arredores das residências.....	115
Tabela 23. Tempo de serviço que os casais gastam em suas atividades da residência e arredores, de lado esquerdo o marido e de direito a esposa, no	124

residência e arredores, do lado esquerdo o marido e do direito a esposa, na tabela que se segue.....	
Tabela 24. Atividades desenvolvidas na residência e seus arredores por homens e mulheres, informações gerais de todos os agricultores.....	124
Tabela 25. Divisão do trabalho para homens e mulheres nas atividades da residência e arredores.....	125
Tabela 26. Diversidade das variáveis de uso das plantas	128
Tabela 27. Condicionantes da escolha do local para instalar a residência.....	144
Tabela 28. Condicionantes da importância dos arredores da residência para os agricultores.....	146
Tabela 29. Condicionantes do cultivo de plantas medicinais nos arredores da residência.....	147
Tabela 30. Condicionantes do cultivo de plantas alimentícias nos arredores da residência.....	148
Tabela 31. Condicionantes do cultivo de plantas ornamentais nos arredores da residência.....	150
Tabela 32. Condicionantes do uso de ferramentas no plantio realizado nos arredores da residência.....	151
Tabela 33. Condicionantes da época de realizar o plantio nos arredores da residência.....	152
Tabela 34. Condicionantes da influência da lua no plantio de espécies vegetais nos arredores da residência.....	153
Tabela 35. Condicionantes da perda de espécies vegetais cultivadas nos arredores da residência.....	155
Tabela 36. Condicionantes da criação de animais domésticos nos arredores da residência.....	156

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Croqui do Arraial do Taquaral feito a partir do relato oral dos 64 agricultores.....	64
Figura 2. Croqui da residência e arredores da UP006.....	79
Figura 3. Croqui da residência e arredores da UP001.....	80

1. INTRODUÇÃO

“A agricultura não é uma atividade exclusiva da esfera natural, os procedimentos técnicos adotados por ela, têm por traz de si uma razão de fundo estabelecida pela sociedade, ou seja, uma subordinação da natureza aos interesses do homem, em suas diferentes formas de arranjo social” (Azevedo, 2001)

“A agricultura é uma atividade realizada pelos homens em sociedade para a produção de seus alimentos e matérias-primas” (Azevedo, 2001)

Ao longo da história a agricultura passou por vários processos de mudanças e seguiu dois rumos distintos: uma parte da agricultura desenvolveu-se para atender as demandas de alimentos da crescente população, e também manteve o cultivo e criação de alimentos para subsistência, e outro tipo de agricultura atendeu às exigências do mercado e pode ser chamada de Agricultura Mercantilista. (Kloppenbug Jr., 1991)

Entre essas a Agricultura Mercantilista foi privilegiada pelas políticas do setor agrário e pelas pesquisas científicas que se voltaram para ela, enquanto que os camponeses foram praticamente desconsiderados.

Esse desamparo político-científico fez com que esses últimos agricultores, desenvolvessem técnicas e estratégias para lidar com a escassez de recursos e para garantir sua sobrevivência na terra, pois os implementos agrícolas, as técnicas e tecnologias do setor e até mesmo as políticas ambientais não condizem com a realidade desses agricultores.

Apesar disso, os camponeses vêm se mantendo produtivos por várias gerações, com práticas de agricultura construídas com base nas

experiências e na forma como esse agricultor internaliza o seu conhecimento.

Esses camponeses desenvolveram uma certa autonomia em relação à introdução de insumos externos em sua unidade produtiva. Envolve todo um complexo de atividades em seu sistema produtivo e vê, de forma diferente da ciência, a prática da agricultura; conhecer e considerar esse “diferente” é um desafio.

A prática da agricultura por esses agricultores se baseiam em suas experiências e na herança cultural e mostram com isso um enorme conhecimento sobre agricultura.

Considerar o conhecimento dos agricultores e aproximar dele o conhecimento científico tornaria possível o diálogo entre essas duas formas de saber, o que resultaria na construção de estratégias e soluções para os problemas enfrentados pelos agricultores atuais e do futuro.

Essa pesquisa busca compreender o uso e manejo dos recursos existentes nas residências e seus arredores, considerando o conhecimento dos camponeses tradicionais das comunidades de Santana e da Nossa Senhora da Guia.

Neste trabalho, os objetivos específicos foram:

- Identificar as denominações dos arredores da residência, na época de sesmaria e na situação fundiária atual;
- Identificar as alterações ocorridas nos arredores da residência, no processo de transformação de sesmaria à divisão de terras;
- Descrever e analisar as estratégias de escolha do local para instalar as residências e arredores e sua importância dos agricultores estudados;
- Descrever e analisar o sistema de produção dos arredores das residências dos agricultores estudados;
- Descrever a importância das espécies cultivadas e criadas nos arredores das residências

Trata-se de uma pesquisa participativa realizada com camponeses de duas comunidades da região da Morraria no município de Cáceres, estado de Mato Grosso.

Esta pesquisa é parte de um projeto de investigação em sistemas agrícolas do Estado de Mato Grosso, que tem como objetivo compreender a estrutura conceitual das unidades produtivas, através da análise dessas unidades em diferentes aspectos. Outras pesquisas já foram concluídas nessa área de estudo e contribuem para desenvolver metodologias e compreender o sistema produtivo desses agricultores.

2. REFERÊNCIAL TEÓRICO

2.1 - Sistema de Conhecimento

“Quando se quer estudar os homens, é necessário olhar bem de perto; mas para estudar o homem é preciso aprender a levar longe o olhar; é necessário antes de mais nada observar as diferenças para descobrir as propriedades.”

Rousseau

Laurent (1996, p.4-12) define sistema de conhecimento da seguinte forma *“é como um corpo que evolui dinamicamente, renovando e aprimorando constantemente o saber de determinados grupos sociais, que vivem em ambiente compartilhado, para adaptação a condições de mudanças”*.

O saber científico e o saber dos camponeses tradicionais têm formas distintas de serem adquiridos e aplicados. Essa distinção faz com que haja certos embates e estranhamentos entre os dois saberes.

Para se compreender os processos de estranhamento e embate entre esses distintos saberes, com diferentes formas de perceber o mundo e seus fenômenos, é necessário voltar um pouco no tempo e compreender o processo de construção do conhecimento científico e do conhecimento tradicional.

O filósofo Bazarian (1985) afirma que o conhecimento surge a partir da necessidade prática de sobrevivência do homem e que ele precisava conhecer a natureza para domina-la e extrair dela o que precisava, para isso utilizavam os resultados do conhecimento em suas atividades práticas,

satisfazendo suas necessidades vitais e obtendo uma forma de comportamento adequado e eficiente (Bazarian, 1985).

Esse conhecimento se dá por um processo de construção, que no princípio considerava e não fazia distinções entre o sagrado, o natural e o social. O conhecimento era construído baseado nessas três formas de saber.

Capra (1982) conta que a partir do século XVII, Descartes que não aceitava qualquer conhecimento tradicional se propôs a construir um novo sistema de pensamento, um tipo de ciência que prometia a unificação de todo o saber, visualizou então um método que lhe permitiria construir uma completa ciência da natureza.

Descartes dedicou-se então a construção de uma nova filosofia científica, onde considerava que o conhecimento certo era obtido através da intuição e da dedução e seu método consistia em decompor pensamentos e problemas em suas partes componentes e em dispô-las em sua ordem lógica, pressupondo que o conhecimento dessas partes implicaria necessariamente no conhecimento do todo (Capra, 1982).

Em consequência disso houve uma separação entre os fatores sociais, naturais e sagrados no conhecimento científico. A ciência passou a considerar apenas os fatores naturais, enquanto que o senso comum continuava construindo seu conhecimento baseado nesses três fatores.

Aranha e Martins (1993), define o senso comum como “o conhecimento adquirido por tradição, herdado dos antepassados e ao qual acrescenta-se os resultados da experiência vivida na coletividade a que pertence. Trata-se de um conjunto de idéias que permite interpretar a realidade, bem como de um corpo de valores que ajuda a avaliar, julgar e então agir.” O senso comum ou conhecimento espontâneo ou empírico possui a característica de ser ametódico e assistemático (Aranha e Martins, 1993).

Já conhecimento científico é construído a partir de relações genéricas com o mundo cotidiano das pessoas, buscando a generalização, ele determina um objeto específico de investigação e cria um método pelo qual

se fará o controle desse conhecimento (Aranha e Martins, 1993). É um conhecimento sistemático, que busca ser preciso e objetivo segundo o qual são descobertas relações universais e necessárias entre os fenômenos, o que permite prever acontecimentos e também agir sobre a natureza de forma mais segura (Aranha e Martins, 1993).

O conhecimento científico passa a ser considerado então como o único conhecimento certo e válido por ser explicado e comprovado através de métodos. Já o conhecimento empírico passa a ser desconsiderado por estar baseado em um complexo universo de crenças ao qual não se pode comprovar sua veracidade através do método científico.

Para descrever como opera o conhecimento dos camponeses tradicionais, é necessário defini-los em primeiro lugar.

Azevedo (2003) define os agricultores tradicionais como sendo “aqueles que não se inseriram por inteiro nos modelos tecnológicos agrícolas industriais e que foram colocados à margem dos interesses das políticas públicas destinadas ao setor, onde seu sistema de conhecimento é construído por meio da práxis, qual seja, pela ação de inúmeras gerações de agricultores ao longo do tempo.”

O conhecimento derivado de tais sistemas não tem a preocupação de universalização; ele é ancorado no ambiente. Quem produz este conhecimento se envolve na produção, atividade prática por excelência.

Esses sistemas visam atender somente algumas demandas específicas, relacionadas às próprias necessidades de reprodução social e material do camponês e possuem um número enorme de sistemas de referência, ou modelos conceituais próprios (Azevedo, 2003).

Este conhecimento é adquirido e internalizado de três formas diferentes segundo Azevedo (2003):

- a) a experiência acumulada ao longo da história de cada grupo social;
- b) a experiência compartilhada dentro de cada geração de agricultores e
- c) a experiência pessoal de cada agricultor

Segundo Bellon (2001), eles podem ainda se expressar de três formas:

- a) impressões onde os contornos e as relações de causalidade dos problemas ainda não estão claramente definidos. Essas percepções não são inteiramente compartilhadas por todos os membros do grupo social, por representarem a percepção de cada indivíduo, podendo ser contraditória no âmbito da comunidade. Porém são extremamente importantes por estabelecerem os rumos para as outras formas de manifestação do conhecimento;
- b) As taxonomias que são abstrações organizadas e hierarquizadas das percepções e representam a compreensão que os agricultores tem do ambiente e das suas relações com ele; permitem dar um sentido para os problemas que enfrentam, relativizá-los e categorizar seus condicionantes;
- c) As normas práticas, onde suas bases de construção são feitas a partir da sua possibilidade de criação de critérios de julgamento e por se tratarem de sistemas de classificação (Bellon, 2001).

Toledo (1992) afirma que o conhecimento empírico deve ser contemplado em sua íntima relação com seu sistema de crenças e com as formas particulares como cada um percebe seu ambiente. Isto permite compreender muitos dos processos do conhecimento objetivo na mente do agricultor.

Os estranhamentos e embates entre o conhecimento empírico e o conhecimento científico constam da dificuldade de se compreender o que é diferente e da forma como eles foram construídos, a interação entre ambos é possível havendo um diálogo entre eles.

Quando se afirma que o conhecimento científico é o certo e preciso, há que se considerar que quando se julga é preciso ter em conta critérios para que o julgamento não seja calcado em pré-conceitos.

A ciência pode ser entendida como um tipo de conhecimento que passou pelo processo de desenvolvimento progressivo do senso comum, o que aponta que a ciência nasceu na necessidade de entender os fenômenos que ocorrem no cotidiano. Desta forma, pode-se observar que a ciência não é um algo novo, e nem ao menos um tipo único de conhecimento. E quando o pesquisador se refere ao senso comum, ele está obviamente, pensando nas pessoas que não passaram por um treinamento científico. (Alves, 1986)

Santos (2002) propõe também a aproximação do conhecimento do senso comum ao conhecimento científico, através da ruptura com a ruptura epistemológica, isso quer dizer que a ciência moderna para atingir um nível qualitativo para a pesquisa científica teve que distanciar-se do senso comum. Já na ciência pós-moderna o conhecimento só se realiza enquanto se converte em senso comum, o que explica que o conhecimento senso comum precisa ser refinado em conhecimento científico e este convertido em um novo senso comum, mais crítico e, mas politizado. Santos (2002) afirma ainda que a ciência pós-moderna, ao “sensocomunicar-se”, ou seja, dialogar com o senso comum, não despreza o conhecimento que produz tecnologia, mas entende que como o conhecimento se deve traduzir em auto-conhecimento, isto é, o desenvolvimento tecnológico deve traduzir-se em sabedoria de vida (Santos, 2002).

Alves (1996) reflete sobre a inferioridade do senso comum em relação à ciência, lembrando que “por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse a nossa ciência. A ciência curiosamente, depois de cerca de quatro séculos, desde que ela surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças a nossa sobrevivência”.

Para compreender o que condiciona as tomadas de decisão dos agricultores em relação ao uso e manejo dos recursos existentes nos arredores das residências, é necessário conhecer a construção de seu conhecimento, pois as práticas executadas nessa unidade de manejo são aplicações destes saberes.

Essa percepção muitas vezes não condiz com a compreensão dos cientistas, por serem formas distintas de se perceber o mundo.

O desafio consiste em compreender o outro (o diferente), sem deixar que o próprio conhecimento seja tomado como verdade, pois o que se busca não é uma verdade, mas conhecer as diferentes verdades, dentro das distintas formas de ver o mundo.

Brandão (1986) cita sobre “o outro” que:

“O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis do meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura.”

2.2 - Uso e Manejo dos Recursos da Unidade Produtiva dos Camponeses Tradicionais

“Devemos lembrar que os sistemas agrícolas são resultado da co-evolução que ocorre entre cultura e ambiente, e que os seres humanos têm a capacidade de direcionar essa co-evolução. Uma agricultura sustentável valoriza o ser humano bem como os componentes ecológicos da produção de alimentos, reconhecendo suas relações e interdependências” (Gliessman, 2001).

Os camponeses necessitam conhecer os recursos naturais locais para extrair deles o que precisam para sobreviver, assim como, maneja-los de forma eficiente, por dependerem desses recursos à garantia da sua subsistência, e ao mesmo tempo manter esses recursos por varias gerações.

Guarim Neto (2000), afirma que os recursos vegetais têm sido utilizados na cultura popular e repassados de geração em geração no decorrer da existência humana.

Quanto à forma como os agricultores utilizam os recursos vegetais em seu sistema de produção, Azevedo (2001), afirma que os sistemas de produção agrícola não se definem exclusivamente por seus componentes físicos ou bióticos, mas que são expressões da complexa teia de relações

sociais, que se estabelecem a partir da base de recursos proporcionada pelo ambiente.

Nesse sistema agrícola o espaço de fato utilizado não se restringe à área de direito ocupada ou de trabalho, mas a todo espaço utilizado pelo agricultor para extrair os recursos que necessita, independente de estar em sua área de direito. Esse fato se estende também a dieta desses agricultores, que é complementada com os recursos extraídos fora dessa área. Considerando que o conjunto dos recursos produzidos por eles em suas unidades produtivas e os outros recursos como a caça, a pesca e a coleta, feitos fora dela, é que garantem sua sobrevivência.

Os arredores da residência, a qual a pesquisa se dedica é um dos subsistemas da unidade produtiva mais importantes como fonte de recursos, que são usados pelos agricultores tanto no aspecto alimentar, quanto no social e cultural. Esse espaço caracteriza-se por envolver toda uma complexidade em seu manejo e pela multiplicidade de uso dos recursos e dos espaços.

O estudo das diversidades e complexidades envolvidas, em conjunto com a ideologia agrícola do agricultor envolvido permite compreender o porque da estrutura e quais são as funções desse subsistema para o mesmo.

2.3 – Os Condicionantes

Os agricultores optam por usar os recursos e manejá-los de acordo com fatores internos e externos ao funcionamento da sua unidade produtiva, ou seja, as técnicas adotadas e o uso dos recursos, são fruto de vários condicionantes.

Costa (2004), em estudo para identificar os condicionantes de procedimentos técnicos das roças dos agricultores tradicionais da Morraria, separou aqueles internos e externos, definidos da seguinte forma: internos como aqueles estabelecidos a partir da lógica interna de funcionamento da

unidade produtiva e os externos estabelecidos a partir da lógica do contorno externo ao qual a unidade produtiva se relaciona.

E chegou a conclusão de que 89,8% dos condicionantes eram internos e 10,2% dos condicionantes eram externos, ou seja, as estratégias de estabelecimento de manejo são construídas fundamentalmente a partir da lógica interna de funcionamento da unidade produtiva desses agricultores e não das exigências de contorno.

Sobre os condicionantes poucos trabalhos foram encontrados, e a maioria faz referência a diversos focos do funcionamento do sistema de produção dos agricultores. Neste sentido, Cunha et al. (1998) verificaram que os condicionantes que interferiram no processo de desenvolvimento dos sistemas de produção dos agricultores familiares estudados, eram as condições agroecológicas das unidades produtivas, a forma de inserção na rede comercial, a estrutura de comercialização e a disponibilidade de recursos.

Loader e Amartya (1999), em um estudo realizado com agricultores demográfica e economicamente diferentes no Nepal, consideram que a produção de grãos, altura da planta, o tempo de maturação, o sabor e o número de batidas para separar o grão de arroz da planta, condicionava a escolha de variedades tradicionais de arroz para plantio.

Já Ugwu e Nweke (1996), analisando a importância dos condicionantes ecológicos (clima e altitude) e não ecológicos (pressão demográfica, cultivo contínuo, comercialização da produção e tecnologia de processamento pós-colheita) para a distribuição da mandioca na Nigéria, concluíram que os condicionantes não ecológicos, são os mais importantes para explicar a distribuição da mandioca nesse país.

Perz (2003) fez uma abordagem ainda relacionada à produção, porém estudando os condicionantes sociais da adoção de tecnologia e o significado dessa adoção no uso da terra, em uma região de fronteira agrícola no município de Uruará, no estado do Pará e concluiu que as unidades familiares com maior disponibilidade de mão de obra e de capital são as

mais prováveis a adotarem tecnologia e que para toda tecnologia adotada mais áreas são abertas em relação às unidades produtivas que não adotam.

Buainain et al. (2002), abordam questões econômicas e políticas na adoção de inovações e concluem que muitos dos condicionantes que afetam a decisão de adotar inovações não são controlados pelos agricultores, em particular os arranjos institucionais determinados pelas políticas públicas, tais como condições de acesso a crédito, educação, extensão e o próprio comportamento dos preços.

Há diferentes aspectos para se analisar os condicionantes de sistemas agrícolas, onde a identificação desses condicionantes permite compreender influências internas e externas que determinam as tomadas de decisão dos agricultores em relação a seu sistema produtivo.

2.4– Residência e seus arredores

Existem várias denominações para o espaço situado próximo as residências. Esta diversidade de nomes ocorre devido a existência de grupos sociais diferentes e pelas particularidades de cada membro do grupo social, porque o nome dado à estes espaços variam de acordo com a cultura de cada um. Isso se dá porque a prática de cultivo nos arredores das residências traça características de camponeses de todo o mundo, o que resulta em grande diversidade tanto estrutural quanto das funções desse espaço e de seus recursos.

Os arredores da residência caracterizam-se por possuírem uma grande diversidade de espécies e pela multiplicidade de uso dos recursos existentes no mesmo. As plantas incluem árvores, arbustos, trepadeiras, e herbáceas. Além de várias espécies animais que fazem parte das criações como bovinos, suíno, animais de estimação, aves, entre outros.

Além da multiplicidade de uso dos recursos dos arredores das residências também há uma multiplicidade de uso e nomeação dos espaços, que varia também de acordo com a cultura e necessidade de cada indivíduo.

Há várias definições feitas por diferentes autores sobre os espaços situados nos arredores das residências. Noda (2000) em um trabalho realizado em Novo Paraíso, no Amazonas explica que a denominação terreiro significa espaços sociais de produção agrícola, moradia, lazer e educação familiar, tendo originado o nome terreiro da nomeação terra.

Altieri (2002) afirma que em Java, Indonésia, muitos sistemas tradicionais combinam culturas e/ou animais com árvores ou essências florestais, como o que se denomina de “Pekarangan” (quintal doméstico). Afirma ainda que no México a unidade de manejo que incluem a casa e uma área circunvizinha ou adjacente, para a produção de grande variedade de espécies de plantas e, por vezes, de animais é denominada de quintal agroflorestal ou horto de cozinha, horto de pátio ou horto familiar .

As pesquisas referentes aos arredores das residências podem ter diversas abordagens, devido à complexidade que as envolve, possibilitando assim que haja inúmeras variáveis a serem estudadas.

Alguns exemplos de variáveis e de uso desses espaços estão apresentados nos seguintes estudos:

Brito (1996) fez uma pesquisa sobre o uso social da biodiversidade em quintais agroflorestais na região de Aripuanã, no estado de Mato Grosso e concluiu que das 228 espécies encontradas, 79 correspondiam ao uso alimentício, 53 medicinais, 102 ornamentais e 14 outros usos. Considerando ainda que os quintais da região apresentam alta diversidade de espécies e de uso dessas espécies pela população.

Garrote (2004), Considera que o quintal é modelado por seus moradores com base nas suas necessidades e escolhas e que são espaços ocupados de diferentes formas, traduzindo diferentes zonas de manejo, oferecendo pistas para identificar quem os manejam e suas preferências.

Em suma as residências e seus arredores não são apenas espaços produtivos, mas multifuncional, onde as pessoas manifestam sua cultura, suas crenças, seus mitos, sua história; promovem encontros, festas, cultos, rezas, benzeduras; constroem relações com as plantas e animais; extraem dele recursos para sua sobrevivência e produzem alimentos.

3. METODOLOGIA

A metodologia baseou-se na descrição e decomposição dos arredores das residências, de nove unidades produtivas, visando identificar na perspectiva do agricultor, suas tomadas de decisão para o uso e manejo das espécies.

3.1 - Princípios Metodológicos

A coleta de dados foi por intermédio de entrevistas abertas, semi-estruturadas, observação participante e lista livre, feita de acordo com as metodologias propostas por Albuquerque e Lucena (2004), complementadas com croquis dos espaços estudados.

As metodologias aplicadas na coleta de dados visam um diálogo de campo em que se respeite o referencial do outro. Buscando uma relação de respeito e confiança entre ambas as partes (informante e pesquisador). E tem como essência o conhecimento do informante, sem nenhum intuito de levar conhecimento até às comunidades e sim de obtê-lo junto aos agricultores, busca-se com isso compreender a lógica de quem informa. As entrevistas e croquis foram feitos com os homens, mulheres e crianças de forma individual, respeitando as distintas formas de ver e dar nome aos espaços situados nos arredores das residências.

3.2 - Local da Pesquisa

A área escolhida para a pesquisa é uma região de antiga Sesmaria, em que essa condição levou os agricultores ao uso comum das terras. Essa área passou por processos de mudanças com a divisão de terras, tornando-se hoje um local onde convivem agricultores tradicionais e fazendeiros.

Foram pesquisadas nove unidades produtivas, sendo sete de descendentes de antigos moradores da região e duas de agricultores recém chegados.

Cinco unidades produtivas de famílias nucleares estão localizadas na comunidade Nossa Senhora da Guia, na Bocaina do Taquaral e na Serra do Poção, entre os Km 24 e 30 da rodovia MT-343 que liga Cáceres a Barra do Bugres-MT.

E quatro unidades produtivas de famílias nucleares estão localizadas na comunidade Sagrado coração de Jesus, distando aproximadamente 20 Km da comunidade Nossa Senhora do Carmo, já fora da rodovia MT-343. A distância é de aproximadamente 250Km da capital do estado Cuiabá.

3.3 - Definição da Área de Estudo

A escolha do local foi feita por amostra intencional ou por julgamento, em que o pesquisador escolhe grupos específicos, baseados na sua experiência ou conhecimento sobre o local a ser estudado, (Albuquerque e Lucena, 2004). Usou-se o critério de se trabalhar com Unidades Produtivas onde já haviam sido realizadas pesquisas anteriores e que tinham tido o aceite dos agricultores para sua realização, pois os mesmos já tinham tido experiência com esse tipo de trabalho. Nas pesquisas anteriores a região foi escolhida por suas características, pelo predomínio de agricultura familiar e pela população local ser tradicional.

O nome das Unidades Produtivas estudadas, dos participantes da pesquisa, e de suas respectivas comunidades / localidades, estão listados na Tabela 1.

Tabela 1. Identificação das UPs investigadas nas comunidades Nossa Senhora da Guia e Santana, região da Morraria, município de Cáceres – MT.

Código	Nome da UP	Membros da Família	Comunidade/Localidade	Coordenada S	Coordenada W
UP001	Sítio Santa Luzia	Antonio V.o da Silva e Maria Vieira da Silva	Sagrado Coração de Jesus / Santana	15°53'03"	57°26'48"
UP002	Fazenda Chapadinha	José Marino F.Mendes e Anacleta F.Mendes	Nossa Senhora da Guia / Chapadinha	15°55'44"	57°31'18"
UP003	Sítio São José	Porfírio N. Pires e Maria dos Santos	Nossa Senhora da Guia / Minador	15°55'44"	57°31'18"
UP004	Sítio Barreiro Vermelho	Luis Golberto de Oliveira e Nilza Rosa de Martins	Nossa Senhora da Guia / Barreiro Vermelho	15°54'05"	57°30'56"
UP005	Sítio Nossa Senhora Aparecida	Américo F. Mendes e Isabel de O.Mendes	Nossa Senhora da Guia / Chapadinha	15°57'04"	57°31'28"
UP006	Sítio São Sebastião	Leonardo F. de Paula, Rosa M. de Paula e Benedita de P. Melo	Nossa Senhora da Guia / Chapadinha	15°56'06"	57°31'29"
UP007	Sítio Nossa Senhora Aparecida	Dielson V. da Silva, Lourença da Silva e Diego V. da Silva	Sagrado Coração de Jesus / Santana	15° 52' 98"	57° 26' 77"
UP008	Sítio Sete Estrelas	João Batista A da Silva e Hermelinda F. da Silva	Sagrado Coração de Jesus / Retiro	15°52'02"	57°26'59"
UP009	Sítio Três Corações	Catulino L.Viana e Cecília L.Viana	Sagrado Coração de Jesus / Santana	15°53'23"	57°27'37"

3.4 - Visita as Comunidades

Duas visitas foram realizadas inicialmente às comunidades para apresentação do pesquisador e dos objetivos da pesquisa, assim como para conhecer o local e os prováveis informantes.

A primeira visita foi feita em algumas residências de moradores que já haviam participado de pesquisas anteriores. A priori buscou-se manter os mesmos informantes, porque haviam colaborado com o programa de pesquisas e por já estarem familiarizados com a metodologia adotada.

A segunda visita foi realizada para organizar o calendário dos trabalhos de campo.

3.5 - Elaboração do Guia

No guia utilizado na pesquisa constavam os seguintes temas e questões.

Tema: Caracterização da Unidade Produtiva.

Perguntas: Nome do proprietário, membros da família e nome do sítio.

Tema: Importância Do Quintal.

Perguntas: Para quê serve o quintal?, Por quê ter o quintal? Ou por quê o quintal é importante para a família?

Tema: A Escolha do Local.

Perguntas: por quê escolheram o local para fazer a casa e o quintal?, como fizeram para se instalarem no local?

Tema: Perda de Espécies.

Perguntas: por quê ocorre a perda ou morte de algumas espécies no decorrer do ano? E quais as conseqüências dessa perda para o agricultor?

Tema: Plantas Medicinais.

Perguntas: Por quê plantam espécies que servem para remédio? Por quê às usam como remédio? E se manifestarem preferência, por quê preferem as plantas do quintal como remédio?

Tema: Plantas Alimentícias.

Perguntas: por quê plantam espécies usadas para alimentação? e qual a importância dessas plantas para a família?

Tema: Plantas Ornamentais.

Pergunta: Por quê plantam espécies ornamentais no quintal e para quê servem as plantas ornamentais do quintal?

Tema: Cultura e Tradição.

Perguntas: Quais as festas, reuniões ou comemorações realizadas nos quintais e por quê são feitas no quintal?

Tema: Espécies.

Perguntas: Quais as plantas existentes nos arredores de sua residência? e Quais os animais existentes nos arredores de sua residência?

Tema: Procedimentos Técnicos.

Perguntas: Quais as ferramentas usadas no plantio de cada planta e por quê usam a ferramenta?

Se necessário perguntar por quê é melhor para plantar a espécie ou para fazer a cova do plantio?

Quais as formas de plantio e por quê precisam ser plantadas de forma diferente umas plantas das outras?

Qual a melhor lua para plantar as plantas de quintal e por quê?

Qual a melhor época para plantar as plantas de quintal e por quê?

Tema: As Criações:

Por quê criar porcos? e Para que servem os porcos?

Por quê criar bovinos? e Para que servem os bovinos?

Por quê criar galinhas?, Para que servem as galinhas?

Por quê criar cachorros? e Para que servem os cachorros?

Por quê criar gatos? e Para que servem os gatos?

Por quê criar cavalo? e Para que servem os cavalos?

Temas faltantes abordados posteriormente à primeira análise dos dados:

Tema: Mão de obra empregada nas atividades do quintal.

Ao homem: Quais as atividades que o senhor desenvolve no quintal? Por quê o senhor faz essas atividades?, Quantas horas por dia o senhor gasta

nas atividades do quintal? e Por quê as outras atividades são feitas pela mulher?

À mulher: Quais as atividades que o senhora desenvolve no quintal? Por quê o senhora faz essas atividades?, Quantas horas por dia o senhora gasta nas atividades do quintal? e Por quê as outras atividades são feitas pelo homem?

Tema: Nome do espaço situado ao redor da casa.

Perguntas: Como você chama esses espaços ao redor da casa?, Como seus pais e avós, chamavam esses espaços?, Quando os pais e avós definirem por nomes distintos, perguntar o por quê da distinção na denominação.

Tema: Trocas de material genético.

Perguntas: Para quem você doa e recebe muda ou sementes?, Onde moram essas pessoas?, Por quê doou muda e sementes para outras pessoas? e Por quê pegam mudas e sementes com vizinhos, parentes, amigos e outros?

Tema: Mudanças nos quintais de uma geração a outra.

Perguntas: O que mudou no quintal, na forma como seu pai o mantinha e na forma como você mantém? e Porquê houve essa mudança?

Tema: Preferência por plantas e animais.

Perguntas: Quais as suas plantas preferidas? Por quê as preferem? e Quais os animais preferidos? Por quê os preferem?

Tema: A chuva para o quintal.

Pergunta: O que muda com a chegada das chuvas? Quais espécies surgem com a chegada da chuva? O que mudou no quintal, de quando foram feitas as entrevistas na seca, para agora com as chuvas? e Por quê as chuvas são importantes para o quintal?

Croqui: Cada agricultor deve fazer o croqui da forma como cada um percebe e dá nome aos espaços nos arredores das residências.

3.6 - Coleta de Dados

Esta primeira etapa do trabalho de campo foi realizada com agricultores que se prontificaram a colaborar com a pesquisa. Inicialmente foram feitas visitas explicando os objetivos do trabalho. A partir do aceite dos agricultores, foram agendadas as entrevistas. A coleta de dados foi feita com moradores que atenderam aos critérios de estar de acordo com a realização do trabalho e possuir conhecimento sobre os espaços e recursos existentes nos arredores das residências, por serem camponeses que mantêm essa prática por gerações.

Como a pesquisa ocorreu em duas comunidades diferentes e distantes uma da outra, as viagens foram feitas em duas etapas a primeira em Santana e a segunda em Nossa Senhora da Guia, porém a metodologia aplicada para a coleta de dados foi à mesma e o tempo de estadia foi de aproximadamente 10 á 15 dias em cada comunidade.

3.7 - Realização das Entrevistas

As entrevistas foram abertas e semi-estruturadas. Tanto o agricultor como a agricultora de cada unidade produtiva estudada, participaram da entrevista.

Foram confeccionados um croqui da residência e seus arredores estudados, de acordo com as percepções do agricultor e de sua família, constando todos os espaços existentes e suas respectivas localizações.

O registro foi realizado no decorrer da entrevista, mediante anotações, utilizando as mesmas palavras do entrevistado, evitando resumir as respostas.

3.8 - Sistematização dos Dados

A caracterização dos espaços da unidade de manejo foi feita a partir do croqui, onde o agricultor identificou oito espaços nos arredores da residência: terreiro, terreiro da casa, terreiro das plantas, quintal, corredor, piquetinho, roça do quintal e pátio, além da casa e da cozinha.

Com as informações obtidas nas entrevistas foram descritos os recursos existentes nos arredores das residências, o uso e o manejo dos mesmos por cada agricultor em cada unidade produtiva.

A decomposição foi feita para as unidades de manejo situadas nos arredores das residências, ou seja, dos oito espaços identificados pelos agricultores, para tanto foram considerados todos os componentes usados e manejados pelos agricultores nas áreas escolhidas. Seguindo o princípio do método de listagem livre, em que os informantes listavam, separadamente, todas as espécies de plantas e animais e os eventos ligados ao manejo desses recursos, realizados no interior desses espaços, o uso de cada espécie, além do uso dos espaços, bem como as razões e os condicionantes de cada um deles que foram estruturados os temas abordados.

A decomposição foi feita com as informações descritas a seguir:

- **Espécies:** foram listadas todas as espécies animais e vegetais existentes nos arredores das residências, independente do agricultor fazer uso ou não.
- **Uso das espécies:** foram citadas todas as alternativas de uso para cada espécie animal e vegetal listada pelo informante.
- **Manejo das plantas:** foram listadas todas as técnicas operacionais e o instrumento necessário à realização do manejo de cada planta.
- **Condicionantes do uso e do manejo:** Foram identificados os fatores que condicionavam as tomadas de decisão dos agricultores quanto ao uso e manejo dos recursos existentes nos arredores da residência;

3.9 - Imprevisto Metodológico

O fato da residência e seus arredores serem sistemas complexos e de considerar a percepção e o conhecimento do camponês faz com que a compreensão da lógica de quem os manejam e usam seja um desafio para o pesquisador. No decorrer da pesquisa essa complexidade se manifestou e apareceram algumas dificuldades.

Uma das dificuldades relacionou-se a nomeação dada pelos agricultores aos espaços situados ao redor da casa, pois durante a análise das entrevistas foi percebido que alguns camponeses chamavam ora o espaço de quintal ora de terreiro. Surgiu então a primeira dúvida: Como inicialmente a pesquisa era sobre quintais e a pergunta direcionada nesse sentido: Será que eles chamavam de quintal os arredores da residência, porque o pesquisador já ia a campo com essa definição prévia? E assim induzindo as respostas dos informantes.

Na literatura costuma-se definir o quintal como o espaço situado nos arredores da casa, a partir dessas informações, foi definido que a pesquisa seria com quintais, considerando que o mesmo abrangesse os arredores das residências, deixando de considerar a forma como os agricultores visualizam e dão nome.

Detectada essa falha de metodologia buscou-se usar outros métodos para que o agricultor definisse esses espaços de acordo com seu conhecimento e sua tradição, através de croquis das residências e seus arredores, pedia-se ao informante que desse nome a cada um dos espaços situados nos arredores da casa. Além disso, foi pedido aos agricultores que descrevessem como era a residência e arredores de seus pais, para compreendermos através da comparação entre as duas gerações, suas diferenças e por fim entender algumas lógicas dos agricultores.

Outra dúvida que surgiu foi a de dar nome ao conjunto de espaços estudados, visto que na literatura sempre é tratado como estudo de quintal, terreiro ou home gardens e em se tratando de um conjunto de espaços, como o caso particular dos moradores da Morraria que possuem várias

estruturas ou subsistemas, a dificuldade estava em como dar nome a isso, porque a pesquisa engloba tanto a casa, quanto seus arredores, e o quintal na perspectiva dos morroquianos, é apenas uma parte desse conjunto de espaços. Decidiu-se então por chamar de residência e seus arredores, para englobar todos os espaços a que a pesquisa se dedica.

Identificou-se a partir disso que existiam outras definições para os espaços situados nos arredores da residência.

3.10 - Classificação dos condicionantes

Os condicionantes identificados foram classificados por intermédio da decomposição das informações em idéias e agrupadas em filtros de acordo com os temas abordados, sendo que para cada tema foram criados os filtros separadamente. Esses filtros não são excludentes, pois um mesmo condicionante pode ser resultante da conjugação de dois ou mais filtros, (Costa,2004). Ex: Na a escolha da lua para realizar o plantio a idéia “Abacaxi não pode plantar na lua cheia ele macheia”, tem relação com 4 filtros diferentes: Produtividade, espécie de planta, tipo de lua e plantio. Esses filtros são os condicionantes da escolha da lua para o plantio de abacaxi.

Esses filtros serviram para categorizar e separar as características de acordo com seu critério super-ordenado, (Alves,2004).

Os temas e os significados dos filtros são descritos a seguir:

Escolha do local (Filtros)

Área de roça – O agricultor escolhe uma área e faz roça, já pensando em deixar o local para posterior a colheita fazer sua casa, a roça prepara a terra e o espaço em que o agricultor vai instalar sua residência.

Disponibilidade hídrica – O agricultor escolhe um local onde haja disponibilidade de água, ou seja, áreas que sejam próximas de córregos, rios ou poços.

Inundação – O agricultor escolhe locais que não tenham inundações na época de chuvas. E alguns mudaram do local antigo de residência por causa

das inundações e hoje residem em locais que não passa por esses problemas.

Estrada – O agricultor escolhe o local pensando na estrada, quer seja por proximidade ou distancia da mesma e pela facilidade de transporte e de saída da família para outros locais, como escola, cidade, entre outros.

Paisagem – O agricultor escolhe o local pela paisagem que pode ser visualizada em seu entorno.

Sol – O agricultor escolhe o local pensando na incidência de sol nos espaços em que estarão dispostas as plantas.

Criações – O agricultor escolhe um local que favoreça as criações, um local que tenha condições das criações se manterem.

Local plano – O agricultor escolhe o local por ser uma área plana para instalar sua residência.

Local baixo – O agricultor descarta o local por ser baixo, pois os locais baixos estão sujeitos a inundações.

Local alto – O agricultor escolhe o local por ele estar disposto em áreas altas, pois esses locais não têm problemas de inundação em épocas chuvosas.

Não foi opção do informante – A escolha do local não teve influência do informante, pois o local foi escolhido por outra pessoa, quer seja por um morador antigo ou por outro membro da família.

Local antigo não adequado – O agricultor escolheu outro local para instalar sua residência porque o local escolhido anteriormente não era adequado.

Insetos – O agricultor escolheu um local onde não haja a presença de muitos insetos, como os mosquitos, que incomodam o agricultor.

Estrutura pronta – O agricultor optou em ficar em um local que já havia uma estrutura pronta, ou seja, o local já tinha as estruturas feitas pelo morador anterior.

Tipo de vegetação – O agricultor escolheu um local onde a vegetação era mais adequada e favorável para a limpeza e instalação da residência.

Solo – O agricultor escolheu o local para instalar sua residência onde o solo é fértil, para o mesmo plantar nos arredores da casa.

Saúde – O agricultor escolheu o local por problemas de saúde.

Distância – O agricultor escolhe um local que favoreça a distância de algum recurso, quer seja pela proximidade ou distanciamento do mesmo.

Adequação – O agricultor escolhe um local que o mesmo considere adequado para instalar sua residência.

Beleza – O agricultor escolhe um local que seja bonito para instalar sua residência.

Tamanho – O agricultor escolhe o local para instalar sua residência pela disposição de área, ou seja, pelo tamanho da área disponível para instalar a residência.

Sossego – O agricultor escolhe um local que lhe proporcione tranquilidade, sem muita movimentação de pessoas ou veículos.

Perigo – O agricultor escolhe um local onde não acha perigo, com o ataque de animais peçonhentos.

Importância dos arredores da residência (Filtros)

Local agradável – É por ser um local agradável para o agricultor.

Liberdade – É um local onde o agricultor sente-se livre.

Melhoria do local – É onde o agricultor pode produzir e trazer melhorias para Unidade Produtiva.

Conforto – É um local que oferece conforto para o agricultor e sua família.

Ter recursos – É um local onde o agricultor pode produzir recursos para sua Unidade Produtiva.

Olhar do outro – É o local onde as pessoas passam e admiram ou não sua produção nos arredores da residência.

Plantar – É o local onde o agricultor pode plantar.

Criar – É o local onde o agricultor pode ter suas criações.

Sombra – É um local onde o agricultor planta ou deixa árvores que lhes sirvam de sombra.

Fatura – É um local onde o agricultor produz e tem fatura de alimentos, tanto de plantas quanto de animais.

Não ter que pedir – É um local onde o agricultor produz para não precisar pedir o que precisa ou gosta para outras pessoas.

Beleza – É um local que o agricultor pode deixar bonito.

Não comprar – É o local onde o agricultor produz para não precisar comprar em outros locais.

Vida – É um local onde seus recursos representam a vida para o agricultor.

Lazer – É um local de lazer e diversão para o agricultor.

Cuidado – É um local em que o agricultor dedica seus cuidados com os recursos existentes nesses espaços.

Limpeza – É um local limpo em que o agricultor pratica a limpeza freqüentemente.

Estimação – É um local estimado pelo agricultor.

Produção – É um local onde o agricultor produz.

Paraíso – É um local que o agricultor considera como um paraíso.

Local de viver – É o local onde o agricultor vive e passa grande parte do seu tempo.

Flores – É um local onde o agricultor planta para ter flores.

Frutos – É um local que o agricultor planta para ter frutos.

Cercamento – É um local que o agricultor mantém cercado.

Remédio – É um local que o agricultor planta para ter remédio.

Distração – É um local onde o agricultor se distrai com os cuidados com as plantas e animais.

Zelar pela natureza – É um local onde o agricultor planta para contribuir com a natureza e zelar por ela.

Tradição – É um local que já existia nas gerações passadas, ou mesmo os recursos existentes nele e que o agricultor mantém.

Alimentação – É um local que o agricultor produz para sua alimentação.

Vista do local – É um local onde o agricultor tem uma boa visão do ambiente ao redor.

Proteção – É um local onde o agricultor planta para que as plantas protejam a casa de intempéries.

Plantas – É um local onde o agricultor pode ter plantas.

Uso de plantas medicinais (Filtros)

Facilidade – O agricultor planta pela facilidade de ter próximo da casa quando precisa usar para preparar um remédio.

Necessidade – O agricultor planta porque precisa delas para usar como remédio.

Proximidade – O agricultor planta para tê-las próximas de sua residência.

Buscar na mata – O agricultor planta para não precisar buscar na mata as plantas que precisa.

Melhor – O agricultor planta porque considera as plantas medicinais melhor para seu consumo.

Química – O agricultor planta para não precisar usar produtos que contém química em sua composição.

Comprar – O agricultor planta para não precisar comprar em outros locais.

Sentir-se bem – O agricultor planta porque se sente bem em consumir remédios feitos com plantas medicinais.

Sentir-se mal – O agricultor planta porque se sente mal em consumir remédios de farmácia.

Preferência – O agricultor planta porque prefere os remédios caseiros.

Remédio de Farmácia – O agricultor planta para não consumir ou ter que comprar remédios de farmácia.

Curar doenças – O agricultor planta para curar eventuais doenças que os membros da família venham a ter.

Preço – O agricultor planta porque o preço dos remédios de farmácia é alto.

Bom – O agricultor planta porque acha bom ter plantas medicinais ao redor de sua residência.

Benefício a outros – O agricultor planta para doar a outras pessoas que precisem de remédio caseiro.

Distância de assistência médica – O agricultor planta porque sua residência fica distante de locais que prestam assistência médica.

Socorro imediato – O agricultor planta porque o remédio caseiro serve para um socorro imediato para curar sua doença ou até que o agricultor possa procurar assistência médica.

Espécie de planta – O agricultor planta para ter algumas espécies de plantas nos arredores de sua residência.

Diversidade de uso – O agricultor planta porque essas plantas podem ter outros usos.

Valor - O agricultor planta porque considera que são plantas de valor para ele.

Ter em casa – O agricultor planta para tê-las em casa.

Pedir – O agricultor planta para não precisar pedir para outras pessoas.

Perda de espécie – O agricultor planta para não perder as espécies medicinais.

Comercialização – O agricultor planta para seu consumo e não comercializa as espécies mesmo que haja procura.

Manejo – O agricultor planta porque sabe o manejo adequado das plantas e o manejo errado pode matar a planta.

Remédio caseiro – O agricultor planta para preparar remédios caseiros.

Conhecimento – O agricultor planta porque conhece as espécies medicinais e sabe prepara-los.

Uso de plantas alimentícias (Filtros)

Bom Ter – O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque acha que é bom dispor delas para seu uso.

Os outros terem – O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque outras pessoas têm essas plantas em suas Unidades Produtivas.

Ver em outro local – O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque vê em outros locais.

Gostar - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque gosta das plantas.

Tradição - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque é um cultivo tradicional, que seus pais cultivavam e ele mantém em sua Unidade Produtiva.

Espécies de plantas - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para ter determinadas espécies de plantas.

Alimentação humana – O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque usa como alimento para a família.

Comprar - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para não precisar comprar em outros locais.

Proximidade da casa - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para tê-las próximas da casa para quando precisar.

Valor nutricional - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência por seu valor nutricional na alimentação da família.

Alimentação animal - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque servem de alimento para os animais, tanto os domésticos, quanto os selvagens que visitam sua Unidade Produtiva.

É feio não plantar - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque acha que é feio para ele não produzir esse tipo de planta em sua Unidade Produtiva.

Subsistência - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque é um meio de subsistência, essas plantas permitem que o agricultor permaneça em sua unidade produtiva, por produzir alimento para a família.

Distância - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque se não produzir em sua Unidade Produtiva terá que buscar em locais distantes.

Recurso monetário - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque a venda de alguns produtos gera dinheiro para auxiliar nas despesas.

Sombra - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque servem de sombra.

Lazer - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque se divertem com elas.

Remédio - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque algumas servem de remédio para ele.

Produção – O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque quer ver a planta produzir.

Vida - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque ao cultivá-las o agricultor vive mais.

Esperança - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque tem esperança de vê-las produzir.

Alimento fresco - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para um alimento fresco, apanhado na hora que vai ser consumido.

Armazenamento - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para armazenar os alimentos para consumir quando precisar.

Fatura - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para ter fatura de alimentos.

Zelar pela natureza - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para zelar pela natureza.

Importante - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque acha importante tê-las.

Beneficiar a outro - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para doar para outras pessoas.

Ataque de animais - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque cuidam para os animais não atacarem.

Cuidado - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque dedicam cuidados com essas plantas.

Manejo - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque elas precisam de manejos adequados.

Beleza - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque as acham bonitas.

Conhecimento - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência porque conhecem essas plantas e seu manejo.

Pedir - O agricultor cultiva essas plantas nos arredores da residência para não ter que pedir para outras pessoas.

Uso de plantas ornamentais (Filtros)

Ver em outro local – O agricultor planta porque vê plantado em outras residências.

Beleza – O agricultor planta porque acha bonito tê-las nos arredores da casa.

Enfeitar – O agricultor planta para enfeitar os ambientes que desejar, como a casa altar para reza, entre outros.

Ocupar espaço - O agricultor planta para ocupar os espaços vazios nos arredores da residência.

Atrair insetos - O agricultor planta porque essas plantas atraem insetos como as abelhas.

Utilidade - O agricultor planta porque acha que essas plantas têm alguma utilidade para ele.

Cuidado - O agricultor planta porque são plantas que ele cuida.

Sentimento da planta - O agricultor planta porque considera que as plantas sentem tristeza, alegria, gratidão.

Gostar - O agricultor planta porque gosta desse tipo de planta.

Remédio - O agricultor planta porque algumas espécies também servem como remédio.

Ar puro - O agricultor planta porque acha que essas plantas proporcionam um ar puro.

Trabalho feminino - O agricultor planta porque essas plantas ocupam o tempo das mulheres ao dedicarem os cuidados que essas plantas precisam.

Alegria - O agricultor planta porque considera que essas plantas dão alegria a casa e ao amanhecer.

Introdução de novas espécies - O agricultor planta para ter novas espécies que vê em outros locais e leva muda para plantar nos arredores de sua casa.

Doar mudas - O agricultor planta para doar mudas para outras pessoas, vizinhos, parentes ou para quem pedir.

As pessoas acham bonito - O agricultor planta porque as pessoas vêm nos arredores de sua residência e admiram, achando bonito.

Vida - O agricultor planta porque considera que essas plantas representam a vida.

Ambiente agradável - O agricultor planta para ter um ambiente agradável.

Cheiro - O agricultor planta porque gosta do cheiro que essas plantas têm e exalam no ambiente.

Ambiente colorido - O agricultor planta para ter um ambiente bastante cores.

Indiferente - O agricultor não planta porque é indiferente a presença ou ausência dessas plantas.

Flores - O agricultor planta porque gosta de ter flores nos arredores da residência.

Jardim - O agricultor planta para ter um jardim nos arredores da residência.

Ferramentas usadas no manejo das plantas existentes nos arredores da residência (Filtros)

Tipo de cova – O uso de uma determinada ferramenta é definido pelo tipo de cova que o agricultor quer fazer, podendo ser redonda, quadrada, comprida, rasa, profunda.

Tipo de planta – O uso da ferramenta depende da espécie da planta que o agricultor quer plantar, para cada planta ele usa uma ferramenta específica.

Local de plantio – O uso de uma determinada ferramenta depende do local onde ela é plantada. Ex: as plantas de terreiro usam um tipo de ferramenta, as plantas de roça usam outro tipo de ferramenta.

Facilidade de trabalho – O agricultor usa determinada ferramenta porque a mesma facilita a realização de seu trabalho.

Alternativa de ferramenta – São instrumentos usados como ferramenta para realizar o plantio, como a mão, espeto, faca, facão.

Depende do uso – O uso de determinada ferramenta depende do tipo de serviço que ela será usada.

Prática de uso – O uso da ferramenta é determinado pela prática que o agricultor tem em lidar com a ferramenta, ou seja, pela prática que o agricultor tem em manejar a ferramenta.

Tipo de serviço – O uso de uma determinada ferramenta se relaciona com o tipo de serviço que ela faz. Ex: A cavadeira é para tirar a terra e o facão é para cavar a terra.

Tipo de solo – O uso de determinada ferramenta ou de uma alternativa de ferramenta depende do tipo de solo. Ex: A terra macia usa espeto e as mãos e terra mais compactada ou com pedras usa a cavadeira.

Capacidade de Serviço – O uso de uma determinada ferramenta é definido pela sua capacidade e resistência para realizar o serviço que o agricultor deseja.

Tamanho da raiz – O uso da ferramenta depende do tamanho da raiz da planta que o agricultor pretende plantar.

Forma de uso – O uso de determinada ferramenta depende da forma que ela é usada, ou seja, da forma como o agricultor maneja a ferramenta para obter o resultado que ele deseja.

Economia no plantio – A ferramenta usada economiza as sementes na hora de realizar o plantio.

Esforço – A ferramenta usada pelo agricultor dispensa maior ou menor esforço por parte do mesmo.

Forma de propágulo – O uso da ferramenta depende da forma como a planta é propagada se por semente, ou por muda.

Auxilia o uso de outra ferramenta – A ferramenta usada pelo agricultor auxilia no serviço que será realizado com outra ferramenta.

Uso – São ferramentas ou instrumentos alternativos que são usados pelo agricultor para realizar seu trabalho na Unidade produtiva.

Influência da lua no plantio de espécies vegetais existentes nos arredores da residência (Filtros)

Produtividade – O agricultor determina a lua para plantar pela produtividade da planta, quer seja porque a lua influencia e positiva ou negativamente em sua produção.

Crescimento – O agricultor planta em determinada lua porque ela influencia no crescimento da planta.

Espécie de planta – O agricultor define a lua para plantar de acordo com a espécie da planta, pois para uma espécie a lua tem um tipo de influência e para outra espécie tem outro tipo de influencia.

Pragas – O agricultor não planta em uma determinada lua porque sua influência favorece o surgimento de pragas nas plantas que foram cultivadas.

Boa – O agricultor planta em determinada lua porque sua influência é boa para a planta.

Ruim - O agricultor não planta em determinada lua porque sua influência é ruim para a planta.

Beleza – O agricultor decide plantar em uma determinada lua porque ela influencia na beleza da planta, quer seja, porque a planta fica mais bonita sob a influencia da lua ou ele não planta nessa lua porque a planta não fica bonita.

Perda de espécie – O agricultor não planta em determinadas luas porque perdem as plantas, elas morrem sob a influência de uma determinada lua.

Tipo de lua – Cada fase lunar tem um tipo de influencia sob a planta, o agricultor decide por uma determinada lua de acordo com a influência que ela exerce sob a planta.

Não influência – O agricultor não acredita na influência da lua sob as plantas.

Clareza da lua – O agricultor escolhe plantar em uma determinada lua por causa de sua clareza, ele acredita que a planta goste mais de maior clareza.

Natureza – O agricultor acredita que a influência da lua sob a planta é um fenômeno da natureza.

Local de plantio - O agricultor acredita que a influência da lua é diferente para as plantas de locais diferentes. Ex: As plantas cultivadas no terreiro têm a influencia de um tipo de lua e as plantas cultivadas na roça de outro tipo de lua.

Planta em uma lua para nascer em outra – O agricultor acredita que quando a planta é cultivada em uma fase lunar e nasce em outra, exerce influencia sob a planta.

Altura da planta – O agricultor planta em uma determinada lua porque ela influencia no tamanho da planta.

Intempéries – O agricultor planta em uma determinada lua porque ela influencia na resistência da planta com intempéries que a prejudica. Ex: os ventos.

Replântio – O agricultor acredita que determinada lua influencia no replântio das plantas.

Tempo de produção – O agricultor planta em uma determinada lua porque ela influencia no tempo em que a planta produz.

Tradição – O agricultor planta em uma determinada lua por uma tradição familiar, porque segue um conhecimento herdado de seus pais.

Tipo de solo – O agricultor acredita que o que influencia a planta é o tipo de solo e não a lua.

Plantio – O agricultor usa a influência da lua para realizar seus plantios.

Época usada pelos agricultores para o plantio de espécies vegetais (Filtros)

Mês – O plantio é determinado por um mês específico em que o agricultor o considera mais adequado para plantar.

Disponibilidade hídrica – O agricultor considera a disponibilidade de água o fator que determina o plantio, tendo água quer seja da chuva ou para regar as plantas pode-se plantar.

Categoria de plantas – O agricultor determina a melhor época para plantar dependendo da categoria de planta. Ex: plantas medicinais, plantas de flor, hortaliças, cada categoria de planta tem exigências diferentes quanto à época de plantio.

Nascimento de plantas – O agricultor inicia o plantio na época em que as plantas brotam a qual chamam de “mês dos brotos”.

Precipitação – O plantio esta diretamente relacionado à época de chuvas, é ela que determina quando o agricultor pode plantar, pois as plantas que são cultivadas dependem exclusivamente da água das chuvas para desenvolverem.

Qualquer época – O agricultor tem outras referências para realizar o plantio, não se baseia em uma época especifica, geralmente porque acredita que se houver água a época de se plantar não influencia no plantio.

Local de plantio – O agricultor determina a época de plantar pelo local onde as plantas serão cultivadas. Ex: As plantas de terreiro têm uma época para serem plantadas e as plantas de roça outra época.

Não precisa plantar – São as plantas que não necessitam serem cultivadas as sementes ficam no solo e em uma determinada época do ano elas brotam.

Rega – O agricultor se decide por realizar o plantio pela rega das plantas, quer seja porque diminui, por não precisar mais regar ou por que se regar as plantas a época não influencia no plantio.

Umidade do solo – O agricultor define o plantio pela umidade do solo, ou seja, planta em uma época em que o solo esteja mais ou menos umedecido dependendo da exigência da planta.

Espécie de planta – O agricultor define a época de plantar de acordo com a exigência de cada espécie de planta.

Pragas – O agricultor planta em uma época em que não favoreça o surgimento de pragas nas plantas.

Vento – A época de plantar é definida pela direção do vento.

Lua – O agricultor considera a lua para plantar e a época não influencia no plantio.

Desenvolvimento da planta – A época de realizar o plantio esta relacionado ao desenvolvimento da planta, o agricultor deixa de plantar em uma determinada época por prejudicar o desenvolvimento da planta ou escolhe uma época que favoreça seu desenvolvimento.

Passado – O agricultor determinava a época de plantar pela época em que seus pais plantavam.

Seca – O agricultor determina a época de plantar pelo período de seca, ou seja, enquanto permanece a seca o agricultor não planta.

Propágulo – O agricultor define a época de plantio pela forma de propágulo da planta, se por semente ou muda.

Perda de espécies vegetais nos arredores da residência (Filtros)

Escassez hídrica – O agricultor acredita que a falta de água é responsável pela perda de algumas espécies em sua Unidade Produtiva.

Adubagem – O agricultor acredita que a falta adubagem adequada causa a perda de algumas espécies em sua Unidade Produtiva.

Falta de cuidados – O agricultor acredita que há perda de espécies pela falta de cuidados com as plantas.

Manejo – O agricultor acredita que a forma de manejar a planta influencia na perda de algumas espécies.

Preferência – O agricultor têm preferência por algumas espécies de plantas e as plantas que não estão inclusas nessa preferência acabam morrendo.

Rega – A falta de rega das plantas influencia na perda de algumas espécies.

Resistência da raiz – O agricultor acredita que a resistência da raiz em desenvolver-se em determinados tipos de solo causa a perda de algumas espécies.

Período de seca – O agricultor acredita que o período seco causa a perda de algumas espécies.

Solo – O agricultor acredita que o tipo de solo influencia na perda de algumas espécies.

Profundidade da raiz – O agricultor acredita que a profundidade que a raiz da planta atinge no solo influencia na perda de espécies.

Categoria de planta – O agricultor acredita que ocorre perda de determinada categoria de planta porque devido à resistência das plantas.

Aquecimento – O agricultor acredita que quando há um aquecimento excessivo das plantas ocorre a perda da mesma.

Ecologia da planta – O agricultor acredita que a ecologia da planta influencia na perda de algumas espécies.

Armazenamento das plantas – O agricultor acredita que se não houver a armazenagem correta de sementes ocorre à perda de algumas espécies.

Insetos – O agricultor acredita que o ataque de insetos causa a perda de algumas espécies.

Não houve perda – O agricultor acredita que não houve perda de espécies de plantas em sua Unidade Produtiva.

Resistência da planta – O agricultor acredita que a resistência da planta pode causar a perda de algumas espécies.

Criação de animais nos arredores da residência (Filtros)

Alimento humano – São os animais que os agricultores criam para usar como alimento, seja sua carne, ovo ou produto do animal para o preparo de alimentos.

Comercialização – São os animais criados para a comercialização, venda do animal, parte dele, ou produto de originado do animal.

Subsistência – São os animais criados para manter o agricultor em sua Unidade Produtiva, sem a necessidade de comprar produtos de fora, produzem para o consumo da família.

Compra – São os animais criados para a finalidade de produzir renda para que o agricultor possa comprar outros animais, produtos que não são produzidos por eles ou mesmo alimentos e remédios para os animais.

Local de criação – São os animais criados para estarem em determinadas sub-divisões da Unidade Produtiva, nos quintais, pastos, entre outros, quer seja por que o animal gosta ou por ser o local mais adequado.

Alimento animal dentro da Unidade Produtiva – São os animais criados por ter recursos alimentícios disponíveis através da produção do agricultor em sua Unidade Produtiva.

Alimento animal de produtos de fora da Unidade Produtiva – São os animais criados pelo agricultor que precisam de recursos alimentícios de fora da Unidade Produtiva.

Rendimento da produção – São os animais criados com a finalidade de produtividade, ou seja, para aumentar a produção do animal.

Tipo de produção – São os animais criados para a produção quer seja de algum tipo de alimento ou para a produtividade.

Benefício a outro – São os animais criados para beneficiar outras pessoas, quer sejam parentes, vizinhos ou amigos.

Dificuldade de comercialização – São os animais criados para a comercialização, mas que são de difícil venda, quer seja porque os outros agricultores também criam, ou pela dificuldade de saída do produto da Unidade Produtiva.

Sabor – São os animais criados pelos agricultores por apreciarem o sabor do mesmo como alimento.

Alternativa de uso – São os animais criados por proporcionarem alternativas quanto ao seu uso, ou seja, o agricultor pode recorrer a ele quando necessário.

Beleza – São os animais criados porque os agricultores os acham bonitos e também para embelezar sua Unidade Produtiva.

Tradição – São os animais criados por ser uma criação que acompanha as gerações, os avós já criavam, os pais e agora esses agricultores também criam.

Superstição – São os animais criados pelos agricultores e que o mesmo acredita que não se deve ter determinada atitude com o animal ou seu produto, por não ser uma atitude benéfica, está relacionada à crença do agricultor.

Trabalho fora da Unidade Produtiva – São os animais criados para realizar serviços fora da Unidade Produtiva para beneficiar outras pessoas.

Trabalho dentro da unidade Produtiva - São os animais criados para realizar serviços, ou seja, são animais que auxiliam no trabalho do agricultor em sua Unidade Produtiva.

Transporte – São os animais criados para transportar o agricultor para outros locais, ou mesmo para o agricultor realizar serviços dentro ou fora de sua Unidade Produtiva.

Estimação – São os animais criados pelos agricultores por sentirem estima pelo animal, geralmente são animais domésticos ou que apareceram eventualmente na Unidade Produtiva e foram criados pelo agricultor.

Dificuldade de criação – São os animais criados pelos agricultores e que os mesmos tem certas dificuldades para manter a criação dos animais em sua Unidade Produtiva.

Utilidade doméstica – São os animais criados pelos agricultores e que tem alguma utilidade para sua residência, ou seja, são animais úteis para desempenhar algum papel que beneficia o agricultor e sua residência.

Proteção – São os animais criados pelo agricultor para protegê-los ou mesmo proteger sua Unidade Produtiva, de pessoas estranhas ou ataque de animais selvagens a suas criações.

Caça – São os animais criados pelo agricultor para caçar outros animais.

Aproveitamento de resíduos

Recurso Monetário – São os animais criados pelo agricultor para gerar recurso monetário para o mesmo.

Prazer – São os animais criados pelo agricultor porque os mesmos sentem prazer em cria-los.

Melhoria do local – São os animais criados para melhorar a Unidade Produtiva na perspectiva do agricultor.

Época de criação – São animais criados em uma determinada época ou em qualquer época do ano, quer represente vantagem ou desvantagem para o agricultor.

Empréstimo – São os animais criados pelo agricultor para que possam ser emprestados a outra pessoa, podendo ser partes da carne do animal, quanto

seus produtos e posteriormente devolvido quando o mesmo dispor da carne ou produto do animal que lhe fora emprestado.

Não comercializa – São os animais criados pelo agricultor sem a finalidade de comercialização e que não são comercializados pelos mesmos.

3.11 - Análise dos dados

Os dados foram analisados por meio da análise descritiva dos condicionantes, que forneceu as porcentagens dos condicionantes de acordo com a classificação adotada.

A partir do conjunto de dados extraídos da decomposição das falas dos agricultores em idéias (variáveis) por informante e agrupadas em filtros pelos aspectos abordados do uso e do manejo dos recursos existentes nos arredores das residências. A matriz de dados da classificação dos condicionantes foi construída com as variáveis (idéias) nas linhas e os informantes nas colunas. Foram atribuídos os valores 1(um) quando a idéia estava relacionado com o informante e 0 (zero) quando a idéia não tinha relações com o informante. Em seguida foi construída outra matriz com as variáveis (idéias) nas linhas e os filtros nas colunas, com 1(um) quando a idéia estava relacionada com o filtro e 0 (zero) quando a idéia não tinha relações com o filtro.

Foi calculada a porcentagem de citações para cada filtro e descrito o significado dos que foram mais representativos.

CAPÍTULO I - AS ALTERAÇÕES E DENOMINAÇÕES DOS ARREDORES DA RESIDÊNCIA, NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO DE SESMARIA À DIVISÃO DE TERRAS.

Neste capítulo será discutido o sistema de produção na época de sesmaria e o uso comum das terras, espaços e recursos naturais. Assim como as nomeações dadas pelos morroquianos aos espaços identificados por eles nessa época.

O mesmo será feito a partir das atuais unidades produtivas para compreender como é o sistema produtivo atual e as novas nomeações dadas aos espaços situados nos arredores das residências, as que foram mantidas pelos morroquianos e as novas nomeações.

Como essas mudanças e transformações se dão em todos os sistemas agrícolas será discutido também como esses camponeses percebem essas transformações de uma geração a outra, contextualizando essas percepções.

1. A História das Residências e Arredores na Época de Sesmarias no Arraial do Taquaral

A partir dos relatos dos moradores, no arraial do Taquaral tanto para as criações, como para a roça, a terra era de uso comum, havia donos e agregados, porém todos tinham direitos a usufruto, moravam em uma

espécie de vila, onde as casas eram todas próximas umas das outras e as terras eram de uso comum.

“Quem tinha escritura era quem era de sesmaria e terra de herança, agregado não tinha terra, tinha casa quintal, criação, roça, se ele fosse embora deixava a casa, tudo, só levava as criações.” (José Marino Ferreira Mendes)

Nesse tempo as residências eram caracterizadas por possuírem a casa separada da cozinha, onde a parte da frente da casa era chamada de terreiro, entre a casa e a cozinha era nomeada como corredor esta parte era toda cercada de pau a pique para proteger as plantas existentes ali.

O chiqueiro não era no quintal, distava aproximadamente 20m da casa, as galinhas e as vacas leiteiras eram criadas soltas. Cada um era dono de seus animais e os animais compartilhavam do mesmo espaço e ninguém tinha permissão para mexer com a criação do outro.

Segundo relato do senhor José Marino Ferreira Mendes o quintal de seu avô era de pau a pique de aroeira, e estava localizado entre a casa e a cozinha. As criações eram criadas soltas, os porcos, as galinhas e o gado eram comum, todos se misturavam, mas cada um era dono do seu.

As espécies vegetais que ficavam no corredor entre a casa e a cozinha geralmente era medicinal ou condimentar e poucas ornamentais. Estavam mais relacionadas á utilização como remédios e temperos.

As mulheres não se dedicavam muito as plantas ornamentais, medicinais e alimentícias em seus quintais, pois se ocupavam com outras atividades como a fiação de algodão para confeccionar redes, embornais, entre outros. Elas também costuravam, faziam suas próprias roupas e da família e compravam apenas o tecido. As mulheres faziam farinha, rapadura, biscoitos, entre outros; além ainda de levarem comida para os maridos na roça todos os dias, que chegava a se localizar de 5 a 10 Km de distância das residências. Algumas, ainda, ajudavam os maridos no trabalho da roça. As atividades que geralmente eram destinadas somente às mulheres eram lavar roupa, cuidar da casa, das crianças, costurar, tecer e cozinhar.

Havia ainda o pátio, que era uma espécie de quintal comum a todos que moravam no arraial, lá ficava o pomar, onde cada família se encarregava de plantar algumas espécies frutíferas, como laranja, manga, caju. Para comer as frutas era necessário pedir permissão para a pessoa que a plantou, mesmo a área sendo de uso comum.

Nesse pátio ainda ficavam os fornos para fazer bolos e biscoitos, o engenho de cana, a tulha, o paiol, a farinha, a fornalha, o galinheiro onde as mulheres se uniam para fazer a rapadura, a farinha, os biscoitos, bolos, e em algumas atividades as famílias trabalhavam em conjunto na produção.

As roças eram itinerantes e passavam por um período longo de pousio, onde a terra podia se recuperar, e estar apta para ser usada novamente para preparar a roça no mesmo local. Para o manejo dessas roças utilizavam-se da prática do mutirão, onde todos ajudavam a roçar, a colher. A manutenção da roça era feita, entretanto individualmente.

O tamanho da roça dependia da mão de obra disponível. Como era mão de obra familiar, quanto mais extensa a família, maior a roça, pois se dispunha de mais força de trabalho, principalmente quando a família tinha mais filhos do sexo masculino, que quando se casavam as mulheres iam morar com a família dele, aumentando a mão de obra familiar, já as famílias que tinham mais filhas, quando elas se casavam acompanhavam seus maridos indo morar com a família deles e diminuindo assim a força de trabalho de sua família, o que não lhes representava vantagens.

1.1 A Transição de Arraial do Taquaral para a Divisão de Terras

De acordo com as falas dos camponeses em 1960 o IBRA atual INCRA, impôs aos moradores do arraial o parcelamento de suas terras e que tinham que mudar da área, porque ali era patrimônio e cada um tinha que ter sua terra para beneficia-la, as pessoas que tinham terra de herança de sesmaria foram para suas terras, geralmente nos locais onde tinham as roças e fizeram suas residências.

Os agregados tiveram que se mudar para as cidades, pois não tinham direito a terra, alguns resistiram e permaneceram no arraial do Taquaral. Hoje, porém das aproximadamente 300 pessoas que moravam no arraial, apenas 6 famílias, ainda residem no local, apesar das inúmeras pressões para saírem do lugar.

Essas pessoas que permaneceram no Taquaral atualmente passam por muitas dificuldades, devido a grande redução de suas terras, ficaram com a casa e um pequeno pedaço de terra, onde fazem suas “chacras”¹ - uma espécie de roça, mas em menor extensão- dentro do quintal, por ser o único espaço disponível para praticar os cultivos necessários para manter sua sobrevivência no local.

Os moradores que conseguiram aposentadoria contam com esse recurso e com o pouco que conseguem produzir nas chacras, já os que não se aposentaram, apóiam-se na solidariedade de companheiros de comunidades vizinhas como Nossa Senhora da Guia e Santana, que possuem terras maiores e cedem um pedaço de terra para que possam cultivar suas roças, sem pagamento, sendo uma forma de ajuda-los a sobreviver e se manterem.

A luta na busca de garantir a permanência no arraial por esses agricultores é cada vez mais difícil, são muitas as pressões no sentido contrario e que já ocasionaram grandes perdas, como parte de sua tradição, cultura e capacidade de ser auto-suficiente em suas terras.

Quanto aos moradores que permaneceram nas terras de herança, também passaram por alterações em seu sistema de produção, a prática de pousio da terra, foi alterado, pois já não dispunham de terra suficiente para essa prática, isso gera esgotamento da terra.

Atualmente a região da Morraria não é somente uma terra de herança, pois muitos de seus herdeiros venderam suas terras e foram para as cidades ou outras regiões agrícolas. Hoje ela abriga além desses

¹ Há uma dissertação em que se estudou os papéis e as estruturas das chacras com o título: A Unidade de Manejo Chacra em Comunidades Agrícolas na Morraria em Cáceres-MT, escrita por Sandro Nunes Vieira no Programa de Pós-graduação de Agricultura Tropical – FAMEV – UFMT, 2006.

herdeiros de terras de sesmarias, novos agricultores vindos de outras regiões do país ou mesmo de regiões circunvizinhas.

A situação fundiária na região é bastante complexa, pois assim como há agricultores com documentos das terras. Há outros com documentos sem valor legal, também há aqueles com acordos verbais, o que gera alguns conflitos, internos entre familiares e externos com fazendeiros e INCRA. Aliado a isso existe as pressões dos grandes proprietários de terras com práticas da agricultura moderna, querendo padronizar as produções e adquirir cada vez maiores extensões de terra, pressionando os mesmos a venderem suas terras ou se adequarem ao seu processo de produção.

As informações obtidas com os agricultores da região, nascidos e criados ali, e que conhecem e ou até mesmo vivenciaram a época do arraial do Taquaral, nos permite conhecer como era o arraial e seus processos de mudanças, e isso é fundamental para compreender os sistemas produtivos de hoje.

1.2 Atual Situação Fundiária das Famílias que Pertenciam aos Arraiais

Quanto à situação atual, o isolamento das famílias da condição de arraial, para sítios distantes uns dos outros, fez com que certas práticas deixassem de ocorrer, como os mutirões das roças com membros do arraial e as redes familiares que uniam as famílias para a produção de farinha, rapadura, entre outros, passando hoje a ser apenas mão de obra familiar, ou seja, cotam apenas com a força de trabalho dos membros do mesmo núcleo familiar. Cada família teve que fazer benfeitorias como, paiol, tulha, engenho de cana, de forma individual em seus sítios. Os que não fizeram, têm que comprar os produtos de quem os produz, como rapadura e farinha.

As residências dos moradores antigos da região em geral permanecem com a casa e a cozinha separada por um corredor, onde a parte da frente é chamada de terreiro, uma área limpa sem plantas, ou algumas esporádicas; à parte de trás da cozinha é chamada de quintal, com grande diversidade de plantas e animais domésticos de pequeno porte e em

alguns casos a prática de hortas e viveiros, essa estrutura não é padronizada, pois existem particularidades no sítio de cada agricultor.

A grande mudança, é que com a perda de algumas atividades, como a fiação, a moagem de cana, para produzir rapadura, a produção de farinha, entre outras, as mulheres se dedicam mais as plantas. A quantidade de plantas ornamental, medicinal e alimentar aumentaram bastante é uma forma de empregarem seu tempo, além do fato de gostarem das plantas. O tamanho do espaço ao redor da casa em geral aumentou, tiraram a cerca que era de pau a pique do corredor da casa, para cercas de arame farpado ao redor do terreiro, da casa e do quintal.

Com a intenção de proteger as plantas dos animais domésticos, os porcos não são mais criados soltos, vivem em chiqueiros. As galinhas ainda são criadas soltas e o gado geralmente fica longe das residências, porém em alguns casos o curral se localiza parte do quintal.

A região da Morraria atualmente tem além dos moradores nascidos e criados na região, pessoas vindas de outras regiões, que compraram terras de moradores antigos, e trouxeram com eles novas culturas, outra forma de organização.

Os espaços identificados, a partir das informações obtidas da época do arraial do Taquaral são descritos no quadro 02 a seguir:

Tabela 02. Unidades territoriais identificadas pela memória oral dos camponeses

<p>Quintal (n=3)</p>	<p>Era pequeno e sem cerca Havia galinha, porco e gado Tinha laranjeiras e algumas plantas Era cercado de taquara para tratar as galinhas As galinhas eram soltas e só na hora de tratar entravam no quintal. Plantavam espécies medicinais e espécies ornamentais Havia quintais que possuíam mais plantas ornamentais do que outros quintais Existia quintal que não tinha nada plantado, era limpo Tinha quintal que era feito de lasca de pau a pique, que não permitia que os animais entrassem nas casas O quintal no tempo do avô era cercado de pau a pique de aroeira O quintal era entre a casa e a cozinha Tinha quintal que possuía pés de caju, manga e laranja As criações eram todas soltas no quintal, as galinhas o gado era comum, era tudo misturado e cada um tinha o seu.</p>
<p>Roça (n=3)</p>	<p>A terra era comum mas cada família tinha um espaço para roça, e cada família cuidava de forma individual da sua roça. Faziam multirão para limpar a terra e a cultura. Na roça as divisões dos cultivos eram feitas por fileiras de algodoeiro para quem fiava, outros faziam essas divisões com o cultivo de abacaxi ou de mandioca de forma retilínea. O pai tocava roça de alho. A casa do avô era no Taquaral e a roça era bem longe de lá uns 5km.</p>
	<p>O gado era colocado em uma bocaina e a roça em outra. A terra era comum, juntavam as pessoas que tinham terra com as que não tinham terra e todos usufruíam da mesma forma da terra. Algumas mulheres que moravam no Taquaral levavam comida na roça para os maridos que ficava há uns 5km de distância e ainda ajudavam na roça a maior parte do tempo.</p>
<p>Chacra (n=1)</p>	<p>A chacra tem 0,5 até 3 alqueires Na chacra existia o pomar (pés de mangueira, ata, caju, pocã), mandiocal, bananal e canavial</p>
<p>Pátio (n=3)</p>	<p>No tempo do arraial juntavam-se cerca de 3 a 4 famílias que se uniam no pátio para fazer rapadura, biscoito de fubá de milho socado no monjolo No pátio as mulheres faziam farinha milho no monjolo O monjolo era de uso comum pelas famílias e ficava no pátio No pátio tinha tuiá de guardar arroz, uma formalha de fazer rapadura, um engenho, chiqueiros, galinheiros e curral O pátio era todo limpo</p>
<p>Horta (n=1)</p>	<p>A horta cada um tinha a sua, A horta ficava uns 200m da casa, próximo do córrego A horta ficava fora do quintal</p>
<p>Casa e Cozinha (n=3)</p>	<p>A casa era separada da cozinha A casa era coberta de sapê, paredes de barro de taquara e barro, faziam piso de cupim (chão batido).</p>

Tabela 02. Continuação...

	A casa possuía três peças grandes de pau a pique A cozinha possuía duas peças comuns sem divisão e fechada. Na cozinha de um lado ficava o fogão e do outro a mesa para comer
Corredor (n=1)	Corredor não tinha plantas e limpo O corredor ficava entre a casa e a cozinha

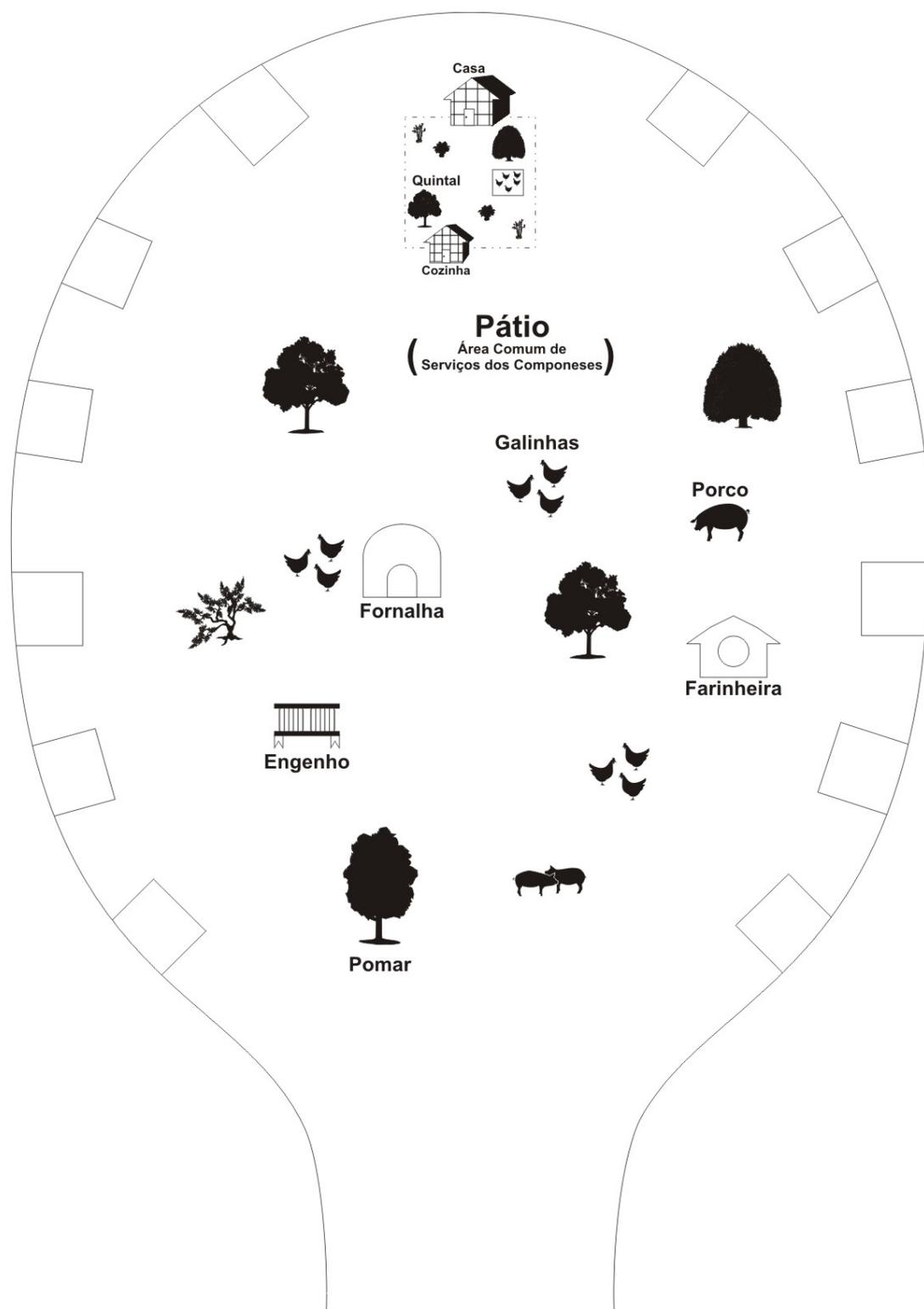


Figura 1. Croqui do Arraial do Taquaral feito a partir do relato oral dos agricultores.

1.3 Descrição e Percepção Atual dos Espaços Situados nos Arredores das Residências

Nessa pesquisa a maioria dos participantes foi de moradores nascidos e criados na região, seis unidades produtivas de moradores da região e três unidades produtivas de moradores migrantes. Dois foram os espaços mais comuns entre os moradores nascidos e criados na região e os migrantes, e esses espaços consistem em terreiro e quintal.

O convívio social em comunidades não os obriga a ter características iguais, pois cada agricultor tem suas particularidades mesmo tendo a mesma origem e cultura ou mesmo por serem da mesma família. Esse fato não determina que tenham as mesmas práticas, funções e estruturas em suas residências e seus arredores, pois seguem uma lógica particular, baseadas na forma em que cada agricultor internaliza o conhecimento adquirido no decorrer de sua existência.

Azevedo (2001) conclui em seu trabalho de doutorado no Vale do Guaporé-MT, que quando se estuda as Unidades Produtivas são percebidas grandes semelhanças entre elas, mas quando se particularizam aspectos da descrição das mesmas, surgem as particularidades de cada Unidade Produtiva.

O uso desses espaços muda de um sítio para outro independente do morador ser da região ou não e de serem da mesma família. A forma como o homem e da mulher vêem o sítio e dá nome aos espaços é diferente.

Isso se torna claro quando se descrevem os espaços ao redor das residências, pois além de se diferenciarem de uma unidade produtiva para outra, também se diferem de um indivíduo para outro. Há também características dos agricultores que se assemelham como a condição econômica, fundiária e social. Partilham então de algumas características comuns por fazer parte do mesmo grupo social, mas não deixam de manifestar suas particularidades.

O pesquisador tende a dar nomes aos espaços dos camponeses e tem a tendência de padronizar, agrupar por características, buscar semelhanças,

porém o agricultor vê os seus espaços seguindo uma lógica que é particular a cada indivíduo. Identificou-se que não há padrões e sim particularidades de indivíduos que têm formas distintas de enxergar os espaços e representá-lo através de suas práticas.

Através do código pode ser verificada a identificação dos agricultores na Tabela 01.

Tabela 03. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP001

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Tipo de planta	Benefícios
Antonio Viriato	Casa	De madeira coberta com telha de amianto, piso de chão, casa 7x9m, mais área nos fundos, área na frente e garagem, cozinha fica na área do fundo aberta. O banheiro fica fora da casa, mas faz parte dos domínios da casa.			
	Quintal	No quintal tem paiol para guardar palha de milho e a farinheira. Tudo em redor da casa é quintal, onde ficam as flores, as plantas medicinais, as frutíferas e onde fazem cultivos de mandioca, banana e abacaxi. É cercado a frente e um dos lados, o outro lado faz divisa com o sítio do filho e não tem cerca, os fundos tem a marca do poste como limite do quintal, que faz divisa com a roça de abacaxi, essa divisa pega uma pequena parte da roça, então ele considera que essa pequena parte é planta do quintal. Os cultivos dentro do quintal são de até 500 pés, pois acima de 500 pés já é roça.		plantas ornamentais, medicinais e alimentícias	Paiol; farinheira; cercas
Maria Vieira	Terreiro da casa	Está localizado arredor da casa. É todo limpo e não possui plantas	Onde há circulação das pessoas. E prefere que não exista plantas próximas.	Sem plantas	Moinho de milho; banheiro; caixa d'água; chocadeira; e as tabuas de lavar roupa e louça.
	Terreiro das flores	Entre o terreiro da casa e a roça está localizado o terreiro das flores que chega até a divisa com a roça.	Tem bastante plantas ornamentais "só não planta de roça. Onde vai limpando vai ficando tudo terreiro."	Plantas ornamentais, condimentares e algumas alimentícias	Farinheira, chocadeira, matador de frango
	Roça	A roça está localizada na entrada do sítio. A roça é dividida no meio por um caminho que leva até a casa.	A moradora disse que na roça pode ser plantado qualquer cultivo	Os cultivos são: mandioca e milho.	Nenhuma benfeitoria
	Roça de banana	É localizada no lado direito do terreiro das flores e faz divisa com a roça de mandioca e milho		A espécie cultivada é a banana	Nenhuma
	Quintal de plantas	Na parte de traz do terreiro das flores fica o quintal de plantas		Frutíferas, medicinais	Chiqueiro, galinheiro, secador de carne, engenho de cana
	Roça	Na parte de traz do quintal de plantas fica a roça		As espécies cultivadas nessa roça são: feijão, abacaxi e cana	Poço

Tabela 04. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP002

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço
Anacleta	Terreiro	É todo o espaço da frente da casa.	No terreiro não tem planta, é limpo.
	Quintalzinho	Esta localizado na parte de trás da casa.	As plantas estão dispersas pelo quintalzinho. E a informante considera um espaço feminino. "sempre no quintal são as plantas de mulher".
	Casa	É feita de adobe com telha de barro.	A cozinha foi feita junto a casa para não pegar garoa, quando saia da casa para a cozinha.
Seu José Marino	Terreiro	Está localizado na parte da frente da casa.	Segundo o morador o terreiro é um espaço tradicional dos cacerenses e possui as características ser limpo e sem plantas. <i>"Terreiro de fulano é bonito, bem limpinho – outro fala - fulano nem tem terreiro é tudo sujo. Nele quase não tem planta, nós cacerenses é difícil ter planta na frente da casa"</i>
	Quintal	Está localizado na parte de trás da casa	Tem bastante planta e a presença de horta

Tabela 05. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP003

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço
Porfírio	Corredor	Entre a casa e a cozinha.	Espaço para separar a casa da cozinha.
	Terreiro	Parte da frente da casa.	Porque é entrada para a casa.
	Quintal	Parte de trás do da casa.	É cercado e tem as plantas
	Pátio	Está localizado entre a estrada e a cerca da entrada casa.	É limpo.
	Área do quintal	Do lado da casa e da cozinha.	Onde lava louça.
Maria dos Santos	Terreiro	Parte da frente da casa.	É onde ficam as plantas ornamentais e medicinais e é sempre limpo porque varrem diariamente
	Corredor	Fica entre a casa e a cozinha.	Separa a casa da cozinha e tem plantas de tempero, medicinais e ornamentais
	Quintal	Parte de trás da casa.	Onde tem mais plantas frutíferas, é limpo e faz capina eventualmente, mas não varre sempre.

Tabela 06. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP004

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Benfeitorias
Seu Beto	Piquetinho	Na frente da casa	Como se fosse um pasto para gado, criação de terreiro, engenho, fornalha, campo de futebol, é de meio halquere, predominam as plantas nativas. No piquetinho a maioria das plantas é arbóreas e nativas, deixadas por servirem de sombra, alimento, ou qualquer outro motivo do agricultor.. Não cercou a frente do piquetinho para não ter que abrir porteira e para a passagem de bicicleta.	Engenho, fornalha, campo de futebol,
	Quintalzinho	Atrás da casa	Onde planta as coisas, é todo cercadinho 50X50m e onde faz a horta. Banheiro é no quintalzinho, o chiqueiro, a horta, além de algumas benfeitorias como a caixa d'água, a casa, galpão para guardar bicicleta e charrete, o forno, e o paiol de milho,	Banheiro, chiqueiro, horta, caixa d'água, a casa, galpão, forno e paiol.
	Corredor	Entre a casa e a cozinha	Não tem plantas, é limpo, pois é varrido diariamente.	
Dona Nilza	Corredor	Entre a casa e a cozinha	Limpo, sem plantas, é a passagem da casa para a cozinha.	
	Terreiro	Parte da frente da casa	Porque não tem muita planta	
	Quintal	Parte de trás da casa	Em redor do terreiro é quintal porque tem muitas espécies de plantas e é cercado	

Tabela 07. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP005

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço
Américo	Terreiro	Parte da frente e dos lados da casa	É limpo varrem todos os dias. As mangueiras fazem parte do terreiro, com enormes sombras. “gosto de terreiro limpo que de longe a gente vê o que passa no chão, eu gosto de enxergar longe”.
	Quintal	Parte de trás da casa	Têm frutíferas.
Isabel	Terreiro	Parte da frente	Tem o terreiro limpo e varre diariamente
	Quintal	Parte do fundo	Tem plantas

Tabela 08. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP006

Moradora	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Benfeitorias
Rosinha	Casa	Próximo à entrada do terreiro.	A casa é de adobe, com telha de barro e possui uma varandinha coberta com telha de barro e separada da cozinha.	Varandinha
	Terreiro	É todo em redor da casa e da cozinha	É limpo varrido todo o dia. Tem grande quantidade de plantas, sendo a maioria ornamental, mas tem plantas condimentares (cercadas para proteger dos animais), medicinais e frutíferas.	Fogão de lenha; galpão com forno, fonalha e caititu; tuia de arroz; lavanderia de roupa; forno de rapadura; secador de massa de farinha (giral); paiol de milho; poço; chiqueiro; galpão (para guardar carroça, bicicleta); banheiro; caixa d'água; caixa d'água; antiga casa da filha.
	Quintal	Fica nos fundos e faz divisa com o terreiro	É à parte que não é limpa, lá ficam as folhas e frutos que caem e predomina as espécies frutíferas.	Não há

Tabela 09. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP007

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Benfeitorias
Lourença	Terreiro	Ao redor da casa. Tem planta	É limpo e varrido	Não há
	Quintal	Ao redor do terreiro	É a parte grande onde tem arvores frutíferas , e não é varrido.	banheiro; galpão para milho e arroz; poço; horta; giral para parte mecânica do filho mais velho; cercadinho para galinha choca; giral para lavar louça; roça de mandioca.
Dielson	Terreiro	Todo espaço nos arredores da casa	<i>“Quintal é na cidade, mas no sitio é tudo terreiro. Tudo é terreiro em volta da casa.”</i>	chiqueiro; banheiro de tomar banho; galpão com arroz e ferramentas; poço (só para os animais, porco, galinha)

O quintal para Dona Lourença é perene, enquanto é possível plantar algumas espécies, ela planta e não faz essa área de pasto, é somente para plantas frutíferas.

Em outros locais depois que é feita à roça, a área usada passa a ser pasto, mas ao redor da casa não, continua com as árvores frutíferas dentro do quintal.

Para dona Lourença o chiqueiro está fora do quintal, enquanto para o esposo está dentro do quintal.

Tabela 10. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP008

Moradora	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Benfeitorias
Hermilinda	Quintal	Todos os arredores da casa	“Terreiro e quintal é a mesma coisa” É o local onde ficam as frutíferas, as plantas ornamentais e medicinais, além das criações.	Cercamento; deposito de comida para porco e sal para gado; galpão; galinheiro e deposito.;

João Batista – Não foi possível coletar essas informações, pois o mesmo não se encontrava em sua residência durante o dia e na região não há energia elétrica em todos os sítios, inclusive o dele, e o mesmo só se encontrava em casa a noite, impossibilitando assim a entrevista.

Tabela 11. Caracterização dos espaços identificados pelos agricultores da UP009

Moradores	Espaços	Definição	Percepção do espaço	Benfeitorias
Catulino	Quintal	É o espaço ao redor da casa.	“O terreiro e o quintal são um nome só, e transtorna (se mistura) com o pomar”	galinheiro dos patos; banheiro de banho; banheiro de mictório; cerca para evitar que o gado coma as plantas medicinais; giral de lavar roupa; depósito de água; barraco para festa e serve para colocar chocadeira de galinha; chiqueiro dos porcos; barraco dos porcos dormir; chiqueiro para ceva.
	Casa	Está localizada próxima do córrego.	Tem o quarto de dormir, a sala de visita e serve como quarto de hóspede e tem o altar do santo.	Casa com dois quartos

Tabela 11. Continuação...

	Cozinha	Atrás da casa	Dentro da cozinha tem o depósito e a parte aberta que também é cozinha, é onde se faz a comida para as festividades.	Cozinha tem uma parte fechada com um depósito do lado e outra parte aberta, toda coberta de palha
Cecília	Terreiro	Os arredores da casa	É a parte limpa que é varrida todos os dias. No terreiro tem as plantas mas só ornamentais. Da parte da frente do terreiro é pasto.	Galpão para quando tem a festa às pessoas repousarem; chiqueiro; giral de lavar louça; casa dos patos;* cerca nos fundos e dos lados; “empalizado” (um alicerce) onde reza pra São Sebastião e o povo dança nele; “charia” onde na época da festa guarda as coisa.
	Corredor	Entre a casa e a cozinha	Separa a casa da cozinha para não ficar junto por causa da fumaça e para separar os cômodos	Não há

Obs: As benfeitorias da casa e do quintal são utilizadas por eles durante o ano, mas foram construídas pensando na festa de São Sebastião realizada todos os anos, aonde vêm pessoas da cidade, parentes, compadres e também os vizinhos.

Depois de descrever todos os espaços identificados pelos moradores, as definições dos espaços arredores das residências foram agrupadas como pode ser visualizado na Tabela 13. E dentro desses grupos foram descritas suas particularidades.

Tabela 12. Espaços identificados pelos agricultores situados nos arredores das residências

Espaços	Frequência	%
Quintal	13	31,7
Terreiro	12	29,3
Casa	5	12,2
Corredor	5	12,2
Cozinha	3	7,3
Roça	1	2,4
Pátio	1	2,4
Piquetinho	1	2,4

O **quintal** para a maioria dos camponeses é o espaço situado atrás da residência (84,6%) com grande diversidade de espécies tanto vegetais, onde grande parte das espécies é frutífera, quanto de animais domésticos. A maioria dos quintais não se limpa com frequência, onde são deixados as folhas e frutos que caem. Neste local também são encontradas algumas benfeitorias como: forno, paiol, engenho entre outros.

Outros camponeses também consideram como quintal o espaço ao entorno da casa que também é caracterizado por ter grande diversidade de plantas. Conforme mostrado na Tabela 14.

Tabela 13. As nomeações, particularidades e a frequência de citação do espaço quintal.

Espaço	Nome Genérico	Particularidades	Frequência	%
Quintal	Quintal, quintalzinho, quintal de plantas	Quintal é o espaço que fica na parte de trás da casa e possui plantas.	11	84,6
	Quintal	Quintal é o espaço que fica entorno da casa e possui plantas.	2	15,4

O **terreiro** caracteriza-se em geral por ser mantido limpo e varrido diariamente, geralmente é de chão batido que facilita na limpeza e plantas

adventícias. Um ponto que difere entre os moradores é a localização do terreiro e a presença ou ausência de plantas. Quadro

Nesses espaços ocorre o cultivo de plantas, geralmente de uso ornamental e de frutíferas para servirem de sombra e alimento. E dispostas mais próximas da casa, são escolhidas as plantas medicinais de maior frequência de uso.

Os aniversários, rezas, cultos, festas, geralmente se realizam nos terreiros, pois se aproveitam às sombras das árvores e por ser um espaço agradável. Neste local também são encontradas algumas benfeitorias, como forno, paiol, engenho entre outros.

Tabela 14. As nomeações, definições e frequência de citação do espaço Terreiro

Espaço	Nome Genérico	Definição	Frequencia	%
Terreiro	Terreiro e terreiro das flores	Terreiro espaço entorno da casa e que possui planta	5	38,5
	Terreiro e terreiro da casa	Terreiro espaço entorno da casa e não possui planta	2	15,4
	Terreiro	Terreiro na frente e possui planta	3	23,1
		Terreiro na frente que e não possui planta	3	23,1

Particularidades encontradas no espaço terreiro (n=12).

As **casas** na sua maioria são de pau-a-pique e barreadas, também são encontradas casas de adobe, de madeira e alvenaria. São pequenas e geralmente com quarto e sala, cobertas com folha de coqueiro, telha de barro ou de amianto. Foram 5 moradores que citaram a casa como um tipo de espaço.

Algumas casas têm à sua volta grande diversidade de plantas a maioria ornamental, e ainda condimentar ou medicinal e são plantadas em latas, vasilhas plásticas.

A **cozinha** pode ser construída junta ou separada da casa. Há cozinhas fechadas por paredes, outras parte fechada e parte aberta e, ainda, aberta. Nos casos em que a cozinha é construída separada da casa um dos motivos citados pelos agricultores é o de evitar que a fumaça suje as roupas, cortinas entre outros.

É o espaço usado para fazer a comida, em fogões à lenha, e também para receber as visitas. Geralmente as pessoas se reúnem na cozinha, pra tomar café, água, suco e é também onde a família faz as refeições. Foram 3 moradores que citaram a cozinha como um tipo de espaço.

O **corredor** fica entre a casa e a cozinha e é um espaço pequeno. Em alguns sítios aí ficam geralmente as plantas cultivadas em latas ou mesmo plantadas no chão e usada para temperos, remédio e ornamento. Sua ocupação está bastante relacionada ao uso, ou preferência da mulher, porém há casos em que esse espaço é limpo e não possui plantas. Os corredores que possuem plantas representaram 40% (2 citações) das citações e os que não possuem plantas 60% (3 citações).

A **roça** foi citada como um espaço próximo a casa por apenas uma única moradora. Ela diferenciou a roça em três tipos: Roça de mandioca, roça de abacaxi e roça de banana. Essas definições de roças foram feitas sobre os cultivos daquele ano, não foi questionado sobre os cultivos dos anos anteriores. Os tipos de roça estão descritos na tabela 15 a seguir:

Tabela 15. As nomeações, definições e frequência de citação do espaço roça

Espaços	Nome genéricos	Particularidades
Roça	roça de mandioca e milho.	A roça está localizada na entrada do sítio. A roça é dividida no meio por um caminho que leva até a casa.
	roça de abacaxi.	Na parte de trás do quintal de plantas fica a roça.
	roça de banana.	E localizada no lado direito do terreiro das flores e faz divisa com a roça de mandioca e milho.

O **pátio** foi citado por um morador nascido no local e essa estrutura também era identificada no arraial Taquaral. Esse morador descreve o pátio como um espaço situado entre a estrada e a cerca da entrada da casa, e possui algumas árvores e pasto nativo.

O **piquetinho** é uma espécie de pasto, onde ficam os cavalos, galinhas, e algumas cabeças de gado, além de algumas árvores nativas e frutíferas usadas como sombra, alimento para os animais e para a família.

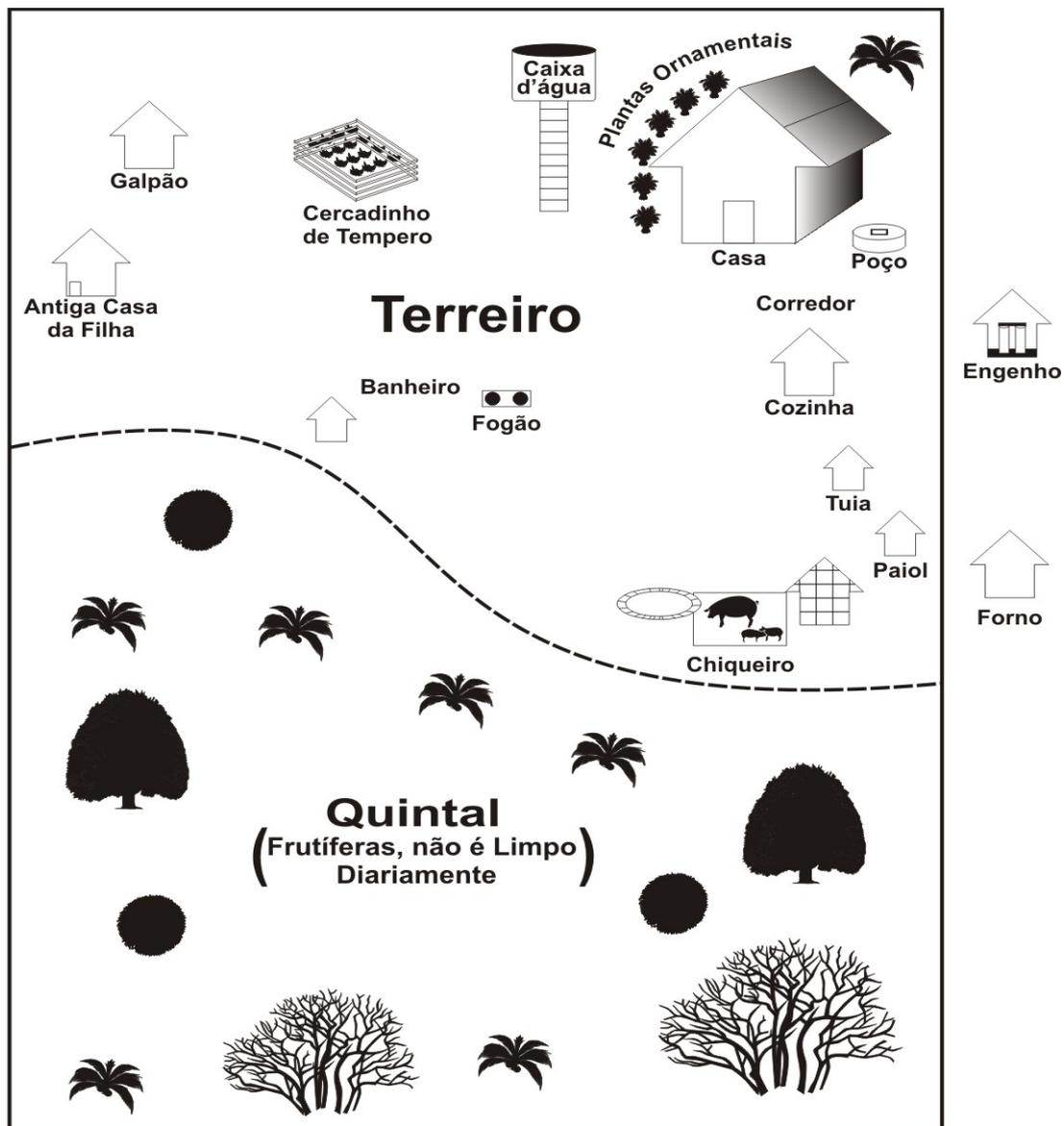
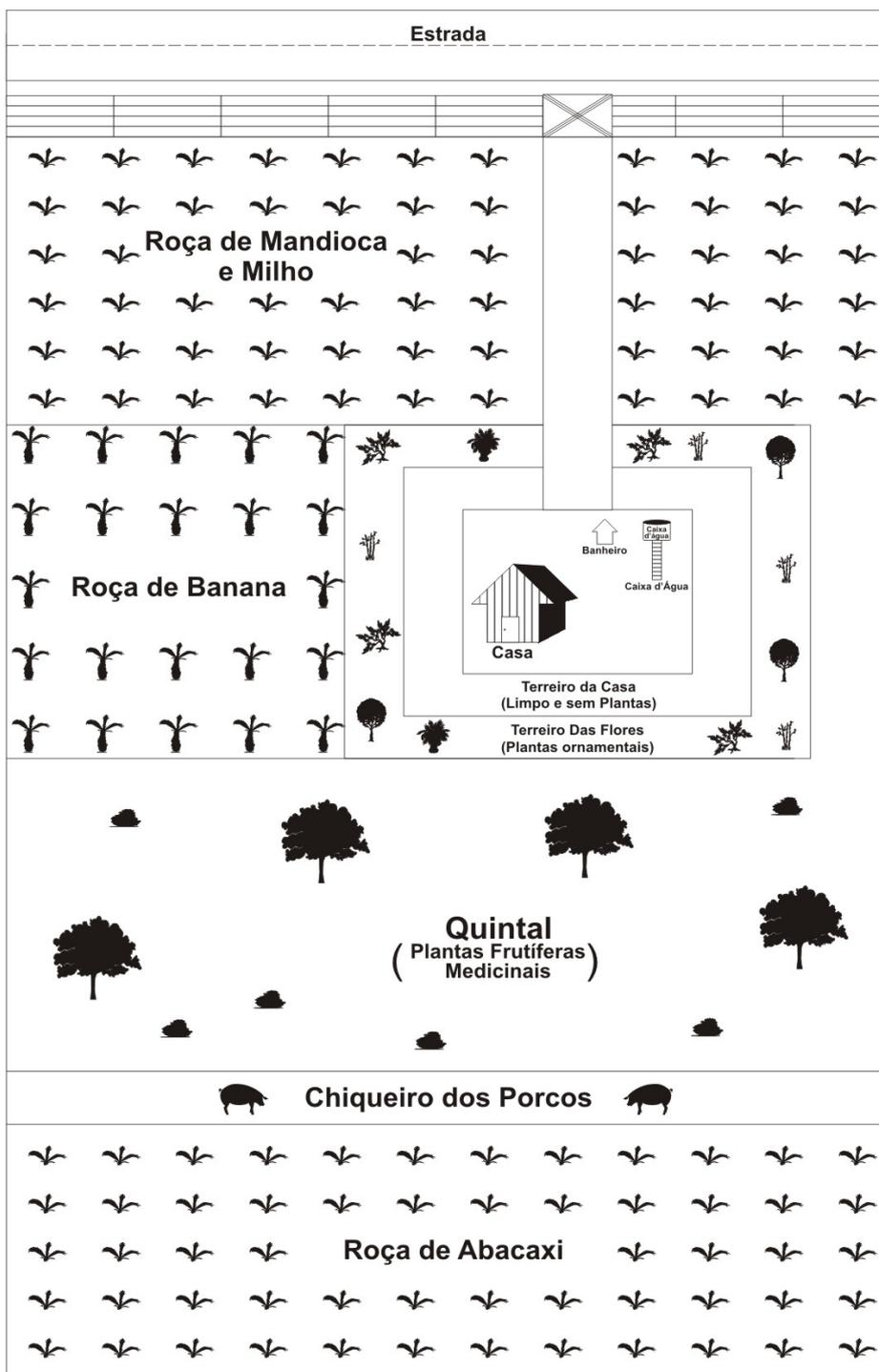


Figura 2. Croqui da residência e arredores da UP006.



Maria Vieira

Figura 3. Croqui da residência e arredores da UP001

1.4 As Mudanças que Ocorreram nas Residências e Arredores de uma Geração à Outra

Após a descrição das residências do tempo das sesmarias e das atuais foi feito um relato das percepções dos camponeses a cerca das mudanças que ocorreram entre essas gerações.

A transição de arraial para a situação atual de divisão de terras passou por processos de mudanças no sistema de produção, assim como nos subsistemas.

As transformações que ocorreram foram: alteração na posição de alguns espaços, a mudança no funcionamento dos mesmos e a introdução de espaços novos.

A intenção é de compreender como o agricultor percebe essas mudanças, para essa compreensão, as informações foram coletadas de todos os agricultores envolvidos na pesquisa, independente de sua origem ser da região.

Como o foco da pesquisa é a residência e seus arredores, buscou-se, com os questionamentos, reunir relatos que descrevessem na percepção dos agricultores o que mudou no sistema produtivo, mais especificamente nesses espaços da época de seus pais para o deles na situação atual.

“A gente capricha mais do que no tempo de meu pai, porque tem plantas que eles não tinham, tem muitas plantas novas, como: cacau, feijão canoinha, rozinha, roxinho. Foi de 84 para cá, que o pessoal foi plantando esses novos e acabaram com os velhos, o único que tinha era eu, agora não tenho, porque não planto há 3 anos. Eu guardava de um ano para outro na areia para não embixar. Mudou porque todas as coisa têm mudado, enchia paiol e tuia. Não gosto de passar veneno, a gente já anda perseguido de veneno, ainda vai passar! Antes a gente lutava com feijão, milho, não usava veneno, praga retirava com benzimento, simpatia, a vó era boa para benzer e a semente era sadia. O gado não tinha vacina era querosene, sal, benzecriu e enxofre, isso que criava o gado, a carne era maravilhosa, agora é tudo a peso de remédio e se não vacinar não pode vender uma reiz. Se não mucha (corta o chifre) o gado, ele não cresce, antes as vacas tinham tudo chifre e vingava, antes não tinha nada disso, mas tudo é dinheiro, o governo inventa e a gente tem que comprar, cada ano eles inventam uma coisa e é obrigativo (obrigatório). Eu plantava arroz agora não planto mais, porque o arroz dá muito trabalho para colher, e é só eu e ela (esposa) não dá, tem que comprar.” (Porfírio Nunes Vieira)

A partir dessa fala foi possível discutir sobre os seguintes temas:

a) Principais características estruturais e de composição de espécies vegetais dos espaços arredores das residências

Outra característica importante identificada dos espaços dos arredores da casa foi às alterações que ocorreram na estrutura física e composição de espécies desses espaços ao longo dos anos.

Existem moradores que permaneceram com a estrutura das suas casas e cozinhas, da mesma forma como era no tempo do pai ou avô, por herança ou com a intenção de manter a tradição e os antigos valores. Já outros alteraram sua casa e espaços para usufruírem maior acomodação e conforto.

Outro motivo que levou as alterações espaciais e estruturais foi à demarcação das unidades produtivas a partir da divisão da terra. Primeiramente houve a introdução do cercamento dos sítios e dos espaços, sendo que o único cercamento que existia no tempo da sesmaria era o de pau a pique entre a casa e a cozinha.

A seguinte transformação foi o surgimento de novos espaços antes não identificados no tempo da sesmaria, por um processo de readaptação das estruturas para a nova condição de terras privadas. O contato com diferentes formas organizacionais desses espaços feitas por camponeses migrantes e que estão presentes na região é outro fator de influencia na nova estruturação dos espaços.

Na época da sesmaria o quintal ficava entre a casa e a cozinha, hoje a maioria das residências possui seu quintal na parte de trás da casa.

O número de plantas nos quintais também aumentou nos últimos anos. Antigamente nos quintais havia poucas plantas, as que existiam eram plantas frutíferas, ornamentais e medicinais, de uso mais freqüente, pois o espaço do quintal era menor e essas plantas requeriam tempo e cuidados, que as mulheres não tinham para dedicar-lhes.

Apesar dos quintais terem menos plantas, a diversidade de espécies vegetais nas matas e nos outros espaços era grande. As mangueiras, por exemplo, eram árvores de uso comum ficam plantadas nos espaços que

todos pudessem usufruir e assim ocorria o mesmo com outras espécies frutíferas cultivadas.

Hoje a quantidade de plantas no quintal é bem maior, chegando a formar um pomar, fato este que pode ser explicado pelas seguintes razões: a não autorização de entrada em terras que passaram a ser privadas, desmatamento devido o aumento de áreas de pecuária e a proibição de extrativismo em áreas de reserva ambiental.

Hoje as pessoas mantêm em seus quintais as espécies que necessitam e algumas plantas que antes podiam buscar livremente nas matas e nas terras de uso comum, mas que agora se restringe apenas a esse espaço, que é menor e acessível ao agricultor.

Um espaço que sofreu maiores transformações no seu funcionamento foi o pátio. No tempo da sesmaria, as casas localizadas nos arraiais, formavam um círculo e no meio ficava o pátio. No pátio, as famílias se reuniam para trabalhar e conversar, sendo por isso limpo. Era o local onde ficavam as benfeitorias.

Hoje o pátio é um espaço individual, isto é, um espaço encontrado em cada casa, e localiza-se na sua frente. Porém sua estrutura modificou-se: ao invés da presença das benfeitorias e do espaço limpo, no pátio tem-se hoje algumas árvores e o pasto nativo. Infelizmente, muitos moradores nativos perderam esse espaço, e aqueles que ainda o possuem pouco o utilizam.

As benfeitorias do pátio que eram compartilhadas pelos moradores estão hoje nos quintais individuais.

A localização do espaço corredor não houve alterações, ele ainda continua entre a casa e cozinha.

Mas com o passar do tempo e das mudanças estruturais, novos espaços foram formados como, por exemplo, o terreiro que ocupou a função do pátio, que é o espaço onde as pessoas da família mais circulam e de aglutinação de pessoas para a realização das prosas e modas de viola.

Nesta pesquisa o que se pode perceber é que certos moradores reorganizaram suas residências e arredores na intenção de conservar

algumas funções dos espaços e tradições que antes existiam no tempo do arraial, na época da sesmaria.

“Porque a casa de meu pai era de parapeito, tudo de madeira, a mãe caprichava com planta de casa, tinha bananal, mandiocal. Não tinha criação, só de galinha, era tudo aberto, não tinha cerca de nada.” (Maria dos Santos)

“Mudou a cozinha e a cerca, coloquei a cerca mais perto por causa das vacas e a cozinha fiz junto da casa para ficar mais grande, agora têm mais espaço.” (José Marino)

“Mudou porque na época dos meus avós usava quintal fechado de pau a pique, a avó plantava mais remédio, a mãe planta mais remédio, eu planto mais flor, a casa da mãe é de adobe, a minha é de material.” (Benedita)

“A casa dos meus pais era bem diferente, a deles tinha arinha na frente, a minha não tem. Muitas coisas mudam a propriedade dos meus pais era bem grande.” (Rosinha)

“No sitio dos meus pais, só tinha casa e cozinha e poucas plantinhas, era bem diferente, tinha chiqueiro, galinheiro, a mangueirinha também era fora do quintal, criava porco, galinha, cachorro, gato, tudo no quintal, tinha tuia no quintal. Não tinha espaço para festa. Meus pais chamavam de terreiro a parte onde varriam e não tinha nada plantado. Acho que desenvolveu mais, ele não fazia pasto e mangueira como eu faço, o chiqueiro atual é maior que o do meus pais. Toda parte de criação atual é maior do que a dos meus pais. Eu planto mais que os meus pais no quintal.” (Catulino)

“Antigamente tinha gente que não gostava de plantinha de quintal, gostava de plantar na roça, agora a maioria gosta de plantinha de quintal.” (Nilza)

As falas que se seguem são percepções dos agricultores que não são nascidos na região, mas que também percebem as mudanças e transformações que ocorrem entre as gerações em seus sistemas produtivos.

“O quintal dos meus pais, a casa era de taubinha (Bambu e barreada), rodeada de pau e a cobertura de taubinha de cedro, o terreiro de flores tinha muito pouco, minha mãe gostava de pé de rosa e mangueira que dá uma árvore mais assim.” (Maria Vieira)

“O quintal dos meus pais era parecido com o meu, tinha plantas, algumas madeiras ipê e aroeira. Tinha horta dentro do quintal cercada de taboca, plantava couve, coentro, cebola, tomate, alho, alface, repolho. No quintal tinham plantas medicinais, manga, laranja, goiaba, jaca, caju. Tinha animais no quintal, gato, cachorro, galinha, porco, criavam gado no pasto, mas não tinha cerca para separar o quintal do pasto” (Antonio Viriato).

“Na casa dos meus pais tinha muito pé de manga, mais ou menos 30 pés, uns 10 pés de mexerica, uns 10 pés de laranja, 3 pés de coco da Bahia e muitos cocos acuri. Criavam galinha, porco, vaca no pasto, no quintal tinha cabrito, pato, tinha engenho ou traçador para cana, farinheira, pilão para socar arroz, lugar de prensar massa de mandioca para fazer farinha. A casa tinha a cozinha junto, tinha sala, camarinha (quarto de onde saiam os outros), cozinha e depois os quartos. Até o jeito da casa mudou, as telhas eram de bica e as paredes eram de barro e hoje as telhas são francesas e as paredes de tábuas, o quintal é parecido, só o quintal dos meus pais que tinha mais frutas, mais plantas. A mãe fiava e fazia rede e cuidava de casa e dos filhos, já eu vou para a roça ajudar, não fio nem faço rede. Acho que mudou porque meus pais tinham mais dinheiro, o pai não precisava trabalhar fora para conseguir dinheiro e o meu marido além da roça tem que trabalhar fora.” (Lourença)

Os arredores das residências são locais que possuem grande diversidade de espécies. Na tabela 11 apresentam-se aquelas encontradas um total de 293 espécies, sendo elas:

Tabela 16. Espécies encontradas nos arredores da residência

Nome popular	Nome científico	Família
Abacate	<i>Persea americana, Mill.</i>	Lauraceae
Abacaxi	<i>Ananás sp.</i>	bromeliaceae
Abóbora	<i>Curcubita pebo, L.</i>	Curcubitaceae
Açafrão	<i>Crocus sativos L.</i>	Zingiberaceae
Acerola	<i>Malpighia glabra, L.</i>	Malpighiaceae
Açoita cavalo	<i>Luhea divaricata, Mart.</i>	Tiliaceae
Acuri	<i>(Attalea phalerata) (Mart.) Burret</i>	Arecacea (Palmae)
Aguaçu	<i>(Orignya speciosa) (Mart.) Barb. Rodr.</i>	Arecacea (Palmae)
Aguapé	NI	NI
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis, L.</i>	Labiatae
Alface	<i>Lactuca sativa, L.</i>	Compostae
Alfavaca	<i>Ocimum micranthum, Willd.</i>	Labiatae
Alfavacão	NI	NI
Algodão de casa	<i>Gossypium herbaceum, L.</i>	Malvaceae
Algodão preto	NI	NI
Algodão-do-brejo	NI	NI
Algodoeiro do cerrado	<i>Cochlospermum regium, (Mart. & Sch.) Pilger</i>	Cochlospermaceae
Alho	<i>Allium sativum, L.</i>	Liliaceae
Amora	<i>Morus nigra, L.</i>	Moraceae
Amoroleite	<i>Operculina mecrocarpa, (L.) Farwel.</i>	Convolvulaceae
Anador	<i>Justicia pectoralis, Jacq.</i>	Acanthaceae
Angélica	NI	NI
Angico	<i>Anadenanthera sp.</i>	Leguminosae
Antulho	NI	NI
Araçá-boi	NI	NI
Araçazinho	<i>Psidium australe, Camb.</i>	Mirtaceae
araputanga/mogno	NI	NI
Aricá	<i>Physocalymma scabemimum,</i>	Lytraceae
Armessica	<i>Protium heptaphyllum, (Aubl) March</i>	Burseraceae
Arnica	<i>Soladago chilensis, Meyen</i>	Compositae
Aroeira	<i>Myracroduon urundeuva, Fr. All sp.</i>	Anacardiaceae
Arruda	<i>Ruta graveolens, L.</i>	Rutaceae
Árvore de natal	NI	NI
Ata	<i>Annona sp</i>	Annonacea
Ateira do mato	<i>Annona dioica, St. Hil.</i>	Annonacea
Babaçu	<i>Orbygnia oleifera, Burr.</i>	Palmae
Babosa	<i>Aloe e vera, L.</i>	Liliaceae
Bambuzinho	<i>Bambusa mitis, Poir.</i>	Graminae
Banana	<i>Musa paradisíaca, L.</i>	Musaceae

Tabela 16. Continuação...

bandeira de são joão	NI	NI
Barbatimão	Philodendron imbé, L.	Araceae
beijo de amor	NI	NI
beijo japonês	NI	NI
Beladona	NI	NI
Berinjela	Solanum melongena, L.	Solanaceae
Bico de pato	NI	NI
Biscate	NI	NI
Boa noite	Vinca rósea, L.	Apocinaceae
boca de leão	Anthirrinum majus, L.	Escrofulariaceae
Bocaiúva	<i>Acrocomia aculeata</i> , (Jacq.) Lodd.	Arecacea (Palmae)
Boldo	<i>Coleus barbatus</i> , (Ander.) benth	Labiatae
Boldo da índia	NI	NI
Bombril	NI	NI
Brasileirinho	NI	NI
Brilhantina	NI	NI
Brinco de princesa	Fuchsia regia, Munz.	Onagraceae
Bucha	NI	NI
Bugarinho café	NI	NI
Cabaça	NI	NI
Cabriteiro	<i>Rhamnidium elaeocarpum</i> Reiss	Rhamnaceae
Cacto	Cactus sp.	Cactaceae
Café	Coffea arábica, L.	Rubitateae
Caferana	NI	NI
Cajá	<i>Spondia lutea</i> L.	Anacardiaceae
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> , L.	Anacardiaceae
caju do cerrado	<i>Anacardium humile</i>	Anacardiaceae
Cálice de ouro	NI	NI
Cambará	NI	NI
cambará de casa	NI	NI
Camomila	Matricaria recutita, L.	Compositae
Cana-de-açúcar	Saccharum officinarum, L.	Graminae
Canela-de-ema	Vellozia aff. Seuberiana, Goerth.	Velloziaceae
Caninha	NI	NI
Caninha-do-brejo	Costus spicatus, (Jac.) SW.	Zingiberaceae
Capim cidreira	Cymbopogon citratus, (D.C) Staph.	Graminae
Capim santo	NI	NI
cara de gato	NI	NI
Carambola	Averrhoa carambola, L.	Oxalidaceae
Carijó	NI	NI
Carne de vaca	<i>Combretum leprosum</i> , Mart.	Combretaceae
Carqueja	Bacharis genistelloides, Person.	Compositae
Carrapicho amarra pinto	NI	NI
carvão branco	NI	NI
Casca de cagado	NI	NI
Cascudinho	NI	NI
Cebolinha verde	NI	NI
Cedro	NI	NI
Chaga	NI	NI
Chaperola	NI	NI

Tabela 16. Continuação...

chico magro	Guazuma ulmifolia, Lam.	Sterculiaceae
Chora chora	NI	NI
cidreira da folha	NI	NI
cipó bravo	NI	NI
cipó de macaco	NI	NI
cipó-canoinha	NI	NI
coco da bahia	NI	NI
Cola	NI	NI
Colcha de noiva	NI	NI
Colônia	NI	NI
Coloral	NI	NI
comigo ninguem pode	NI	NI
Conde	NI	NI
Confrei	Symphitum officinale, L.	Boraginaceae
copo de leite	NI	NI
Coqueirinho	NI	NI
coração de galinha	NI	NI
coração de negro	NI	NI
cordão de são francisco	NI	NI
Coroa de bom jesus	NI	NI
Coroa de cristo	NI	NI
Coroa de noiva	NI	NI
costela de adão	NI	NI
Couve	Brassica oleracea, L.	Cruciferae
Cravo de defunto	Tagetes erecta, L.	Compositae
Cumbarú	NI	NI
Dama da noite	NI	NI
Dedinho	NI	NI
Dente de leão	NI	NI
deus pode comigo	NI	NI
dinheiro em penca	NI	NI
Doril	NI	NI
Embaúva	Cecropia pachystachya, Trec.	Moraceae
Emburana	NI	NI
engá-de-metro	NI	NI
engá-do-mato	NI	NI
erva cidreira	Melissa officinalis, L.	Labiatae
erva de bicho	Polygonum acre, H. B. K.	Polygonaceae
erva de santa maria	Chenopodium ambrosioides, L.	Chenopodiaceae
erva doce	Foeniculum vulgare, Mill.	Umbelliferae
Escovinha	NI	NI
espada de ogum	NI	NI
espada de santa bárbara	NI	NI
espada de são cosme e Damião	NI	NI
espada de são jorge	NI	NI
espada rosa	NI	NI
Espinheiro do campo	NI	NI
espinho de cristo	NI	NI
Espirradeira	Nerium oleander, L.	Apocynaceae

Tabela 16. Continuação...

Favação	NI	NI
Favaquinha	NI	NI
Feijão pastel	NI	NI
Figo	Ficus sp.	Moraceae
Figueira	NI	NI
Figueirinha	NI	NI
Flauta	NI	NI
Folhagem	NI	NI
Fortuna	Bryophyllum calycinum, Salisb.	Crassulaceae
fruta banana	NI	NI
fruta do conde	NI	NI
Fumo	Nicotiana tabacum, L.	Solanaceae
Gabriuva	NI	NI
Gairova	NI	NI
Gengibre	Zingiber officinale, Ros.	Zingiberaceae
Gervão	Stachytarpheta agustifolia, Var. Elaotior (Schrad) Lopez Palacios	Verbenaceae
Goiaba	Psidium guajava, L.	Myrtaceae
Goiabeira	NI	NI
goiabeira do mato	NI	NI
Gonçaleiro	NI	NI
Graviola	NI	NI
Guatambú	Aspidosperma polymeuron, M. Arg.	Apocynaceae
Guiné	Petineria alliaceae, L.	Phytolacaceae
Hortelã	Mentha villosa, Huds.	Labiatae
Hortência	NI	NI
Insulina	Cissus sp.	Vitaceae
ipê taipoca	NI	NI
jaborandi bravo	NI	NI
Jaboticaba	NI	NI
Jaca	NI	NI
Jacarandá	NI	NI
Jacinteira	NI	NI
Jambo	Syzigium jambolanum, D. C.	Myrtaceae
Jangada	NI	NI
Jasmin	NI	NI
Jatobá	Hymenaea stigonocarpa, Mart.	Leguminosae
Jenipapo	Genipa americana, L.	Rubiaceae
Jiló	NI	NI
Jurema	NI	NI
Jurubeba	Solanum sp.	Solanaceae
Laranja	Citrus aurantim, L.	Rutaceae
Laranja azeda	Citrus sp.	Rutaceae
Laranja misteriosa	Citrus sp.	Rutaceae
Legramina	NI	NI
Leitera	NI	NI
Lima	Citrus sp.	Rutaceae
lima lisa	Citrus sp.	Rutaceae
lima rosa	Citrus sp.	Rutaceae
Limão galego	Citrus sp.	Rutaceae

Tabela 16. Continuação...

Limão rosa	Citrus sp.	Rutaceae
Limão Taiti	Citrus sp.	Rutaceae
Lírio	NI	NI
Lixeira	Curatella americana, L.	Dilleniaceae
Loreiro	NI	NI
Louro	Laurus nobilis, L.	Compositae
Losna	Artemisia absinthium, L.	Compositae
Mamão	Carica papaya, L.	Caricaceae
Maminha	Brosimum gaudichaudii, Tréc.	Moraceae
Mamona	Ricinus communis, L.	Euphorbiaceae
Mandioca	Manihot esculenta, L.	Euphorbiaceae
manduvizeiro	NI	NI
Mangava	Harconia speciosa, Gómez.	Apocynaceae
mangava brava	Lafoensia pacari, St. Hil.	Lytraceae
Mangueira	NI	NI
manjerição	Ocimum sp.	Labiatae
Manjerona	Origanum majorana, L.	Labiatae
Maracujá	Passiflora edulis, Sims.	Passifloraceae
Marcela	Achyrocline satureoides, (Lam.) D.C.	Compositae
Margarida	NI	NI
marmelada	Alibertia edulis, (L. Rich) A. Rich ex D.C	Rubiaceae
marmelada bola	NI	NI
Malva	Waltheria americana, L.	Sterculiaceae
Mastruz	NI	NI
Mata-passo	NI	NI
Maxixe	NI	NI
Menina regateira	NI	NI
morcegueira	NI	NI
Mulateira	NI	NI
Murta	NI	NI
não me toque	NI	NI
Nove horas	NI	NI
olho de boi	NI	NI
Orquídea	NI	NI
Paineira	NI	NI
Papoula	NI	NI
pasto braqueara	NI	NI
pau de bicho	NI	NI
pau de sal	NI	NI
pau terra	NI	NI
pé de anta	NI	NI
pé de boi	NI	NI
pé de galinha	NI	NI
pé de pinto	NI	NI
Peleguinho	NI	NI
Pequi	NI	NI
periquiteira	NI	NI
Peroba	NI	NI
pimenta de cheiro	NI	NI
pimenta do reino	NI	NI

Tabela 16. Continuação...

pimenta malagueta	NI	NI
Pimentão	NI	NI
pimentinha	NI	NI
Pindaíva	NI	NI
pingo de ouro	NI	NI
Pinha	NI	NI
Pinhão	NI	NI
Pinhão roxo	<i>Jatropha gossypifolia</i> , L.	Euphorbiaceae
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> , L.	Myrtaceae
Pitomba	NI	NI
Piúva	NI	NI
Poça	NI	NI
Pombeiro	NI	NI
Ponta livre	NI	NI
poterrão/rim de boi	NI	NI
precatinha de nossa senhora	NI	NI
Primavera	NI	
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> , L.	Labiatae
Pururuca	NI	NI
Quiabo	<i>Hibiscus esculentus</i> , L.	Malvaceae
Rabo de caximquele	NI	NI
Rabo de galinha	NI	NI
Rabo de galo	NI	NI
Regateira	NI	NI
Romã	<i>Punica granatum</i> , L.	Punicaceae
rosa branca	<i>Rosa Alba</i> , L.	Rosaceae
rosa espanhola	NI	NI
rosa louca	<i>Rosa canina</i> L.	
rosa vermelha	NI	NI
Rosedá	NI	NI
Rucúla	NI	NI
sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> , L.	Caprifoliaceae
sabuguinho	NI	NI
Samambaia	NI	NI
samambaia de cacho	NI	NI
samambaia solitária	NI	NI
sapatinho de nossa senhora	NI	NI
Sapato de santa luzia	NI	NI
Sempre noiva	NI	NI
Seriguela	NI	NI
Suspiro	NI	NI
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> , L.	Leguminosae
Tangerina	NI	NI
Tarumã vermelha	NI	NI
tarumarana	<i>Buchenavia tomentosa</i> , Eichl.	Combretaceae
Teça	NI	NI
terramicina	<i>Pfaffia</i> sp.	Amaranthaceae
Timbó	<i>Magonia glabrata</i> , A ST.-Hil.	Sapindaceae

Tabela 16. Continuação...

Timbuva	NI	NI
Tingi-cuia	NI	NI
Tomate	<i>Lycopersicum esculentum Mill.</i>	Solanaceae
Tranbulhão	NI	NI
Tucum	<i>Bactris cuyabensis, Barb. Rodr.</i>	Arecacea (Palmae)
Veludinho	<i>Guettarda viburnioides, C. et S.</i>	Rubiaceae
Vidrinho	NI	NI

Sendo que das 293 espécies encontradas, 80 são espécies nativas da região e mantidas nos arredores das residências. NI são as etnoespécies que não foram identificadas.

c) Relações de trocas entre os camponeses do Morraria como uma estratégia de conservação dos recursos naturais

Os camponeses desenvolvem técnicas próprias para conservar as espécies: troca de mudas e sementes com vizinhos, a estocagem de sementes para o próximo plantio e os cuidados para evitar perdas de espécie, são algumas estratégias de conservação.

Muitas das sementes utilizadas pelos atores sociais dessa pesquisa são sementes crioulas. Para eles as sementes que foram introduzidas não têm a mesma produtividade, o que os leva a tentativa de retornar ao uso das sementes antigas.

Esses camponeses sabem da importância de se manter a diversidade e variabilidade dos recursos genéticos, por dependerem desses recursos para sobreviver.

Eles são detêm diversidade e variabilidade de espécies e este é um dos fatores que permitem a interação dos mesmos com os recursos naturais. Eles trazem e mantêm nos arredores de suas residências as plantas que precisam para garantir sua sobrevivência no local e ao mesmo tempo ajudam a conservar os recursos genéticos da região.

Na região existe uma rede de trocas de mudas e sementes, geralmente entre os membros da mesma comunidade (entre vizinhos e entre parentes). Há também troca de mudas e sementes entre parentes que vivem

nas cidades, que tanto fornecem como adquirem mudas e sementes da Morraria.

Existe ainda plantas e sementes que são extraídas na mata do sítio ou nas matas das proximidades e levadas e cultivadas nos arredores da residência.

Essa relação de troca de mudas e sementes entre vizinhos, esta relacionada também ao sentimento de afinidade entre os moradores da Morraria. As trocas geralmente são feitas entre vizinhos que são mais companheiros. Por exemplo, os cultivos de mandioca, cana, banana tem grande variabilidade de espécies, isso só foi possível devido à existência das relações de troca.

Falas que demonstram como os agricultores mantêm alguns de seus recursos genéticos na unidade produtiva.

“Cada ano a gente planta um tipo de mandioca, no tempo da Daniele (pesquisadora em 2003) a gente tinha trago da Agrovila agora é da região, mudo porque se plantar só uma qualidade de mandioca numa região, ela aniquila, não dá mais, se muda ela sai bonita de novo.” (Lourença)

“A mandioca se planta uma rama só no mesmo lugar ela aniquila, se plantar a mesma rama tem que mudar de terra, se plantar na mesma terra tem que mudar de rama. Pego rama com os vizinhos, existe uma troca. Temos algumas variedades cacau, rama roxa, amargozinha, mandioca pão...” (Antonio Viliato)

“A maioria das mudas vem de vizinhos, Maria dos Santos, Maricota, Rosinha e Irani. Dou muda para os irmãos em Cáceres, pedinte e as mesmas vizinhas que dão a muda.” (Anacleta)

“A cebolinha tenho muda há muito tempo, sempre dou muda a dos outros acaba e minha conserva. Tenho desde a época da minha sogra, eu já tinha vasilha de cebola. Nunca mais fiquei sem muda.” (Anacleta)

“Feijão Pastel, planto no quintal, a semente fica guardada para plantar na chuva, guardo semente de feijão pastel, feijão de corda, pimenta, pimentão, mamão, abóbora, melancia, pepino, melão e tomate.” (Anacleta)

“Pega muda com um, dá pra outro, assim que nós somos. Se você troca semente de uma terra para outra ele dá bom, vai indo ela cansa daquela terra e tem que muda de terra, troco milho e rama, troco com quem tem a qualidade que eu quero.” (Beto)

“Milho tenho nativo, desde que principiei a lavoura planto com ele, é milho caiama do antigo, o padre já pegou semente para o assentamento, feijão enxofra, manteiga do antigo, eu tinha e dei um pouco para o padre, guardava de um ano para outro na areia para não imbixa, os outros feijões de agora não dá. Tinha duas qualidade de rama, aipim capivara e goiadeira, aipim perdi a rama e tenho a cacau, mais não estou gostando muito o pau gaia demais, mais

trança e difícil para pegar. Conservo desde a época de meu pai, troquei muita rama, mais para mim não presta, capivara pode ficar até três anos que conserva, a casca é grossa não apodrece atoa, mandioca pão é boa, mais não tem duração e não é boa para fazer farinha.” (Porfírio)

“É importante troca muda e semente porque de repente a gente perde a raça aí sabe com quem encontrar.” (Benedita)

“Semente de milho, arroz, feijão e rama é antigo desde os meus pais, planto e já reservo um pouco da semente para o próximo ano.” (José Marino)

“Antigamente plantava alho da região, mas foi indo foi dando doença e agora o pessoal perdeu a semente, agora não acha mais e vai secando a folha, ninguém comprava alho só de vizinho, todo mundo plantava muito alho.” (Hermilinda)

“A banana Pakovan veio de São Paulo, levei para agrovila e trouxe pra cá, e tenho as bananas maçã, marmelo, cumprida, da terra, um tipo de frita, ponta grossa, ourinho, engana moleque, nanica, nanicão, vinagre e uma sem nome. O café tenho 20 pés, plantei 60, mas morreram 40, porque primeiro tinha que plantar bananeira para dar sombra pra ele crescer, que o sol mata, queima o broto.” (Antonio Viliato)

Um outro fator importante que existe para a conservação da espécie é o fortalecimento das redes de relacionamento e a troca de propágulos que ocorre entre os membros da comunidade e entre comunidades, a partir da relação de amizade, parentesco e religiosidade.

Existem moradores que trocam sementes e mudas com seus vizinhos e amigos distantes esse ato fortalece a rede de contato dessas pessoas, assim como os ajuda na percepção do espaço e território onde vivem, pois para fazer estas trocas precisam caminhar longas distancias, ajudando-os a conhecer outras localidades da Morraria.

Quando o agricultor possui uma espécie geralmente ele doa suas sementes ou mudas para seus parentes e amigos e caso haja a perda da espécie em seu domínio ele sabe aonde buscar e encontrar essas sementes ou mudas. Isso é uma estratégia de conservação da espécie. As espécies que são utilizadas nas trocas estão na Tabela 18 a seguir:

Tabela 17. Etnoespécies citadas pelos agricultores existentes nos arredores da residência, vindas de relações de trocas entre vizinhos, compadres e parentes

Etnoespécies		
Abacate	Comigo-ninguem-póde	Papoula
Abacaxi	Confrei	Pasto
Acerola	Copo-de-leite	Pé-de-anta
Aguapé	Coração-de-galinha	Periquiteira
Alecrim	Coroa-de-cristo	Pimenta
Algodão-do-brejo	Coroa-de-noiva	Pimentão
Algodão-preto	Couve	Pinha
Algodoeiro-do-cerrado	Dama-da-noite	Pinhão roxo
Alho	Dente-de-leão	Pitanga
Amaroleite	Dinheiro em penca	Pitomba
Amora	Enga-de-metro	Pocã
Anador	Erva-cidreira	Poejo
Antulho	Erva-de-bicho	Ponta lívio
Arruda	Erva-doce	Primavera
Arvore de natal	Escovinha	Quiabo
Ata	Espada-de-São-Jorge	Rabo-de-galinha
Babosa	Espinho-de-cristo	Rabo-de-galo
Banana	Espirradeira	Romã
Beijo de amor	Folhagem	Rosa branca
Beijo-japonês	Fortuna	Rosa louca
Beladona	Fruta do conde	Samambaia
Boa noite	Fruta-banana	Sapato de Santa Luzia
Boca de leão	Gairova	Sempre noiva
Boldo-da-índia	Goiaba	Seriguela
Bugarinho-café	Graviola	Tamarindo
Cacto	Hortelã	Teça
Café	Jaca	Terramicina
Caferana	Jasmim	Tomate
Caju	Jurema	
Cálice de ouro	Laranja	
Cambara de casa	Limão	
Camomila	Mamão	
Cana-de-açúcar	Mamona	
Capim-cidreira	Mandioca	
Cara-de-gato	Manga	
Carambola	Manjeriçã	
Carqueja	Maracujá	
Cebolinha verde	Mata passo	
Chaga	Menina-regateira	
Coco-da-bahia	Murta	
Colônia	Nove horas	

Tabela 18. As Etnoespécies citadas pelos agricultores vindas da Vila Aparecida, da cidade de Cáceres ou de outras regiões fora da Morraria

Nome popular	Procedência	Nome popular	Procedência
Abacate	Bocaína na Cascavel, Agrovila (município de Santo Antonio do Leverger) e Cáceres	Comigo ninguém pode	Agrovila e Cáceres
Açafrão	Agrovila	Confrei	Vila Aparecida
Acerola	Agrovila e Cáceres	Coquerinho	Cáceres
Alecrim	Cáceres e Vila Aparecida	Coração de negro	Cáceres
Alface	Cáceres (casa da semente)	Coroa de cristo	Cáceres
Antulho	Cáceres	Couve	Cáceres (semente comprada)
Araçá-boi	Nortão de MT	Deus pode comigo	Cáceres
Arnica	Cáceres	Dinheiro em penca	Cáceres
Babosa	Cáceres e Vila Aparecida	Espada de São Cosme e Damião	Cáceres
Bambuzinho	Agrovila	Espada de São Jorge	Agrovila
Bandeira de São João	Agrovila	Espada rosa	Vila Aparecida
Berinjela	Cáceres (casa da semente)	Feijão pastel	Cáceres
Bico de pato	Agrovila e Vila Aparecida	Flauta	Vila Aparecida
Biscate	Cáceres	Folhagem	Cáceres
Boca de leão	Vila Aparecida	Goiaba	Vila Aparecida
Boldo	Agrovila e Cáceres	Graviola	Agrovila e Vila Aparecida
Bombрил	Cáceres	Hortência	Vila Aparecida
Brasileirinho	Cáceres	Jaboticaba	Cáceres
Brilhantina	Cáceres	Jaca	Agrovila
Bucha	Vila Aparecida	Jambo	Agrovila
Cacto	Vila Aparecida	Jurema	Cáceres
Café	Agrovila e Cáceres	Laranja	Agrovila
Caju	Agrovila e Cáceres	Lima rosa	Agrovila
Camomila	Cáceres	Losna	Cáceres
Caneira	Cáceres	Mandioca	Agrovila
Capim cidreira	Cáceres	Manga	Cáceres
Cara de gato	Cáceres	Manjerona	Cuiabá
Carambola	Cáceres	Maracujá	Agrovila, Cáceres e Bezerro Branco
Casca de cagado	Cáceres	Margarida	Cáceres
Cebolinha verde	Cáceres	Mastruz	Agrovila
Cipó de macaco	Cáceres	Não me toque	Vila Aparecida
Coco da bahia	Vila Aparecida e Cáceres	Pitanga	Agrovila
Cola	Cáceres	Pocã	Cáceres
Colcha de noiva	Agrovila	Poejo	Cáceres
Colônia	Cáceres	Ponta livre	Cáceres
Olho de boi	Cáceres	Precatinha de Nossa Senhora	Cáceres

Tabela 18. Continuação...

Paineira	Vila Aparecida	Rabo de caxinguele	Agrovila
Papoula	Cáceres	Regateira	Cáceres
Pé de galinha	Cáceres	Romã	Cáceres
Pé de pinto	Vila Aparecida	Rosa	Cáceres
Peleguinho	Cáceres	Rosedá	Cáceres
Pimenta do reino	Agrovila	Suspiro	Agrovila
Pimentão	Cáceres	Tamarindo	Agrovila e Cáceres
Pingo de ouro	São Vicente	Tomate	Cáceres
Pinha	Agrovila e Cáceres	Trambulhão	Cáceres

Tabela 19. Etnoespécies compradas por agricultores de instituições

Nome popular	Instituição
Poça	EMPAER
Limão Taiti	EMPAER
Coco da Bahia	EMPAER
Rúcula	EMPAER
Teça	Agrícola de Cáceres

“Wilson Catelão, pessoal de Formigas, Geraldino, SUCAM de Cáceres, Basílio Moraes, Celestrino (Taquaral), Zé Marino e eu trocamos semente de milho Rio Grandense.” (Beto)

“Troco semente de arroz, a única que não troco é cana e banana com Beto e Zé Marino e troco rama de mandioca com o Leonardo.” (Américo)

“Troco rama e milho caiana com Zé Marino e Compadre Moisés, porque não tinha dessa qualidade.” (Porfírio)

“Tia Antonia do Taquaral, peguei muda de terramicina.” (Nilza)

“Vizinhança, Beto, Porfírio, Leonardo, Américo, semente de milho, arroz, feijão, rama.” (Zé Marino)

“Às vezes alguém pega muda e eu pego de algum vizinho, mas aqui mesmo da região, comadre, vizinha, Cecília, as meninas perto do seu Armindo.” (Hermilinda)

“Pego nos vizinhos e na nora, trago semente de fora do Guanandi com a filha, pego com a dona Cotinha, a nora que faleceu, dona Hermilinda e Lourença.” (Maria Vieira)

“Ultimamente peguei muda de cana com o Totó, eu peguei com ele e ele pegou comigo, pego rama com o Chiquinho do Retiro.” (Dielson)

“Planta de roça vendo a semente e compro semente selecionada que vem de fora, trouxe as plantas que tem no quintal do sítio anterior e os vizinhos levam mudas de plantas.” (Antonio Viliato)

“Muitos pegam mudas aqui, comadre Anacleto, dona Maria, o pessoal do Taquaral, Dona Antonia, também pego com a dona Antonia.” (Rosinha)

“Sempre troco semente, peguei com o compadre Francisco semente de arroz. Esse ano não plantei muito só arroz mesmo.” (Catulino)

“Troca sementes com a Érika e Eranil porque é da mesma religião e da comunidade.” (Izabel)

Como dito anteriormente esses camponeses ainda mantêm muitas sementes crioulas, porém já houve a introdução de sementes híbridas e de tecnologia mais modernas.

c) Introdução de tecnologias e insumos externos

Em virtude do processo da Modernização Agrícola, os camponeses adotaram tecnologias exógenas ao seu sistema e conseqüentemente houve a introdução de insumos.

A adoção dessa tecnologia causou alterações no sistema de produção desses agricultores, assim como no desenho dos seus agroecossistemas. Houve também uma redução na variedade de espécies no sistema e aumento de área de cultivo para obter a mesma produtividade de antes e falta de recursos financeiros para a compra de agrotóxicos no combate das pragas e doenças que surgiram, além da despesa na compra das vacinas obrigatórias para os animais.

Em virtude do aumento de consumo de produtos externos dentro da unidade produtiva, os membros da família camponesa são levados a buscar novas fontes de renda fora do sítio, realizando serviços como empreitada em fazendas, empresas particulares e serviços nas cidades, diminuindo a força de trabalho interna e o tempo destinado às atividades agrícolas dentro da unidade produtiva.

“A maquina não tem juízo, a gente programa ela para deixar 2 ou 3 sementes, mas ela solta ás vezes 5 ou 6, aí tem que tirar um pouco dos pés que já nasceram” (Antonio Viliato).

“hoje se você usar o sistema antigo fica para trás, porque antes com a enxada você plantava duas tarefas e produzia, hoje não dá nada, você planta 2

alqueres com matraca e dá o que tinha de produção em 2 tarefas antes. A coisa minguo” (José Marino).

“Aumentou a produção, mas diminuiu o tempo de vida, com o plantio de laranja de encherto” (Antonio Viliato).

“Não gosto de passar veneno, a gente já anda perseguido de veneno, ainda vai passar! Antes a gente lutava com feijão, milho, não usava veneno, praga retirava com benzimento, simpatia, a vó era boa para benzer e a semente era sadia. O gado não tinha vacina era querosene, sal, benzecriu e enxofre, isso que criava o gado, a carne era maravilhosa, agora é tudo a peso de remédio e se não vacinar não pode vender uma reiz. Se não mucha (corta o chifre) o gado, ele não cresce, antes as vacas tinham tudo chifre e vingava, antes não tinha nada disso, mas tudo é dinheiro, o governo inventa e a gente tem que comprar, cada ano eles inventam uma coisa e é obrigativo (obrigatório) “ (Sr Porfírio).

“Teve muitas mudanças, naquele tempo pra fazer horta buscava água de longe na cabeça, as casas eram de barro e cobertas de sape, misturava esterco de gado fresco com barro e fazia a parede. Mantimentos eram tudo guardado em tuia, hoje é tudo ensacado, o arroz era socado em pilão, hoje é na maquina, as casas todas tem água encanada.” (Hermilinda)

“Mudou muita coisa da época dos meus pais, hoje em dia tem muitas vacinas, remédios pro gado que não tinha. E as plantas têm as de enxerto que produz mais, mas morre mais cedo. Antigamente não tinha inseticidas, as pragas acabavam com as plantas, hoje tem inseticida para eliminar as pragas. Apesar de não ter veneno os antigos tinham algumas técnicas para se livrar das pragas. Acho que muita coisa mudou porque o povo esta mais inteligente, a tecnologia ajuda muito. Hoje em dia as frutas produzem mais rápido, mas também morrem mais cedo.” (Antonio Viliato)

Como dito anteriormente esses agricultores ainda mantêm muitas sementes crioulas, ou seja, autonomia sobre as sementes, porém já houve a introdução de sementes híbridas e de tecnologia mais modernas. Algumas dessas mudanças causaram alterações no sistema de produção dos agricultores como podemos ver nas falas dos agricultores acerca da introdução de insumos externos em seu sistema de produção.

d) Perda do conhecimento local

Em decorrência da alteração na economia local, a abertura de estradas e entrada veículos facilitou a aquisição de produtos industrializados por moradores que antes vivam de modo mais isolado o que ocasionou a perda de uso e confecção de produtos tradicionais como a fiação de algodão para a confecção de redes, embornal. Atualmente os jovens não sabem mais

fazer esses produtos artesanais e enquanto os que sabem não fazem e também não ensinam. A falta de prática dessas atividades ocasionou a perda desse conhecimento até mesmo para aqueles que a realizavam anteriormente.

“O algodão usa para fiar fazer tecido, na época da mãe usava muito fiava, hoje a gente busca só facilidade, não fia mais” (Lourença).

“Mudou por causa que esses velhos não gostavam de muita flor, eles gostavam mais de roça, de fiar, era mais horta, cebolinha, essas coisa de comida, de flor não tinha. Preocupava de fiar fazer rede, borna (embornal), arfoje, tirava tempo para fazer para vender, a renda era essa. E ainda ajudavam na roça, as mulheres, agora quem que vai fiar, nem sabem mais fazer. Eu fiei muito, fiei rede, borna (embornal), parei porque ninguém mais quer fiar, não plantam mais algodão, nem sei mais tecer. Dona Maria dos Santos era fazedeira de rede, levava duas fia de rede, uma era dela outra de quem levasse, quando ela cobrava a gente pagava, se não era de meia, ela não tinha tempo de fazer rede (tinha muita rede para fazer)”. (Anacleta)

e) A interferência dos animais silvestres no sistema produtivo

A introdução do sistema de monocultura e pecuária na região ocasionou uma diminuição das áreas de mata e em consequência disso a diminuição da disponibilidade de alimentos para os animais silvestres, causando a invasão por parte desses animais dos espaços de roça em busca de alimento.

Os animais citados pelos agricultores que invadem as áreas de cultivos são os macacos, veados, aves entre outros. E existem os animais que atacam as criações domésticas e que também são considerados um problema para os agricultores, como a onça. Esses agricultores traçam estratégias para solucionar esse problema, sendo uma estratégia o uso de armadilhas e a outra o uso de cães para afugentar e proteger as criações dos animais silvestres.

“Eu acho que mudou muito, bastante coisa sobre criame, naquele tempo tinha bastante criação de porco, de galinha, não tinha doença, agora tem fracasso. Antes tinha engenho, produzia com abundância, hoje não tem, porque os bichos não deixam mais produzir na roça.” (Cecília)

CAPITULO II – AS ESTRATÉGIAS DE ESCOLHA DO LOCAL PARA INSTALAR AS RESIDÊNCIAS E ARREDORES E SUA IMPORTANCIA PARA OS CAMPONESES DA MORRARIA.

Os camponeses se cercam de diferentes estratégias para escolher o local adequado para instalar suas residências. Esse local é importante para garantir a permanência dos mesmos na unidade produtiva.

Esse local deve ter recursos que permitam a manutenção dos elementos que serão cultivados e ou criados nesses espaços, assim como a disponibilidade de recursos necessários na permanência e sobrevivência do agricultor.

As estratégias na busca de locais são variadas como a procura de locais com disponibilidade hídrica, proximidade da estrada, facilidade de transporte, paisagem, fertilidade do solo, para proteger de inundações e até estratégias de ocupação como preparo e limpeza do local onde o agricultor pretendia instalar sua residência.

Estas estratégias permitem que o agricultor escolha um local que seja adequado para instalar a residência e os espaços ao redor da mesma para terem seus cultivos e criações.

Esses espaços situados nos arredores das residências são ainda locais onde os camponeses manifestam sua cultura e tradição e torna possível o convívio social através da interação com os membros da comunidade, das comunidades vizinhas e dos membros de outras regiões. São os locais onde se estreitam os laços de parentesco e amizade.

É através desses espaços que demonstram a produtividade e a beleza da unidade produtiva, para que os mesmos possam ser vistos por eles e pelas outras pessoas como um “lugar bonito e farto”.

2.1 As Estratégias de Escolha do Local para Instalar as Residências

A escolha do local para instalar a residência em geral está condicionada à água e à estrada. À água tanto porque os agricultores precisam dela para uso pessoal, para tratar dos animais e regar as plantas, quanto pelo problema de inundações na época de chuva.

Já a proximidade de estradas se relaciona com a facilidade de transporte e existem também aqueles que preferem manter uma certa distância das estradas pela poeira na época da seca e pelo barulho de carros que proporciona certo incomodo.

Outros fatores que condicionam a escolha do local da casa e dos espaços arredores são: a área ser plana, limpa e fértil. Além disso, outro condicionante é a área ter sido escolhida por outro morador anterior, ou seja, quando um agricultor vai morar em um sítio cujo proprietário anterior deixou benfeitorias e ele se instala no mesmo local. E o fato simples de possuir uma paisagem bela é um fator que condiciona a escolha do local da residência.

Os moradores mais antigos que pegaram a terra com mata bruta, geralmente faziam roça primeiro, para limpar a área e as usavam para instalar a casa posteriormente a colheita.

“Morava perto da igrejinha, Catulino veio fez a roça (onde é a casa agora), queimou plantou arroz e banana, já pensando em fazer a casa, era mato roçou, derrubou, queimou e plantou uma roda de banana, já deixando o lugar por causa da água e por causa das criações, tinha que criar os porcos presos e assim eles não criam, na seca tinha que vim pegar água no corregozinho (próximo da atual casa). Plantava perto da casa mangueira, abacate, caju todos lembrando da sombra. Na sombra não planta nada, porque não ala, procura lugar que pega sol para plantar no quintal.” (Cecília)

“Quem escolheu foi meu marido, porque é mais perto da estrada, porque tem criança estudando, e lá em baixo fica muita lama e tem muita cobra boipeva.” (Lourença)

“Escolheu porque era o lugar mais próximo do córrego e não pega enchente na época da chuva, o lugar baixo enchia tudo de água.” (Hermilinda)

“Porque fica mais perto da estrada, tem melhor saída e fica longe do rio. Fica mais longe dos mosquitos, mas é ruim ficar longe da água.” (Antonio Viriato)

“Escolheu porque quando o pai fez a casa era longe da estrada, caçava lugar alto para fazer casa onde não minava, e longe do Ribeirão que enche na época da chuva, agora permanece no mesmo lugar e a estrada agora passa perto, mas se fosse por gosto seria longe.” (Anacleto)

“Quando mudamos era um sítio abandonado, onde tinha umas coisas antigas (benfeitorias como forno, fornalha...) fomos morar lá (próximo do Ribeirão), mas chovia e umedecia muito, minava tudo, ficamos aqui por ser mais alto não ter minador, e por causa da vista.” (Benedita)

“Escolheram (os pais) porque era campo, cerrado baixo, já era mais limpo e queriam plantar mandioca e bananal e o resto era mata e a água doce que ficava perto, o Ribeirão é perto.” (Beto)

“Aqui era bruto, fiz um barraco de palha e fiz a roça de milho, arroz, feijão e bananal, limpei para roça, depois que colhi a roça, já deixei de quintal. Era mato não tinha nada, aproveitei a área que tinha feito a roça e fiz o quintal por ser perto do ribeirão e a terra ser boa.” (Américo)

“Morava lá embaixo onde era a sede do pai, lá dano mina e ele ficou doente, disse ao pai que precisava escolher um lugar mais alto, pois era sacrificoso sair com ele de lá, para ficar perto da reta, aqui não atola, e lá atolava não conseguia tira ele de lá, abriu um olheiro de água no meio da casa, aqui é mais alto, firme e seco.” (Porfírio)

“Acho melhor por ser perto da reta e mingua a distancia para pegar água, mas agora a gente já não desce mais para o córrego já encano a água, já favoreceu mais.” (Nilza)

“No tempo antigo do meu pai chovia muito, tinha que fazer a casa em lugar alto onde não minava, o pai que escolheu.” (José Marino)

“Porque é lugar mais alto, plano, aconchegante, lá pra baixo é despenhado quando chove fica molhado, aqui foi mais de acordo pra fazer a casa, aqui não abreja, enxerga mais as coisas, têm mais vista.” (Maria Vieira)

“Escolhi porque achei o lugar mais bonito, mais adequado, mais perto da estrada, mais plano e a entrada muito boa.” (Dielson)

“Comprei a propriedade com a benfeitoria, na antiga propriedade minava, era muito baixo.” (Rosinha)

“Morava num lugarzinho que tava ficando espremidinho, morava com meus pais e irmãos, daí escolheram um cantinho no fundo do lote que tinha água que corria na seca, tinha a mata, que dava para desenvolver, terra boa, não me preocupo com ninguém, ninguém se preocupa com a gente, é pouco movimentado.” (Catulino)

2.2 A importância dos Arredores da Residência para os Camponeses Morroquianos

Para os agricultores os arredores das residências são os espaços onde cultivam, criam animais e produzem grande parte do que precisam para sua nutrição e saúde. Fazem esses locais se tornarem confortáveis, agradáveis e produtivos, pois é onde permanece grande parte do seu tempo, principalmente as mulheres que se dedicam mais a esses espaços.

Estes espaços são também locais onde os agricultores se distraem e sentem prazer quando estão se dedicando ao plantio e as criações.

Percebeu-se que os agricultores se importam muito com a visão que o outro tem sobre seu sítio, por este motivo se preocupam com a beleza e a produtividade nesses espaços dos arredores da residência, por ser o local onde recebem suas visitas e desejam que eles admirem o local pela fartura e beleza que representam.

Como inicialmente as perguntas eram feitas sobre a importância dos quintais, houve uma indução das respostas dos moradores para este espaço, as interferências não foram muito significativas, pois o quintal questionado na pesquisa inicial considerava os arredores da residência como quintal, o que deixou de ser considerado foram às outras denominações dos espaços.

As falas a seguir descrevem a importância dos arredores da residência para os agricultores:

“O quintal representa bom, fica livre dentro dele.” (Catulino)

“São coisas que a gente planta e cria para melhoria do lugar, para ter um conforto, se aparecer alguém a gente fala que tem as coisas, se não tem a gente fala que não tem nada. É para um conforto. O quintal serve para fazer plantação, sombra e fartura na época de fruta, tempo da gente comprar, pedir, a gente tem em casa” (Cecília)

“Ele estando bonito, já sinto feliz, a gente vendo o jardim bonito à gente acha que os outros também vão achar, tendo as plantas, estando bonito é vida.” (Lourença)

“Acho bonito as flores vermelhas, amarelas, brancas. Para brincar, cuidar do quintal, varrer. Gosto de planta também tem bastante planta que plantei.” (Diego)

“O quintal é onde a gente pode plantar flor, fazer uma hortinha, plantar para sombra, criar as criações de terreiro pato, galinha, peru, angola.” (Hermilinda)

“O quintal é à parte que a gente mora mais estimada, é à parte de lazer. Chegam as pessoas que vê bem plantado, produzindo e admira. A gente fica feliz. Produz uma manga, um caju.” (Antonio Viliato)

“Representa um lazer, é um paraíso, é o lugar que eu vivo.” (Maria Vieira)

“O quintal a gente planta, ter o cercado como quintal, para plantar.” (Anacleta)

“O quintal tem muito valor, manter sua criação, plantar umas frutas, tem que ter o quintalzinho cercado, manter limpo.” (José Marino)

“É pra plantar planta de flor e remédio como a arruda.” (Nilza)

“O quintal serve de disfarce, quando esta assim triste, você esta olhando as plantas, esta cuidando você se distrai. Eu gosto muito de plantar. Pra quem ama a natureza é um zelo

pela natureza, porque você está renovando as plantas. Distrai a gente, cuidar de alguma coisa passa o tempo e distrai.” (Benedita)

“Desde o tempo de minha mãe ela tinha demais de planta, ela gostava dessa luta. Eu gosto de plantar, de lutar.” (Rosinha)

“Posso plantar as coisas para comer, uma hortinha todo ano, 50 covas de abacaxi, maracujá, laranja misteriosa, e pretendo plantar laranja enxertada (pocã) esse ano, na época da chuva em novembro que já está bem molhada.” (Beto)

“Gosto de terreiro limpo que de longe a gente vê o que passa no chão, eu gosto de enxergar longe. A gente ter ele para hora que a gente precisa chupar uma fruta ter.” (Izabel)

“Porque tem mais vista, uma laranja, manga...” (Américo)

“É importante porque além das plantas que tem fruto pra gente, aproveita que tem a sombra e ainda protege dos ventos.” (Dielson)

2.3 Cultura e Tradição dos Agricultores Manifestadas nas Residências e seus Arredores

Além da relação que os agricultores tem com os recursos dos arredores das residências, existe também a relação com os espaços. Locais onde podem manifestar suas culturas, tradições e crenças.

Os arredores das residências são espaço onde os agricultores se reúnem para realizar as festas de aniversário, as orações, as rezas, as festas de santo, os cultos, tocar modinhas ou mesmo reunir os amigos para conversar.

Os agricultores são muito ligados a religiosidade, todas as famílias tem suas rezas e cultos feitos nos arredores da residência. Esses são realizados nos sítios dos participantes, porém existem algumas considerações, como no caso de pessoas que estão enfermas ou idosos demais, para caminhar longas distâncias, os cultos e rezas são preferencialmente na casa deles, para que possam participar.

As pessoas sentem uma certa divisão nas comunidades, com a introdução de novas religiões, que causam um agrupamento das famílias da mesma religião e um afastamento das famílias que pertencem à outra. Na região da Morraria predominava o catolicismo, onde todos participavam das rezas e festas de santos, agora os evangélicos não participam mais, realizam seus cultos e festas particulares.

“A religião já mudou a relação nossa na comunidade, da Assembléia é seu Américo, Eranil, Zé Wilson, já não participam mais das rezas, a amizade já muda um pouco, não gostam de estar com companheirismo com católico, muda o agrado.” (Anacleto)

Mesmo com as novas culturas presentes na região, a cultura e tradição dos morroquianos se mantêm, com suas rezas, orações, festas, modas de viola de cocho, danças, benzições, técnicas de plantio e de manejo. Na Tabela 20 a seguir são apresentadas as manifestações culturais existentes nas residências e arredores desses agricultores.

Tabela 20. Manifestações culturais feitas nas residências e seus arredores

Tipo de manifestações cultural	Envolvidos	Características
Aniversários	Parentes, vizinhos e o pessoal da cidade	Fazem churrasco, matam e assam leitoa.
Rezas	Pessoas da comunidade	Fazem a ladainha, rezam o terço, fazem oração para os enfermos, rezam para ficar mais felizes, rezam para ir para o céu, rezam com imagem de Santa Luzia e Nossa Senhora Aparecida e rezam para Nossa Senhora da Guia. Geralmente rezam e depois distribuem lanche para as pessoas. Esse evento ocorre 3 á 4 vezes no ano.
barzinho	Pessoas da comunidade e conhecidos de outras comunidades	Reúnem-se, bebem, fazem modinhas de viola e vão embora
Culto da Assembléia de Deus	Pessoas da comunidade	São apenas 3 famílias da comunidade Nossa Senhora da Guia.
Festa de devoção de São Sebastião	Familiares descentes, pessoas de Cuiabá, pessoas da comunidade, parentes e conhecidos.	A festa ocorre há 12 anos, durante 2 dias, no mês de setembro dia 10. Tem musica, dança, bolo, vaca, leitão, capado e comida. Tem também rei, juiz, juíza, rainha, aufere da bandeira e capitão do mastro
Grupo de reflexão	Pessoas da comunidade	Ocorre de mês em mês ou de 2 em 2 meses durante o ano
Retiro espiritual	Pessoas de Cáceres	Ocorreu uma vez em um dos sítios da comunidade de Santana.
Grupo de oração	Pessoas da comunidade	Ocorre uma vez por ano, com grupo de 5 a 10 pessoas
Benzedura	Pessoas da comunidade e pessoas de fora	Benzem contra quebrante, cobreiro, ofensa de bicho, arca caída (peito aberto), chuva brava e erisipela
Reunião de amigos	Pessoas da comunidade	Reúnem-se alguns amigos em uma sombra no terreiro ou quintal e conversam

Os arredores das residências são espaços de interação principalmente entre os membros da comunidade, além de parentes e compadrios.

A religiosidade é marcante nos agricultores. A crença nos santos faz parte da história e do presente dessas pessoas. As tradicionais festas de santo, as rezas e orações comprovam essa devoção pelos santos. A organização e realização das festas se dão pelos membros da comunidade.

As conversas, comemorações de aniversário também são realizadas nesses espaços e reúnem vizinhos e parentes para compartilhar de comes e bebes.

CAPITULO III – O SISTEMA PRODUTIVO E O MANEJO NO SISTEMA DE PRODUÇÃO DOS ARREDORES DAS RESIDÊNCIAS POR CAMPONESES MORROQUIANOS

Para esses agricultores ainda pode ser considerada baixa a substituição por tecnologias externas, porém elas existem.

O sistema produtivo desses camponeses se caracteriza pela diversidade de espécies mantidas em sua unidade produtiva e está condicionada, a disponibilidade de ferramentas, época de plantio, influência da lua, tipos de plantio, pluviosidade, perda de espécie, e força de trabalho da unidade produtiva.

3.1 Disponibilidade de Ferramentas no Manejo das Espécies Cultivadas nos Arredores das Residências.

As ferramentas, objetos e outros meios usados nos plantios feitos nos arredores da residência são vários, pois cada espécie necessita de um cuidado especial tanto para o plantio, quanto para o seu manejo.

O uso do espeto, faca, facão, para se fazer às covas, assim como o uso das mãos, é mais utilizado para as plantas de raízes pouco profundas ou de sementes que necessitam de covas rasas, esse procedimento depende também do tipo da terra, pois só é adotado quando a terra é macia. O facão é usado também na poda das plantas.

O saraquí é uma das ferramentas mais citada pelas mulheres, que tem uma afinidade maior com essa ferramenta, principalmente no plantio de plantas ornamentais e medicinais e que são plantadas diretamente na terra. Já os homens utilizam mais a cavadeira, o enxadão e a enxada para fazer as covas, pois lidam mais com o plantio de mudas e sementes de plantas perenes, plantas com raízes radiculares e fazem as covas maiores, usam a enxada também para a limpeza dos arredores da residência.

Existe também a questão da facilidade de trabalho, pois antes as covas eram feitas com espetos batidos com machado, o que necessitava de

um esforço maior, a chegada de novas ferramentas como a cavadeira, facilitou o trabalho, diminuindo a força empregada neste tipo de atividade.

Existem agricultores que são mais detalhistas com as plantas, mantendo técnicas específicas para cada planta, porém tem uns que são mais generalistas utilizando-se na maioria dos plantios uma técnica para determinadas categorias de planta.

E na limpeza diária dos espaços, a vassoura e o rastelo são as ferramentas mais utilizadas.

Abaixo as falas sobre o uso dos instrumentos nos plantios realizado nos arredores das residências.

“A enxada é melhor para fazer cova pequeninha não é igual o enxadão. O saraqua faz a cova funda e redondinha, o enxadão faz cova larga, a enxada faz cova rasiinha e larga, o cavucate é para fazer muda de banana, buraco fundo. Muda de terreiro é sempre saraqua e enxadão.” (Cecília)

“A cavadeira faz cova mais larga e mais funda, é mais fácil, não precisa tirar a terra com a mão. Enxadão é mais fácil para fazer cova mais rasa, o enxadão tira um pouco da terra e faz uma cova meio quadrada. O facão é melhor para cavar. Uso um pedacinho de pau para cavar. A ferramenta depende, a gente escolhe cavadeira que cava mais funda, mais redonda e não precisa por a mão para estar tirando a terra do buraco, enxada para plantar mandioca, cana de açúcar, ela faz a cova comprida”. (Lourença)

“O saraquá é a ferramenta que tenho mais pratica de lidar com ela. Fiz a cova com cavadeira porque a cova já é mais larga e funda.” (Hermilinda)

“A ferramenta uso a cavadeira para cavar buraco para cerca e buraco de 20 á 50cm e não precisa tirar a terra com a mão, é uma facilidade que inventaram. A enxada para carpir e uma planta que cava mais raso, sementes. O enxadão para bananeira, cova mais funda e larga.” (Antonio Viriato)

“O enxadão a cova é mais rasa, porque não tem potencia. A cavadeira é mais boa para fazer buraco mais fundo até 1m e $1/2$ faz. O espeto quando têm terra boa não precisa aduba nada é só finca na terra, batia um espeto com machado e fazia a cova com buraquinho assim certinho.” (José marino)

“O saraqua usa quando a cavadeira não alcança mais, faz com ela até 1m e $1/2$. A cavadeira quando a cova é mais profunda, cava e tira a terra. O enxadão a cova dele é deitada, faz a cova comprida. A enxada é para limpar o quintal. A labamca faz buraco para cerca, pra arrancar uma pedra, cavuca e tira a terra com a cavadeira.” (Porfírio)

“O enxadão é ferramenta forte agüenta cortar raiz. A cavadeira é melhor para o buraco bem redondinho, bonitinho.” (Beto)

“As plantinhas dependem do pinhão dela para o tamanho da cova. As planta de muda depende do tamanho da raiz.” (Beto)

“Para fazer a cova com espeto, eu não fofo a terra grande, fica só o buraquinho ela pouco sente. O enxadão é mais resistente, a cavadeira faz o buraco bem redondinho, bonitinho, faz morão e cerca.” (Beto)

“Enxada pega certo a quina da enxada para fazer cova, o enxadão é mais fundinho um pouquinho.” (Izabel)

“Enxada as planta do quintal ela faz mais economia nas sementes, mais esforço.” (Américo)

“O saraquá faz burquinho pequeno de um palmo e meio ou dois palmo e cavucate faz buraco mais grande.” (Anacleta)

“Uso faca ou faço um burquinho com pau, enxada ou facão, arruda e florzinha de enfeite.” (Nilza)

“Ferramenta é saraquá.” (Maria dos Santos)

“Enxada faz cova mais rasiinha, cavadeira cova mais funda, espeto (chuchu) pequenininha, colher mais rasiinha e enxadão cova estreita.” (Maria Vieira)

“Enxada planta rama a cova é mais larga do que funda 20cm/10cm e facão para cortar rama.” (Dielson)

“Uso enxada, rastelo, vassoura, folha de lata para juntar cisco, saco para juntar cisco.” (Catulino)

Tabela 21. O manejo das plantas existentes nos arredores das residências e os instrumentos utilizados

Instrumento	Uso
Espeto	Quando tem terra boa não precisa adubar é só fincar na terra. Bate o espeto com machado e faz a cova um burquinho certinho.
Mãos	Faz as covas rasiinha, quando a terra esta macia.
Faca	Para fazer um burquinho pequeno
Facão	É melhor para cavar, para podar as plantas de terreiro e cortar rama
Enxada	Faz as covas rasiinha, larga e comprida. É usada também para carpir e limpar o quintal e fazer economia de sementes.
Enxadão	Faz cova larga, rasa e meio quadrada; Faz cova deitada, comprida, redonda e bonita. É uma ferramenta mais resistente
Cavadeira ou cavucate	Faz a cova funda, larga e mais redonda e faz também buraco para cerca e morão.
Saraquá (uma foice cortada na ponta e amolada)	Faz a cova funda e redondinha, usa também quando a cavadeira não alcança mais, faz cova de até 1e ^{1/2} m e faz buraco pequeno.
Alavanca	Faz buraco para cerca, serve para arrancar pedra, cavar e tirar a terra com cavadeira.
Colher	Faz as covas mais rasiinhas.
Vassoura	Faz a limpeza do quintal, da casa e da cozinha diariamente
Rastelo	Faz a limpeza do terreiro e do quintal

3.2 Época de Plantio das Espécies Localizadas nas Residências e Arredores

Segundo os informantes, o plantio era feito no início das chuvas, especificamente no mês de setembro, porém agora o plantio tem que ocorrer no período de outubro a dezembro, pois o período de seca esta cada vez mais longa prorrogando o início dos plantios.

A época de plantio se inicia no período das chuvas, pois as plantas dependem da água de precipitação para sobreviver.

Na época de seca regam apenas algumas plantas, principalmente as medicinais e ornamentais, porque o acesso à água é limitado nessa época do ano, tendo que haver uma relação de preferência e ou importância para selecionar as plantas que serão mantidas com rega durante esse período.

A maioria das plantas alimentícias permanentes e as plantas nativas contam apenas com a água das chuvas para mantê-las, por não haver água suficiente para rega-las no período de estiagem como descrito nas falas a seguir:

“Planto no mês de outubro, no começo das águas e dos brotos, de outubro em diante por causa da chuva. Planto em qualquer época, plantinha de terreiro medicinal. A mamona planta em qualquer tempo, mas sempre ele nasce nas águas não precisa mais plantar, uma semente dela que cai já nasce, ele fica no chão a semente que fica com a casquinha na época da chuva ele nasce.” (Cecília)

“Na época mais chuvosa é menos rega, se tiver um pouco úmido a terra é melhor ele desenvolve mais violento.” (Catulino)

“Planto no tempo das águas de dezembro até março. Todas as plantas usam plantar no tempo de chuva, se não têm que regar e água é difícil. A banana planto no começo das águas outubro, novembro, chuva demais apodrece ela. A cebolinha tendo água qualquer tempo a gente planta.” (Lourença)

“Planto no começo da chuva, porque só a água da que a gente põe não basta para a planta desenvolver. Época de plantar é de outubro e novembro. A rosa é setembro, época de broto. Horta pimentão, cebola, cenoura é no mês de maio, esse ano que choveu muito da praga em tudo, agora que começou venta sul já pode plantar.” (Hermilinda)

“Pode plantar na lua certa em qualquer época que dá, mas tem que irrigar, mas quem depende da chuva têm que plantar na época de chuva para ela vingar. A mandioca é de outubro em diante, ela agüenta mais no seco, se plantar muito molhado ela apodrece.” (Antonio Viriato)

“Planto sempre na época da chuva que se planta ele nasce.” (Maria Vieira)

“Época boa é de novembro até janeiro, que agoa mais pouco.” (José Marino)

“Planto em outubro inicio das águas.” (Anacleta)

“Na época do pai era setembro que já chovia, agora com sequeidão não dá mais para plantar, só lá para dezembro, que ta úmido.” (Porfírio)

“As planta é na época da chuva, qualquer mês estando chovendo, não escolho dia e nem hora.” (Maria dos Santos)

“Planto em agosto, setembro que é época de broto que vai principia a chuva, se planta em julho, junho cai às folhas velhas e acontece de não brota.” (Benedita)

“Mês de planta é outubro, novembro e dezembro, porque ela nasce.” (Beto)

“Planto no tempo das águas em outubro, novembro e dezembro.” (Izabel)

“Qualquer tempo é bom para plantar, tendo água para aguar, mas é bom de outubro em diante.” (Américo)

“Horta começa em maio quando vai cortando a chuva, planta de flor é qualquer mês.” (Nilza)

“Época de chuvarada é as planta de flor.” (Benedita)

“Muda de arroz, banana, milho, mandioca é outubro e novembro, feijão é agora mês de março e abril, semente de abóbora, melancia é fevereiro na roça, manga, caju em dezembro e janeiro, eles ocupa a terra mais molhada.” (Dielson)

“Melhor mês para plantar é setembro e outubro, mês dos brotos.” (Rosinha)

3.3 Influencia da Lua Sobre o Plantio das Espécies dos Arredores da Residência

A maioria desses agricultores acredita na força da lua, para desenvolver o plantio, que está condicionado á lua ser boa ou ruim, forte ou fraca, para determinadas categorias de plantas, pois os agricultores fazem categorizações das plantas para determinar a lua certa para plantar.

Para os camponeses as categorizações das plantas que recebem influência lunar no seu cultivo são: plantas de raiz ou plantas embaixo da terra (tubérculos); plantas em cima da terra (frutíferas); planta de roça; planta de terreiro/planta de casa/planta de enfeite (plantas ornamentais).

A lua nova é para as plantas frutíferas “*que produzem nas copas*” e a lua minguante para as raízes tuberosas “*plantas que produzem na raiz*”, estas duas fazes lunar foram as mais citadas e de força e resultado mais comum entre

eles, mas também tem os que fazem plantios em outras luas e mesmo os que não acreditam na influencia da lua sobre o plantio.

Houve casos em que o marido acredita na força da lua para plantar e a esposa não, ela planta em qualquer lua, isso nos confirma que as pessoas têm sua individualidade, e que as convicções não são comuns mesmo entre a família ou grupo social.

Há também os filhos que não acreditam na influencia da lua, mas conhecem a convicção dos pais. E em outros casos, é a fase lunar que determina a produtividade da espécie.

Essas informações estão descritas nas falas a seguir:

“Abacaxi não pode plantar na lua cheia ele macheia, não da fruta. Lua nova é bom para produzir e para as coisas não atacar, dar broca, sempre cresce carrega, em lua ruim ela queima os brotos.” (Cecília)

“As mangueiras foram plantadas em lua ruim, porque não dá fruto. O coco é mais pra lua nova e crescente dá carga melhor, se plantar em outras luas ele não da carga competente.” (Catulino)

“Planto na lua nova, a lua fica mais fraca a planta sai mais viçosa, mais bonita, na lua nova a gente planta e é difícil perder a planta. É raiz planta na lua minguante, porque cresce a raiz e a rama não cresce muito” (Lourença)

“Eu planto em qualquer lua, não considero a lua.” (Hermilinda)

“Qualquer lua planto, as plantas de terreiro, eu tenho uma mão para plantar que meu Deus, ela viça, dá muda.” (Maria dos Santos)

“Planto em qualquer lua.” (Rosinha)

“Todas as coisas que dá em cima da terra e na lua nova, e as de raiz embaixo da terra é na minguante como cara, mandioca, batata, cresce a batata com firmeza, cresce mais a raiz do que a rama, na lua nova cresce mais a rama e a raiz cresce pouco. Na lua nova ás plantas crescem mais rápido, as frutas dão mais graúda, mais limpa. Se plantar na lua errada ela cresce, mas não produz. A planta que é plantada na lua nova, ela gosta mais, por causa da claridade, é coisa da natureza que a gente não entende.” (Antonio Viliato)

“A lua nova é boa para planta de casa enfeite, ela brota, fica com as folhas grandes, fica bonita, as de comer broqueia as frutas. A minguante e quarto crescente, as de enfeite ela mingua, não vai para frente, é bom plantar legume. Na cheia não viça, enrrama ela só que não produz. A lua nova é planta de folha e a lua minguante e quarto crescente é de planta que dá fruta.” (Anacleta)

“Lua boa é a crescente para os crescimentos da fruta e da folha, não é bom plantar na nova porque ela embicha muito, desde as frutas, porque é lua forte.” (José Marino)

“Planto véspera de cheia e ela nasce na minguante, porque ela conserva a planta, o vento não pega, ela fica baixa, a banana racha, mas é bom. A nova é muito forte, nem pra tirar madeira não presta, broqueia tudo. A lua crescente faz crescer muito a rama, a copa, mas não agüenta vento logo apodrece, viça o cacho de bananeira, milho, mandioca.” (Porfírio)

“Os povos antigos planta mais na lua nova e crescente, manga, caju e abacaxi. Planta de enfeite planta qualquer tempo, depende do cuidado dela.” (Benedita)

“Uso a lua quarto crescente para replantar. Mandioca de duração é na lua minguante, na nova para ter uma mandioca rápida, num instante para comer.” (Beto)

“Na lua minguante é rama, abóbora e na crescente é arroz, feijão.” (Izabel)

“Planto na lua minguante e crescente para não broquear.” (Américo)

“Planta de casa não tem nada de lua, agora de roça têm, lua minguante ou quarto crescente.” (Nilza)

“Batata, inhame, açafraão segue lua nova.” (Benedita)

“Esse negócio de lua eu sou meio assim, o pai acredita, eu to perdendo os mitos do passado, a terra estando boa eu to plantando, as planta que da acima da terra não pode plantar na minguante.” (Dielson)

3.4 Os Tipos de Plantio Realizados nos Arredores das Residências

O tipo de plantio é condicionado às exigências específicas de cada planta e a sua resistência. Há plantas que precisam de cuidados especiais, como por exemplo, a menor exposição ao sol, maior quantidade de adubo (esterco de gado ou de galinha) ou de terra preta, retiradas de margens do córrego, ou ainda de serem regadas com maior frequência.

As plantas mais exigentes geralmente são plantadas em latas com terra e esterco. As plantas que predominam no plantio em latas são as ornamentais e medicinais, por serem mais exigentes e também porque as mulheres gostam de tê-las bem próximas a casa, as ornamentais para enfeitar a casa e as medicinais geralmente são as de maior uso. Ex: camomila, fortuna, samambaia.

Outras plantas precisam que seja feita a muda em sacolinhas ou viveiros, também com terra e esterco antes de serem plantadas definitivamente. Ex: laranjeira, tangerina, abacate.

Há plantas que são resistentes á escassez de alguns recursos, essas já são plantadas diretamente no chão, são mantidas apenas com os nutrientes existentes no solo e a água somente das chuvas, são plantas que possuem capacidade maior de adaptação. Ex:, goiabeira, amora, seriguela.

As plantas frutíferas e nativas, que geralmente são permanentes são plantadas direto no chão e “quem cuida é a natureza”, ou seja, dependem dos recursos do solo e da água que a natureza dispor a elas.

A seguir são descritas na Tabela 22 as variadas formas dos camponeses realizarem seus plantios nos arredores da residência.

Tabela 22. Os tipos de plantio realizados nos arredores das residências

Tipos de plantio	Características	Cultivos
Na lata (incluem vários tipos de objetos, tachos, baldes, entre outros)	É uma mistura de terra preta com esterco de gado ou galinha ou só terra preta.	Medicinais e ornamentais.
No chão	Direto no chão, às vezes com mistura de esterco de gado depende da exigência da planta.	Frutíferas, ornamentais e medicinais.
Horta	A área usada é cercada com tela ou pau a pique, terra misturada com esterco de gado ou galinha	Verduras: alface, couve, berinjela, jiló...
Viveiro	Terra misturada com esterco de gado ou galinha, onde são semeadas várias sementes e posteriormente as mudas são transplantadas para o local desejado.	Citrus e verduras
Na sacolinha	São depositadas sementes em sacolas com terra preta e esterco, para fazer as mudas e quando atingem o tamanho de uma chave (15cm) mais ou menos são transplantadas para o chão.	Frutíferas
Toco de tucum ou bocaiúva	Depois de 2 anos que passou por queima, ele apodrece no fundo, pega-se ele e coloca terra e esterco de gado e de galinha	Plantas ornamentais

“Na lata ponho terra misturada com esterco, na lata a planta dura uns 4, 5 anos, quando a raiz chega no fim da lata, ela perde a potencia, tem que mudar para outra lata e trocar a terra. Quando as batatas estão grandes não planta, planta as pequenas, não planta toceirona.” (Anacleta)

“Para fazer horta, cava a terra, ara com enxadão, deixa a terra bem macia , fofinha, pega a enxada e arma os canteiros, bem arrumadinho, molha bem, molhado aí vem o esterco de gado, depois semeia e põe bastante forquilha e cobre com folha de acuri, para proteger do sol, durante uns 15 dias, depois pode descobrir.” (Beto)

“Faço mudinha na sacolinha com esterco e terra, depois que é plantado no chão, na sacolinha é melhor para fazer mudinha.” (Cecília)

“Quando quer plantar bastante mudinha, a gente cavuca a terra e semeia as sementes, faz um viveirinho”. (Cecília)

“Planto direto no chão na época da chuva.” (Lourença)

“Cada planta tem um modo de plantar têm desde a cova de 2 palmo e têm que adubar com folha da beira do corgo, cisqueira e esterco, como os arvoredos, laranjeira, cabaceira, limão, mangueira, acerola, tangerina, jambo, jaca, emburana, a raiz é profunda, planta de flor é cova de 1 palmo e meio de fundura, não precisa adubar, o adubo dele é as folha que cai e a gente varre no pé dele, como a papoula, rosa branca, suspiro, rosa louca, gengibre, capim cidreira. Na lata é um gême de fundura, com esterco de gado, com terra, meio a meio, como a língua de vaca” (Porfírio)

“As muda de planta é na lata ou no chão, se a terra não for boa a gente põe esterco de gado, de cavalo, esterco de galinha.” (Américo)

“Planto na lata com esterco de gado misturado com a terra, na terra também é misturado com esterco, acho que se planta só na terra não vira nada.” (Nilza)

“Conforme a qualidade da planta planta na lata primeiro depois passa no chão, depende da lata, hortelãzinha, camomila, viqui, arruda é só na lata, esterco bem a lata, vô muntuando cisco e faço esterco, vou queimando. No chão planto direto sem esterco. Cebola é canteiro ao menos 4 dedos de esterco aí ela viça.” (Maria dos Santos)

“Na lata põe esterco, bosta de animal de cavalo, com terra preta, tem hortelãzinha e as de enfeite.” (Izabel)

“Na lata com esterco de gado e de coqueiro, depois que ele apodrece. Folhagem com esterco de coqueiro e com terra preta do mato. No chão alguns coloca um pouco de esterco e põe a muda e outros já planta no chão direto. Horta esterco de curral e terra preta e algumas coisa cebola usa esterco de galinha faz ela ficar viçosa.” (Hermilinda)

“Na lata é onze hora, alecrim, com terra preta e esterco de gado ou de galinha. Horta não que sai mais nada, não sei se é micróbio. Cebola planto no tacho. Terra sendo boa preta assim, planto só no chão. Cebolinha sai boa só se por esterco ela avança que é uma beleza.” (Maria Vieira)

“Planto direto no chão e uso esterco de galinha.” (Dielson)

“As flores planto direto no chão e algumas na lata. Cebolinha planta no tacho. Fazia horta, mas parei por falta de água, a horta era feita na beira do córrego, mais ou menos 800m longe da casa. As plantas frutíferas são plantadas diretamente no chão.” (Antonio Viliato)

“Dependendo da época planto direto no chão e em época de seca uso plantar em lata ou sacola por causa da umidade da terra. Faço horta no período da seca, a partir de junho, faço muda, sementeira, até agosto, setembro faço a coleta.” (Catulino)

3.5 A Influência da Precipitação no Sistema Produtivo dos Arredores da Residência

Os morroquianos são agricultores que dispõem de recursos hídricos naturais como rios e córregos e poços artesianos que abastecem seus sistemas produtivos durante o período de estiagem. Esses reservatórios de água vêm passando por processos de alteração em seu fluxo, pois alguns córregos que se mantinham com água durante todo ano, agora estão secando na época de estiagem, seguida também da secagem de poços artesianos, havendo a necessidade de escavações em maior profundidade para atingir a água, a qual necessita de recurso financeiro para contratar mão de obra especializada para esse tipo de trabalho, ao qual eles não dispõem. Além ainda do fato de não possuírem recursos financeiros para implantar sistemas de irrigação.

Esse conjunto de fatores, cujas conseqüências atingem de forma direta o sistema de produção desses agricultores, faz com que os mesmos tenham de se adaptar a nova realidade de disponibilidade hídrica, fato este que não impede perdas significativas de espécies de plantas existentes em seus sítios, cultivadas ou nativas.

Algumas das adaptações feitas é a alteração no calendário agrícola, onde o período de plantio de culturas começa de acordo com o mês de início das chuvas, antes em setembro, agora em outubro ou novembro, dependendo da freqüência de chuvas, além do plantio de hortas comprometido também pela falta de água para rega no período seco.

Outro fato é a tomada de decisão por plantas preferenciais visto que a limitação de água os condiciona a escolher as plantas que mais gostam, ou de maior uso para rega-las durante a estiagem, devido à água não é suficiente para regar todas as plantas.

Os animais também perecem com essa escassez de água, pois dependem das plantas para sua alimentação, e da água para beberem. Esta limitação de água ocasiona o enfraquecimento dos animais, ficando mais susceptíveis a doenças e ao ataque de predadores, como por exemplo, a

vaca leiteira que produz pouco leite na época de seca, e como em alguns casos, esse leite é comercializado e usado como fonte de renda, nesta época encerra-se a comercialização, dificultando ainda mais a aquisição de renda para a subsistência desses agricultores, além disso, o leite e a carne são fonte de alimento para essas famílias, e qualquer perda para eles é significativa.

A escassez de água é um fator limitante a produção desses camponeses e os mesmos têm visto isto como um problema na região, que gera a preocupações em relação ao futuro de seu sistema de produção, visto que as águas de precipitação, das fontes naturais e dos poços artesianos, são essenciais à permanência desses agricultores na região e no sistema produtivo.

As falas a seguir são sobre a importância da chuva para o sistema produtivo dos agricultores.

“As que eu mais prefiro eu aguou, as outras eu deixo morrer, porque se eu for regar todas a água do poço seca.” (Maria Vieira)

“Se chove pelo menos uma vez por mês, a gente fica alegre, mais disposto, a planta vive. Não pode desperdiça água, porque sabe que a mina ta fraca, graças a Deus nunca seco, o ribeirão já seco 2 vezes, perdeu muito peixe, ainda não subiu peixe, porque morreu muito. Agora as planta ta frondoso.” (Porfírio)

“A chuva é importante pra tudo, pras plantas, pras criações, enche os rio, facilita o tempo, refresca, as plantas floresce, apaga a poeira, se não tivesse a chuva à gente ficava difícil, porque nada pode sair, não tinha a coisa, a água na terra é uma vitamina, a chuva é outra vida pras plantas, sai bonita. Quase todas as plantas caseiras caem à semente e só nasce no tempo das chuvas, fruteira, árvore agüenta a seca ela fica mais parada, cai às folhas, quando chove ela brota, as plantas caseira, cai a semente na terra seca, nas primeiras chuvas ela torna crescer e tem umas que fica feia seca mais resiste a seca depois ela torna crescer, suspiro, mentruz, cravo de defunto, manjeriço.” (Maria Vieira)

“No tempo seco a gente alcança muito fracasso, morre, seca, na chuva a gente vê que ela tem bastante vida, o que dá flor dá flor e o que dá fruta dá fruta. Gengibre, açafraão, copo de leite, folhagem é o nome que todo mundo chama de folhagem tem de vários tipo, mas o nome é esse aí, quando seca eles morrem, quando chove ele brota de novo, fica guardado na terra a semente e a batatinha.” (Cecília)

“Chuva é bom demais, você não vence carpir o quintal, mas a roça sai, o pasto sai, tudo fica bonito, com a chuva muda tudo, a terra fica preta bonita, tudo que planta nasce, com a chuva o ar fica limpo, tudo fica bom.” (Lourença)

3.6 Perda de Espécies que Ocorrem nos Arredores das Residências

Além das perdas de espécies causadas pela escassez hídrica como discutido anteriormente, existem ainda outros fatores que remetem a essas perdas existentes nos arredores das residências.

Outras formas de perdas são deixar de armazenar adequadamente e de cultivar algumas sementes no período ideal e acabam por perde-las, além de falta de cuidados como na adubagem e ou pela qualidade do solo.

A seguir os agricultores relatam os motivos que segundo eles causam perda de espécies dos arredores das residências:

“Não tem mais por falta de água e de um adubo que combina com eles, tem adubo, mas não sabe um que dá com eles.” (Lourença)

“As plantas morreram por descuido, falta de cuidar. Quando quer uma planta bonitinha muda de uma lata pra outra, quando não cuida ela morre” (Cecília)

“A gente plantou no chão, e a raiz não tem potencia, a seca foi muito forte e a água é difícil.” (Anacleta)

“A terra aqui tem lajedo (pedra por baixo) a planta enraíza não rompe a pedra, ela empeda tudo e não vai pra frente. A raiz da no lajedo, não vai mais morre tudo.” (Porfírio)

“Na seca, caju, laranja, se não molha morre.” (Américo)

“Na seca perde muita planta, fica tudo seco, por mais que você molha morre, não é como na época da água. Tudo as planta morre, só fica as arvores seca, aí quando chove ela reverdece.” (Nilza)

“Morre as flores porque é menos fundura, então ela esquenta e morre, a água fracasseia, somente dá pra gente fazer comida e beber um copo de água e as planta fica 2, 3 dias sem molhar, laranja também às vezes não agüenta, mas estou com fé em Deus vou fazer um poço esse ano.” (Porfírio)

“Morre aquelas que é só das água, morre planta de quintal, agora as outras não, como mangueira.” (José Marino)

“Jacinta na seca morre e brota nas chuvas, suspiro também, às vezes morre até gado dependendo do pasto. Planta que da semente geralmente ela morre na seca e quando chove ela rebrota, mas tem planta de semente que se não guardar a semente ela morre e não brota mais, jacinta, suspiro, dipirona, violetinha.” (Benedita)

“Morre mais planta na época da seca, porque não pega a profundidade na raiz, ela morre mais rápido e às vezes os insetos que aproveita e já mata também.” (Dielson)

“Por enquanto não perdemos plantas.” (Antonio Viliato)

“Perdi o pomar, morreu tudo, laranja e lima, só sobrou manga dentro do quintal.” (Rosinha)

3.7 Força de Trabalho Destinada ao Manejo nos Arredores das Residências

A disponibilidade de força de trabalho nas unidades produtivas desses camponeses é basicamente familiar, sendo que em alguns casos se resume ao casal de agricultor.

Os camponeses que dispõem de mais recursos podem contratar serviços temporários para ajudar em algumas atividades como a limpeza da terra para o plantio de roça, visto que estão perdendo as práticas de mutirão antes realizadas pelos nativos nas sesmarias, mas há muitos que não dispõem desses recursos e contam com a ajuda de vizinhos para realizarem essas atividades ou gastam mais tempo e esforço para realiza-las por ser a única força de trabalho disponível.

Os problemas relacionados à força de trabalho são gerados por variados motivos: esterilidade de alguns casais de agricultores limitando a força de trabalho apenas ao casal; a migração dos filhos de camponeses para as cidades em busca de trabalho ou estudo, deixando apenas o casal como força de trabalho da unidade produtiva; a velhice ou doenças que diminuem a resistência do agricultor na realização de determinadas atividades reduzindo a eficácia na realização de determinados trabalhos.

A força de trabalho empregada nas residências e arredores não é exclusividade das mulheres, sendo que os homens também se envolvem em algumas atividades tanto com as criações como com as plantas, apesar de sua maior dedicação ser para a roça.

“Eu asso carne, faço horta para manter um alface, quiabo, jiló, vem as água acaba, faço em abril e maio, planto muda de alguma coisa, banana, coco, do comida para os porcos no manguerinho, varro só o quintalzinho e capino e roço.” (Beto)

“Varro, junto o cisco, jogo fora, limpo, lavo vasilha, limpo cozinha, faço comida e lavo roupa na maquina. Meu marido faz limpeza carpi, planta rama no quintal e às vezes eu ajudo ele também, na hora que estou desocupada.” (Izabel)

Os moradores nascidos na região relatam que antes as mulheres auxiliavam os maridos na roça, mas agora elas dedicam a maior parte do tempo as atividades da casa e arredores.

A perda de espaços e recursos antes de uso comum na época de sesmaria fez com que esses camponeses nativos de certa forma agrupassem esses recursos e espaços nos arredores das residências atuais, por uma questão de readaptação a nova situação fundiária. Essa readaptação fez com que aumentasse a força de trabalho dedicada aos arredores da residência, visto que aumentaram as espécies animais e vegetais agrupadas nesses espaços, além da maior proximidade da roça para com a residência, não havendo necessidade das mulheres se deslocarem cerca de 5 km para levar as refeições para os maridos e auxiliá-los nas atividades da roça. Algumas mulheres também não têm mais resistência para essas atividades quer seja por problemas de doença ou por limitações da idade.

“Molho as planta, lavo a roupa, faço comida, costuro, passo ferro, cuido de criação, trato de porco, de galinha, criação de quintal é eu que cuido. Só eu que cuido as coisa de casa, só quando eu não to ele faz comida, na roça já ajudei muito mas depois que fiquei doente não ajudo mais, cuido de casa, ajudava planta uma cana, uma rama.” (Nilza)

“Tudo meu marido ajuda, antes de ficar doente ajudava na roça, limpar bananal, roçar, carpi. Morei no Taquaral, levava comida na roça uns 5Km de distancia, ajudava na roça a maior parte do tempo, tenho o material de fiar guardado, fiava rede com uma semana, eu e as filhas faziam uma corte de rede, eu melhora das vistas eu quero fia de novo, plantava e colhia arrobos e arrobos de algodão, tenho batedor de algodão, tenho a roda. Gasto umas 8 horas por dia de trabalho com a casa.” (Maria dos Santos)

A maior parte do trabalho nas residências é das mulheres, mas em caso de necessidade, doença ou ausência da companheira, os maridos também realizam essas atividades. Assim como as mulheres assumem as tarefas dos homens se também for necessário. *“Limpo o quintal, carpi, limpo tudo de enxada, plantar ajudo a velha plantar eu limpo tudo. Quando a velha não pode eu cozinho, lavo roupa, limpo peixe, galinha, frito.”* (Porfírio)

A divisão do trabalho entre homens e mulheres, principalmente nas atividades da casa, como cozinhar, costurar e lavar roupa é na maioria dos casos atividades apenas das mulheres, isso se dá por um processo cultural em que esses camponeses mantêm essa cultura até os dias atuais, mesmo com algumas adaptações ou mesmo de distribuição das atividades de acordo com a disponibilidade de força de trabalho.

“Nós já criamos nesse sistema, mas a gente ajuda a única coisa que não faço para mulher é costurar e lavar roupa. Tem coisa que é das mulheres e tem coisa que é dos homens.

Menino em casa cada um fazia um e menina também, agora quando as meninas saiam e eles faziam. Duas horas de serviço por dia, na chuarada não compensa varrer” (Beto)

“Faço serviço de casa, cozinho, limpo, limpo o quintal, lavo roupa, costuro, cuido as galinhas quando o Zé ta ocupado, cuido dos porcos, são umas 15 horas direto. Roça é só o Zé, eu não faço nada de roça, apanhar lenha também é só ele.” (Anacleta)

“Carpi, roça, cuidar das criações galinha, porco, é que a gente tem que cuidar deles, é uma responsabilidade, é um emprego bem dizer que a gente tem. Lava louça sempre eu lavo, tratar as criações mais sou eu. Cozinhar, as planta é ela quem cuida, costura, lava roupa.” (José Marino)

“Lavo louça, varro o quintal, carpino, adubo as planta, podro quando a necessidade, faço comida. Os filhos ajudam em todas as tarefas e serviços é dividido. A mãe e o pai, faziam juntos ele ajudava a fazer comida, lavar roupa. Fia, costura era só a mãe, ordi (colocar no tear) precisa de gente para ajudar e ele ajudava. O pai era roça, derruba, roça pasto.” (Benedita)

“Cuida das galinhas, dos porcos, dos cachorros, limpo o quintal, aguar as plantas, fazer almoço, lavar roupa, faço bolo, doce, aparto os bezerro, faço sabão caseiro, costuro, bordo e cuido da horta. Ajudo corta banana, milho, se precisar eu ajudo, levo almoço, antes a roça era perto e agora é longe, não agüento mais. Meu marido João Batista trabalha na roça, cuida o gado, ele trabalha com o carro viajeia, faz frete pros outros. Minha família era bastante filhos e tinha serviço que nós não fazia, nós tinha muito serviço em casa, fiava algodão, lavava roupa, farinha já fiz muito desde casa, sempre fiz, quando casei lidava muito com roça, faço até hoje para comer e não para vender. Por poder fazer qualquer um pode fazer, mas tem coisa que não da conta de fazer ou não faz porque não precisa, mas se precisar ele faz, apanhar lenha, tratar dos porcos, galinhas, fazer horta, mas é lá de vez em quando, quando eu não posso e ele folga, umas 3 horas de serviço.” (Hermilinda)

“Limpo, carpo e rastelo o quintal e o terreiro, é meia hora por dia ,meu serviço é na roça, ela que planta mais porque fica em casa, agora para limpar, carpir é 2, 3 dias de trabalho no mês de outubro. É eu que limpo para não deixar cortar as plantas que preciso, limpar é só eu, dentro de casa é só ela.” (Porfírio)

“Depende a sujeira, carpo, varro e planto, umas 6h por dia de serviço. As planta de enfeite é ela quem cuida e da casa.” (Américo)

“Levanto cedo faço café e merenda, trato das galinhas, faço ração dos porco, limpo a casa, varro o terreiro, volto faze almoço, depois lavo roupa, dobro a roupa, guardo tudo no seu lugar, varro o fogão, espano o armário, barreio o fogão o barro é para limpar, coloco água pros porcos a base de 12:00h, 15:00h volto da ração pros animal, coloco água pros franguinho, recolho ovo, ponho quirela pros pintinho, 17:00h ponho ração de novo e já parto pra esquentar a janta de novo. O Antonio ajuda cuidar dos porcos, quando eu saio em uma reza, deixo tudo arrumado e ele dá. O meu serviço de casa eu que gosto de fazer e não gostava que ajudava, as vezes pegar um porco, corta uma lenha é os homens e eu quando era nova ajudava na roça, acordava cedo cuidava da criação e ia pra roça com merenda e almoço, na roça era minha alegria. São 7horas por dia de serviço.” (Maria Vieira)

“Sempre ajudo carpi, sempre planto as fruta, é eu mais que planto, ajudo cuida das criação, os pé de mandioca é eu e a mulher. A Lourença varre, cuida mais das parte de flor, ela que poda, zela mais das parte de flor, cozinhar, lavar roupa, louça. É por causa de que tem coisas que acho que os homens não se ajeitaria pra fazer, cozinhar é mais as mulheres que tem jeito. Mas quando ela sai eu faço, cozinhar eu me ajeito, ajudo.” (Dielson)

“Minhas atividades são fazer comida, lava louça, varre, carpi, limpa, é eu que faço, só cuido da criação quando o Catulino sai um dia ou dois, no mais é ele, lava roupa, costura alguma roupa que precisa, umas 8 horas por dia de serviço. O Catulino cuida das criações, da poda das plantas é nós dois.” (Cecília)

“Planto no quintal mandioca, bananeira, faço a limpeza (capina), planto mogno, jaca. A Maria arruma cozinha, faz comida, planta flor, cebolinha, planta medicinais, varre o terreiro, cuida das galinhas, faz ninho. Dos porcos nós dois cuidamos. A alimentação dos cachorros é por conta da Maria, mas quando precisa dar remédio eu ajudo. Acho que trabalho de homem é mais pesado, como carregar madeira, roçar, derrubar, é muito pesado para mulher, a Maria fica mais com o serviço de casa. Trabalho mais ou menos 8h por dia.” (Antonio Viliato)

“Dentro do quintal faço tudo, capino, varro, planto flor, mamão. O Duda planta as plantas de muda, às vezes ajuda a capinar e cuidar das plantas. Os animais do quintal eu cuido, ele só ajuda quando tem tempo. O Diego quando não está estudando também ajuda na capina, na poda, na retirada dos galhos do quintal, também cuida dos animais da água e milho para as galinhas e comida para os porcos. Diariamente em torno de uma a duas horas, mas durante a capina gasta em torno de 4h. Tem que dividir para controlar para todo mundo trabalhar, senão fica pesado só para um.” (Lourença)

“Mexo com plantinha, uma coisinha ou outra, a neta que varre o quintal, cozinho às vezes, alimento as criações, porco, galinha. 4 horas de trabalho. O que aparecer qualquer um faz, o meu neto e meu genro também lidam na cozinha, mas é mais as mulheres.” (Rosinha)

“Não faço muita coisa, a maior parte do trabalho é a Cecília que faz, ajudo na desbrota das arvores. Ela limpa, capina, varre, organiza limpeza, planta as plantinhas de quintal. Os animais é por minha conta. Tem separação porque eu tenho a roça para cuidar, tenho o pasto para limpar, os animais para tratar, as vaquinhas para tirar leite e cuidar. Uma hora e meia cuido dos afazeres do quintal.” (Catulino)

Tabela 23. Tempo de serviço que os casais gastam em suas atividades da residência e arredores, do lado esquerdo o marido e do direito a esposa, na tabela que se segue.

Homens hora de trabalho gasto	Mulheres hora de trabalho gasto
2 horas diárias (Luis Golberto)	8 horas diárias (Nilza)
2 horas diária para varrer e para limpar, carpir são 2 á 3 dias de trabalho no mês de outubro (Porfírio)	8 horas diárias (Maria dos Santos)
6 horas diárias (Américo)	8 horas diárias (Izabel)
2 horas diárias (José Marino)	15 horas diárias (Anacleta)
-----	4 horas diárias (Rosinha), 6 horas diárias (Benedita)
3 horas diárias, de vez em quando, quando a esposa não pode ou ele folga (João Batista)	15 horas diárias (Hermilinda)
8 hora diárias (Antonio Viliato)	7 horas diárias (Maria Viera)
1 hora e 1/2 (Catulino)	8 horas diárias (Cecília)
1 á 2 horas diárias e durante a capina gasta em torno de 4 horas (Diego) 2 horas diárias, quando tem tempo ou esta no sitio (ele trabalha fora da Unidade Produtiva)	10 horas diárias (Lourença)

Tabela 24. Atividades desenvolvidas na residência e seus arredores por homens e mulheres, informações gerais de todos os agricultores

Mulheres	Homens
Faz café	Assa carne
Faz merenda	Faz horta
Trata das galinhas	Planta muda de alguma coisa
Faz ração dos porcos	Da comida para os porcos no mangueirinho
Limpa a casa	Carpi, roça
Varre o terreiro	Limpar o quintal
Faz almoço	Varre só o quintalzinho
Lava roupa	Da comida para os porcos
Dobra roupa	Da comida para as galinhas
Guarda tudo no seu lugar	Corta galho
Varre fogão	Tira as madeiras
Espana armário	Varrer o terreiro
Barreia o fogão para limpar	Rastelar
Coloca água para os porcos	Cozinha (Só quando precisa, quando a mulher esta ausente ou doente)
Coloca água para os franguinhos	Limpa peixe
Recolhe ovo das galinhas	Limpa galinha
Põe quirela para os pintinhos	Cuida das criações
Faz a janta	Ordi (colocar o fio de algodão no tear)

Tabela 24. Continuação ...

Costura	Apanha lenha
Planta	Planta as plantinhas de quintal
Carpi o terreiro	
Rastela	
Da comida para os cachorros	
Junta o cisco e joga fora	
Limpa cozinha	
Planta rama no quintal	
Cuida dos porcos	
Molha as plantas	
Passa ferro na roupa	
Aduba as plantas	
Poda as plantas	
Fiar algodão	
Faz bolo	
Faz doce	
Aparta bezerro	
Faz sabão caseiro	
Borda	
Cuida da horta	
Planta flor	

Tabela 25. Divisão do trabalho para homens e mulheres nas atividades da residência e arredores

Divisão do trabalho para os homens	Divisão do trabalho para as mulheres
Nós já criamos nesse sistema, mas a gente ajuda, a única coisa que não faço para mulher é costurar e lavar roupa. (Luis Golberto)	Criação de quintal é eu que cuido. Só eu que cuido às coisa de casa, só quando eu não estou ele faz comida. Na roça já ajudei muito, mas depois que fiquei doente não ajudo mais, cuido de casa, ajudava plantar uma cana, uma rama (Nilza).
Limpar o terreiro é só eu, dentro de casa sou só ela. Meu serviço é na roça, ela é que planta mais, porque fica em casa. Mas quando a veia não pode, eu cozinho, lavo roupa, limpo peixe, galinha e frito (Porfírio).	Com tudo meu marido ajuda, antes de ficar doente ajudava na roça a limpar bananal, roçar, carpir (Maria dos Santos).
A gente tem que cuidar das criações é uma responsabilidade, é um emprego bem dizer que a gente tem. Cozinhar, as plantas é a esposa que cuida, costurar, lavar roupa (José Marino).	Cuido dos porcos quando meu marido esta ocupado. Roça é só ele, eu não faço nada de roça e apanhar lenha também é só ele (Anacleta)

Tabela 25. Continuação ...

-----	Os filhos ajudam em todas as tarefas o serviço é dividido. Minha mãe e meu pai faziam o serviço juntos, ele ajudava a fazer comida e lavar roupa, fiar e costurar era só a mãe e ordi (colocar no tear) precisava de gente para ajudar e ele ajudava (Benedita). Mexo com as plantinhas, uma coisinha ou outra, as netas é que varrem o quintal, às vezes cozinho e alimento as criações, porco e galinha (Rosinha).
Estava trabalhando na roça, não participou da entrevista (João Batista)	Meu marido trabalha na roça, cuida do gado e trabalha com o carro "viajeia" (faz frete pros outros). Eu ajudo na roça á cortar banana, milho, se precisar eu ajudo, antes a roça era perto e agora é longe não agüento mais. Por poder fazer qualquer um pode fazer o serviço, mas tem coisa que não dá conta de fazer, não faz porque não precisa, mas se precisar ele faz (Hermelinda).
Minha esposa arruma cozinha, faz comida, planta flor, cebolinha, plantas medicinais, varre terreiro, cuida das galinhas, faz ninho. Dos porcos nós dois cuidamos, a alimentação dos cachorros é por conta dela, mas quando precisa dar remédio eu ajudo. Acho que trabalho de homem é mais pesado, como carregar madeira, roçar, derrubar é muito pesado para mulher (Antonio Viliato)	Meu serviço da casa eu que gosto de fazer e não gostava que ajudassem, às vezes pegar um porco, corta lenha é os homens e eu quando era nova ajudava na roça, acordava cedo cuidava das criações e ia para a roça com merenda e almoço na roça era minha alegria. Meu marido ajuda cuidar dos porcos, quando eu saio, em uma reza, deixo tudo arrumado e ele dá (Maria Vieira)
Tem separação de serviço porque eu tenho a roça para cuidar, tem o pasto para limpar, os animais para tratar, as vaquinhas para tirar leite e cuidar (Catulino)	Eu só cuido da criação quando meu marido sai 1 dia 2 no mais é ele. Ele cuida das criação, a poda das plantas é nós dois (Cecília).

CAPITULO IV – A IMPORTÂNCIA DAS ESPÉCIES CULTIVADAS E CRIADAS NOS ARREDORES DAS RESIDÊNCIAS

Os arredores da residência são locais onde os agricultores mantêm cultivos e criações para manter sua subsistência, suas relações de trocas ou empréstimos e em pequena escala a comercialização de alguns produtos.

Uma característica marcante nesses agricultores é o uso diversificado de uma mesma espécie, expressando que eles conseguem extrair o que precisam dos recursos que lhes são disponíveis.

As plantas cultivadas e mantidas nesses locais caracterizam os agricultores pela diversidade de espécies e multiplicidade de uso das mesmas.

As criações são usadas tanto para a subsistência e venda, quanto para as relações de troca e ou empréstimos. A comercialização é realizada em pequena escala e auxilia na renda desses camponeses.

É neste espaço que produzem os alimentos, que enfeitam com as plantas e criações e tornam o local bonito e agradável, além de cultivarem as plantas que lhes servem de remédio.

4.1 A Multiplicidade de Uso das Plantas

De forma mais geral pode-se afirmar que a multiplicidade de uso das plantas é bastante marcante na região, a maioria das plantas, não tem um único uso, por exemplo: as árvores frutíferas não servem somente para fornecer alimento, mas como sombra, remédio, entre outros usos, mostrando que fazem o aproveitamento máximo dos recursos existentes.

O uso das plantas encontra-se descrito na tabela 26.

Tabela 26. Diversidade das variáveis de uso das plantas

Uso	Variáveis
Alimentício	Comer, fazer suco, fazer licor, fazer conserva, fazer geléia, para tempero, fazer vinho, fazer conserva, fazer azeite, fazer óleo e alimentação animal (alimentar os pássaros, bicho do mato e criação)
Medicinal	Fazer chás, xaropes, banhos, macerações e remédios para os animais.
Ornamental	Enfeitar altar, mesa para reza, defunto, enfeitar o quintal e terreiro e a casa.
Madeira	Para fazer casa, cerca e curral. Fazer móveis, táboa, mastro para festa, o cerne para lasca. Fazer viola de cocho, lenha, cabo de ferramenta, melote para quebradura, espeto para assar carne, salgadeira para gado, mangueiro para criar porco, régua e esteio
Banhos de proteção	Para encosto, para mulher grávida no parto, de descarrego, de criança e para mal olhado
Tingir	fio, cuia e madeira
Proteção	contra olho grande, para espantar cobra e por no ninho da galinha
Diversos	sombra, lavar a cabeça, pegar pacu, fazer fio para pavio de lampião, fiar para fazer rede, fazer cuia, fazer vasilha, fazer gamela, lavar vasilha, tomar banho, cultivo da floresta, aumentar leite da vaca, cordinha para pescar, descaroador, fazer espumadeira, alvejar rapadura, fazer artesanato, folha para cobrir rancho e horta pegar peixe, fazer cantadeira, fazer vassoura, tirar ferrugem, dispersar semente, queda de cabelo, fazer massagem para dor, emagrecer, fazer varinha de pescar, fazer tira para amarrar as coisas, fazer boneca, fazer carvão, dar para os outros e para valorizar o lugar.

4.1.1 A Importância das Plantas Alimentícias nos Arredores da Residência

As plantas alimentícias representam fartura, ou seja, a produtividade do sítio para os agricultores, pois é através dessas plantas que consomem os nutrientes que necessitam.

“As plantas de alimento têm que ter porque é importante, é fartura.” (Beto)

“Têm uma fartura, no tempo das frutas têm fartura é uma goiaba, manga.” (José Marino)

Além de servir como alimento para os agricultores, também servem para os animais domésticos e também os animais silvestres, principalmente os pássaros que passam a freqüentar esses espaços pela disponibilidade de alimento.

“A gente gosta da fruta, serve para a gente comer, os passarinhos gostam e outros animais. Tanto serve de alimento para gente como para os outros bichos.” (Hermilinda)

“É importante porque é um zelo para a natureza e a gente não planta só para gente é para os bichos, os passarinhos.” (Benedita)

“É importante para chupar e para a criação.” (Rosinha)

“Porque nós gostamos de ter as plantas de alimento no quintal, as plantas de fruta as galinhas que comem.” (Izabel)

“É porque tanto ajuda a gente se alimenta, quanto os pássaros, já faz zuada ai fica bonito.” (Dielson)

“Porque ele é alimento, algum vizinho que vem e garra quiere a gente dá. Bicho se nego não bijiar (vigiar) eles comem primeiro.” (Américo)

A presença dessas plantas tem relação com a economia da unidade produtiva, pois quanto mais se produz no quintal, com maior variedade de plantas, menor a dependência dos agricultores de produtos de mercado.

“Essas plantas servem de alimento, a gente não precisa estar comprando, tendo em casa deu vontade a gente vai lá e come e é nelas que tem as vitaminas tudo.” (Lourença)

“As plantas de alimento não precisa comprar, porque a gente tendo, não precisa ir no mercado.” (Diego)

“As plantas de alimento são para ajudar, não precisa comprar, pega as coisas fresquinhas da hora, tem vitamina.” (Maria Vieira)

Além de buscarem independência na produção de alimentos para buscar o mínimo de recursos fora de sua unidade produtiva, esses camponeses também buscam a facilidade de ter disponível nos arredores da casa as frutas e alimentos que precisam e gostam, sem precisar buscar em vizinhos ou no mercado.

“As plantas de alimento é bom ter, tem época que todo mundo têm, então é bom a gente ter, se a gente ver no quintal dos outros a gente fala ele têm e então é bom a gente ter.” (Catulino)

“Se não plantar as plantas de alimento fica feio, por que se não como vai comer? Porque se não plantar vai ter que buscar longe.” (João Batista)

“Ta no quintal a gente já apanha para chupar, colhe as frutas e guarda no freezer, a gente colhe, já ta aqui no quintal.” (Anacleto)

“É importante a gente ter em casa, se precisar, não precisa pedir para os vizinhos. A gente ter ele para na hora que a gente precisa chupar uma fruta ter.”

O quintal deve representar fartura, para os camponeses e para os visitantes e vizinhos, causando-lhes admiração. É relevante para eles serem vistos como bons produtores pelas outras pessoas.

O conhecimento sobre as plantas alimentícias e as técnicas de plantio adquirido com gerações passadas é importante para determinar o plantio de determinadas espécies alimentícias, pois é esse conhecimento que ajuda o agricultor a manter algumas espécies por várias gerações, com o plantio e os cuidados adequados a cada planta.

“As plantas de alimento é bom á gente gosta, foi conhecendo ao longo do tempo, onde o pai morava tinha pomar, a gente já cresceu conhecendo várias plantas, pocan, conde, caju, manga, tangerina.” (Cecília)

“Porque quer chupa não vai pedi pro outro, é para nós, pras crianças, vem tudo come, as crianças vieram e pegaram a lima verde, ele sente, tenho costume de come só a fruta madura e os pés carregavam, a fruteira não é toda mão que é boa para apanha.” (Porfírio)

Houve também a introdução de muitas plantas frutíferas que não existia na região em gerações passadas, mas que agora faz parte da diversidade de espécies frutíferas existentes nos arredores das residências atuais.

O plantio está além da necessidade, associam-se a isso também o prazer de plantar e de colher os frutos desse trabalho. Eles depositam nas plantas sua esperança e seus sonhos de vida. Que é a de sobreviverem às pressões de mercado e garantirem sua subsistência, extraindo apenas os produtos de sua terra.

“As plantas de alimento dão interesse para gente uns servem de vitamina para o corpo, dá um dinheirinho, já ajuda, serve de sombra. Às vezes é até divertimento, serve de remédio. É costume da roça não deixar de plantar. Quem planta muito, vive mais, por que fica na esperança de ver a planta produzir.” (Antonio Viriato)

A mão de obra dedicada a essas plantas se dá tanto pela mulher, quanto pelo homem. A maioria das plantas perene é cultivada pelo homem, a tarefa das mulheres é zelar pelas plantas e preparar a culinária dos frutos. As falas a seguir demonstram a importância das plantas alimentícias para os camponeses.

“Alface, berinjela a maioria é eu quem cuido, mas Beto também cuida, é importante porque tudo serve, como manga, goiaba, é vitamina, faz suco, faz sombra.” (Nilza)

4.1.2 A importância do Cultivo de Plantas Medicinais nos Arredores da Residência para os Camponeses

“Porque é remédio, a gente coisa assim de plantar, porque a gente sabe que é bom.” (Benedita)

“Porque sempre as pessoas falam é bom para isso, para servir para gente e para os outros também.” (Hermilinda)

“É que se precisar de fazer um remédio, ele esta ai e se alguém precisar eu tenho para servir, é muito bom ter.” (João Batista)

“É para remédio, quem sabe fazer, o sabuginho é remédio, boldo...” (Américo)

“Porque tem remédio que você já sabe que é bom, já faz um chazinho como anador.” (Nilza)

Ter as plantas medicinais nos arredores das residências permite que os agricultores tenham maior facilidade e rapidez no acesso a essas plantas e ao preparo dos remédios, quando se sentem com algum mal estar é só buscar a planta que servira de remédio nesses espaços, não precisam ir buscar nas matas, farmácias ou em vizinhos.

“Se precisa à gente já tem em casa, não precisa ir a farmácia, se a gente tem em casa que serve igual ao da farmácia a gente usa.” (Lourença)

“Quando tem uma dor, corre no quintal faz um chá e já melhora, se não tem farmácia posto perto a gente tem um socorro.” (Maria Vieira)

“É um pronto socorro.” (Antonio Viriato)

“Quando precisa ta aqui, quando da assim violento mal-estar no estômago, usa boldo, ponta livre, a gente tem no quintal.” (Anacleta)

“Tem plantas medicinais, tem terramicina, anador, sabuqueiro, gengibre, poejo, no caso de doença já tem remédio em casa, evita de comprar na drogaria.” (Catulino)

“É bom, porque não precisa ir a farmácia, pega no quintal e já faz.” (Beto)

“Gosto de plantar para ter, não precisa pedir no vizinho, na hora que precisa a gente têm.” (Izabel)

“É importante porque quando precisa de um remédio a gente procura as plantas medicinais, já estão perto de casa.” (Dielson)

“Planto para remédio, para gente ter em casa.” (Rosinha)

As plantas medicinais para esses camponeses não são apenas um remédio para o corpo, mas também para a alma, pois seu uso não se restringe a curar males do corpo, existem também as plantas de uso

espiritual, utilizadas para espantar mal olhado, para banhos de descarrego, para benzições, entre outros.

As questões econômicas também têm influência para determinar o uso de plantas medicinais na cura de doenças, pois os remédios de farmácia têm um custo elevado e a renda dessas famílias é na maioria das vezes, muito baixa. Os camponeses que não dispõem de dinheiro para comprar esses medicamentos e mesmo o acesso aos remédios de farmácia se torna um pouco difícil, dada a distância dos sítios até a cidade, como dizem as plantas medicinais se tornam um “primeiro socorro”, até terem acesso ao médico na cidade.

“Serve para curar as doenças e não precisa estar comprando remédio caro.” (Diego)

“Hoje o remédio da farmácia é no dinheiro, tendo no quintal se faz um remédio já agüenta pelo menos até chegar no hospital.” (José Marino)

Em alguns casos esses camponeses optam pelo uso dessas plantas, porque não gostam dos efeitos causados por remédios de farmácias, acham desagradável, se sentem melhor com uso das plantas medicinais.

“Se a gente precisa é mais fácil plantar no terreiro, do que ir procurar no mato. Os remédios caseiros são melhores, não tem química, sinto muito bem com remédio de casa, esses de farmácia eu não sinto bem, prefiro esses de casa.” (Cecília)

Existe na região a interferência de certas instituições que ensinam a usar as plantas como alternativa medicinal, ou alimentícia, como a Pastoral da Criança e a Pastoral da Saúde que deu cursinhos e consultas na região, ensinando a fazer multimistura e remédios caseiros.

Estas plantas são de cuidados quase que exclusivos das mulheres, pois são elas que dedicam seu trabalho a plantar e cuidar dessas plantas, a participação do homem se restringe apenas em trazer algumas mudas da mata para as mulheres plantarem nos arredores da residência e preparar e usar essas plantas como remédio.

É importante para esses agricultores conservar a diversidade de plantas medicinais em sua unidade produtiva, pois para muitos as plantas medicinais são a única fonte de remédio para curar suas doenças. Para manter essas plantas nos arredores da residência os agricultores precisam

ter conhecimento sobre a planta seu manejo e os cuidados que ela necessita.

“Ela é importante porque é remédio, um para um tipo, outro para outro, tudo é remédio, a cabaceira verde é remédio para bronquite e madura faz cabaça, tudo são planta de valor. Porque a gente precisa dele, tudo é remédio e já tive bastante qualidade que morreu, propuseram comprar por 0,30 centavos o Kg de raiz, mas não quisemos, deixa ai no quintal. A marcela acabaram com ela, porque não sabiam colher, hoje faz falta, tem que quebra, não pode arranca.” (Porfírio)

4.1.3 A Importância das Plantas Ornamentais nos Arredores da Residência para os Camponeses

A plantas ornamentais representam a beleza, enfeitam as casas, os altares de santos, entre outros. Enfeitam e ocupam os espaços nos arredores das residências. Os camponeses acham bonito tê-las, principalmente às que produzem flores. Mas vai além da beleza é uma espécie de terapia e ocupação para as mulheres trabalhar com essas plantas, elas sentem prazer em lidar com elas, isso faz com que as mulheres ocupem seu tempo em casa, pois dedicam boa parte do seu tempo a casa e seus arredores e as plantas desses espaços.

“Esse a gente vê na casa dos outros por aí, pode ser qualquer um, a gente pede uma muda. A gente acha bonito.” (Cecília)

“Eu acho bonito.” (Lourença)

“Para enfeitar o quintal.” (Diego)

“Porque a gente acha bonita e para ocupar o espaço do quintal. Esses que da flor as abelhas vêm na flor. Que de tudo a gente vê que tem uma coisa que utiliza ele.” (Hermilinda)

“Para enfeitar minha casa, meu terreiro, as flores enfeitam altar, quando vai rezar a mesa e para enfeitar defunto.” (Maria Vieira)

“Porque eu gosto para enfeite do quintal.” (Rosinha)

“Porque acho elas bonitinhas para plantar, só para enfeito.” (Izabel)

“Pra boniteza.” (Américo)

“Porque tudo que é planta é vida e eu gosto de trata dele.” (Maria dos Santos)

“É mais para ficar bonito o ambiente, fica mais agradável, cheiroso, mais colorido.” (Dielson)

Essas plantas também deixam os espaços ao redor da casa mais alegre, tornando o ambiente mais agradável para a família.

“Planto porque acho bonito, amanhece alegre.” (Izabel)

Esses camponeses se preocupam com a visão que os outros tem de sua unidade produtiva por isso enfeitam com as plantas ornamentais para que os outros achem o local bonito.

“É bom porque é boniteza é um jardim, a casa que não tem planta, não tem alegria, o pessoal que vem de fora acha bonito, pede muda. Uma dona vem pede muda e leva para a cidade, porque são umas plantas de vida, é um jardim quando esta tudo florescida.” (Porfírio)

“Planto porque acho bonito no quintal, chega um fala, a mais que plantinha bonita no quintal chega outro e fala também.” (Nilza)

As mulheres mantêm com as plantas uma relação de afeição e carinho. Atribuem as plantas sentimentos como tristeza e gratidão. Quando as plantas estão secas, murchas, morrendo, dizem que as plantas estão tristes e quando regam as plantas ou na época da chuva, quando estão bonitas e viçosas, dizem que as plantas estão gratas e alegres. Sabem a história de cada planta, sua origem, quando plantou e como plantou. Sabem também o cuidado específico para cada planta, pois o cuidado dispensado a uma planta, não é o mesmo para outra, umas precisam de mais água, outras de mais adubo e assim por diante.

“Enfeite, a gente cuida, tempo da seca ela fica tristinha, na chuva fica bonita. Eu planto porque eu gosto, eu gosto de flor.” (Anacleta)

A maioria das plantas ornamentais é plantada em latas, ou vasilhas e penduradas nas paredes ou dispostas ao redor da casa, poucas são plantadas diretamente no chão, somente as mais resistentes ou de mais fácil propagação.

A aquisição de plantas ornamentais se dá, na maioria das vezes por parentes que vivem na cidade, mesmo que as mudas venham de vizinhos, eles tiveram a mesma forma de aquisição. Este fato indica que há um grande número de plantas ornamentais introduzidas na região.

“Porque eu acho bonito, aonde eu vou e têm planta que eu não tenho, eu peço ou pego escondido.” (Benedita)

Outra forma de aquisição é a extração de plantas da mata como, por exemplo, as orquídeas presentes na maioria dos quintais ou a espada de são Jorge, entre várias outras espécies.

Existem também as plantas nativas que são mantidas no quintal, por representarem algum tipo de beleza, servindo também como enfeite. Além das plantas ornamentais que tem não só a função de enfeitar, mas também a de uso medicinal.

“Têm uns que é remédio, outros dá um ar puro. Dá trabalho para mulher, não ficar andando.” (José Marino)

“A importância das plantas de enfeite é só para ficar bonita e algumas são cheirosas e, além disso, algumas também servem para remédio.” (Antonio Viriato)

4.2 A Importância das Criações Domésticas nos Arredores da Residência

A criação de animais domésticos nos arredores da residência esta condicionada tanto à nutrição do agricultor e à beleza da unidade produtiva, quanto à comercialização e auxílio na renda dos agricultores.

A criação de animais domésticos também faz parte das relações sociais desses agricultores que doam animais para as festas de santo ou mesmo matam para servir em festas da comunidade e nos aniversários, ocasião onde reúnem amigos, parentes e mesmo pessoas de fora para essas comemorações.

A produção desses animais muitas vezes é utilizada nas relações de trocas com vizinhos e parentes ou mesmo de empréstimos uma prática usada por eles onde emprestam banha de porco ou carne suína ou bovina de um dos animais que matam e depois a pessoa para quem emprestou devolver quando matar um de seus animais.

4.2.1 Suínos (*Sus scrofa*)

A criação de suínos é muito importante para esses camponeses, pois tanto auxilia na complementação da alimentação, quanto na sua economia, pois esporadicamente fazem a comercialização da carne desses animais servindo de auxílio na renda dos mesmos para as despesas na compra de produtos de mercado.

“É um bicho que tem em casa para desenvolver, dá carne, a banha e dá dinheiro, porque é vendável e dá um dinheirinho para socorrer alguma coisa dentro de casa.” (Catulino)

“Nós cria para despesa, vende para as despesas da casa e para comprar a ração para eles. Comemos também, têm a banha de porco. Vende inteiro pesa ele inteiro e vende por kg.” (Cecília)

Fazem um bom aproveitamento dos suínos, utilizando a banha em substituição ao óleo de cozinha, além disso, a carne suína é muito apreciada por eles.

“O porco é só para comer e usar a banha, é gostoso e no sitio é sem graça não ter um porco para aproveitar a lavagem.” (Benedita)

“Crio por causa da carne e banha uso para despesa, algum vizinho quando procura vendo o litro e guardo a banha na garrafa descartável, passo as águas todas sem comprar banha, crio porco toda época.” (Beto)

“É para despesa uso a banha, carne quando têm bastante vende.” (Américo)

“A gente cria um porquinho pra despesa, usa a banha, põe pra engorda depois mata pra usar a banha.” (Nilza)

“Criamos porco para ter óleo (gordura), carne, cozinhamos o couro no feijão. Acho óleo de soja muito fraco e também a carne de porco é mais gostosa.” (Antonio Viriato)

“Porco é só pra despesa de casa, gordura só para casa.” (Anacleta)

Essa criação é viável para esses agricultores, pois para alimentar os porcos utilizam os alimentos produzidos no sitio, como o milho, mandioca, banana, mamão, manga, entre outros, sendo mais econômico para eles, além disso, os porcos aproveitam os restos de alimentos dos agricultores para sua alimentação. Quase não havendo a necessidade de comprar rações e produtos de fora da unidade produtiva para a alimentação desses animais.

“Crio porco com milho, mandioca, mamão e banana, tudo do sitio, é só para consumo.” (Maria Vieira)

“Porco uso só para consumo, banha e a carne, comem milho, fubá, mamão e mandioca da roça.” (Izabel)

“Crio para comer, fazer banha e às vezes vende, crio ele com milho e soro que vem do laticínio.” (Hermilinda)

Alguns comercializam a carne, o que lhes proporciona um certo rendimento que auxilia nas despesas, principalmente para comprar produtos de mercado, que não são produzidos por eles. Outros usam a carne para empréstimo com vizinhos.

“Para ajudar na alimentação tem a carne, gordura e comem milho, mandioca e mamão do sítio, é só para o consumo.” (Lourença)

“Não falta gordura, compra um pouco de óleo para misturar, mas não fica uma qualidade pura. Come a carne e vende quando alguém deseja comprar mais é difícil, aqui todo mundo têm, às vezes empresta uns 2 Kg, quando a pessoa mata vem de volta.” (Maria dos Santos)

A maioria das festas de santo ou aniversários tem a carne de leitão incluída no cardápio. É um tipo de criação que faz parte da cultura e tradição desses agricultores, sendo que todos os agricultores incluídos na pesquisa praticam a criação de porcos.

“Nós fomo criado na banha de porco, por isso que nós cria, para tirar gordura, a carne é só para despesa.” (Porfírio)

Essa criação também é uma distração e um divertimento para alguns camponeses principalmente para as crianças que gostam de brincar com os filhotes.

“As criações de porco eu acho bonito, gosto de criar pra ver eles brincar, ainda mais quando está novinho.” (Diego)

“Crio porco para distrair a gente, quando mata tem a carne, a gordura.” (Rosinha)

A força de trabalho dedicada à criação de suínos é tanto dos homens quanto das mulheres, não há exclusividade de nenhuma das partes.

4.2.2 Gado (*Bos taurus*)

Os bovinos em alguns casos ficam nos arredores da residência, mas amarrados ou separados da casa e das plantas por cercas, geralmente são as vacas leiteiras e bezerros, fazem isso para facilitar a retirada de leite. Outra parte dos bovinos fica nos currais ou são levados para longe da

residência em áreas de pastagem. Há também casos em que todo o gado é mantido longe da residência nos locais de pasto.

A criação de bovinos auxilia bastante na economia desses agricultores, sendo que uma parte é usada na sua alimentação e a maior parte é comercializada. Os produtos comercializados são o leite e a carne que pode ser vendida por pedaços ou uma cabeça inteira. O dinheiro dessa venda é usado para as despesas do próprio gado como as vacinas e rações, além de usarem para as despesas de casa com produtos de mercado.

O leite extraído da vaca é utilizado na produção de queijo, doce e na alimentação, principalmente das crianças, os casais que não tem filhos pouco utilizam o leite. Mas a maior parte do leite é vendida para o leiteiro. Essa venda de leite passa por um período de restrição ou suspensão temporária, porque na época da seca as vacas produzem pouco leite por falta de pasto.

A carne é usada para a alimentação do camponês e ainda alguns doam para realizar as festas de santo, usam também para fazer churrasco nos aniversários e convidarem os vizinhos e parentes para comemorarem.

Outro produto aproveitado dos bovinos é o esterco usado pelos agricultores no plantio de algumas espécies.

Essa criação esta mais voltada à subsistência do camponês, mesmo comercializando o gado eles não visam ser um grande pecuarista, apenas ter uma renda e poder comprar o que necessitam para se manterem, aliado a isso tem também o prazer do agricultor em lidar com esses animais e também a tradição desse tipo de criação.

A força de trabalho dedicada à criação de bovinos é basicamente exclusividade dos homens, apenas algumas mulheres participam desta atividade.

“Gado é para o leite, dá um dinheirinho também, vende bezerro macho e vaca velha vende para o açougue, vende o leite quando dá e usa o esterco para horta.” (Catulino)

“A gente cria para uma despesa, o leite faz queijo, doce e também vende para o leiteiro por R\$ 0,42 o litro e vende o gado inteiro.” (Cecília)

“O gado é para uso, despesa, toma leite, come carne assada. A vaca fica no quintal para tirar leite e um touro que fica aqui, porque gosta.” (Beto)

“É bom de tudo o leite dele, a carne dele, o dinheiro dele, é uma alegria, quando não vejo uma reiz, não fico alegre, nasci com meu pai criando gado.” (Porfírio)

“Porque a gente precisa de ter uma criação, ter leite, às vezes que têm precisão de vender, a gente vende.” (Izabel)

“Vendo e mato para comer e tirar leite.” (Américo)

“A gente que mora no sítio ter gado é bom, para ter um leite, ter uma renda da gente, vende o gado, compra. Mata para comer e entregar leite o ano inteiro.” (Anacleto)

“Cria só pra despesa, pra comer um churrasquinho lá um dia e tirar leite pra despesa.” (Nilza)

“Cria por causa que é um divertimento lidar com ele, tem uma carne, um leite, quando precisa a gente vende.” (Maria dos Santos)

“É uma renda grande desapura a gente na hora certa, é um dinheiro mais rápido, uso para despesa, nas festas dão uma reiz, o leite uso para despesa e para vender á 0,25 centavos o litro.” (José Marino)

“Crio para varias coisa, pra ter leite, carne, pra vender, pra socorrer essas coisas, temos umas 250 cabeças.” (Hermilinda)

“Primeiro que já dá um leite, segundo porque às vezes sobra um dinheirinho e eu aplico num gado, porque numa hora de precisão já vende pra da um socorro, um dinheiro mais fácil.” (Dielson)

“Criação de gado esta começando, é importante por causa do leite e da carne. A criação é feita no pasto.” (Lourença)

“Crio gado por causa do leite.” (Rosinha)

4.2.3 As Aves: Galinhas (*Galus domesticus*), **angola** (*Numida meleagris*), **peru** (*Meleagris gallopavo*), **pato** (*Aix sp.*), **mutum** (*Crax fasciolata*), **pomba** (*Columba lívia*)

A criação de aves é feita para complementação da alimentação, pois consomem a carne e os ovos. A comercialização é esporádica, ocorre quando alguém se interessa em comprar, não é um produto de venda, mas sim de consumo do agricultor.

O custo da criação é baixo, pois utilizam o milho produzido por eles na unidade produtiva, e eventualmente alguns camponeses precisam comprar milho ou emprestar de um vizinho, até colherem a próxima safra de milho, mas isso não é freqüente, só quando a safra não é boa e o milho acaba antes do tempo previsto para alimentar ás criações.

Entre as criações de aves a que mais se destaca é a criação de galinha, pois todos os agricultores fazem essa criação, e ainda se referem a ela como uma criação tradicional dos camponeses.

Ter a criação de galinha e consumirem sua carne permite que os agricultores não precisem buscar em mercados a carne para seu consumo. Acham os animais bonitos e apreciam o sabor de sua carne e seus ovos.

A comercialização de galinhas e ovos é feita esporadicamente caso haja procura e essa venda auxilia na renda dos agricultores.

“Galinha é alimento, tem ovo, come franguinho e dependendo vende um franguinho, uma dúzia de ovos, mas é difícil acontecer isso.” (Catulino)

“Crio para ajudar no alimento um frango, um ovo, é criado solto no quintal, alimento com milho do sitio. Vendo, mas é muito difícil, porque não rende tem muito bicho que come, gavião, gato, raposa, jaguatirica.” (Lourença)

“É para despesa de casa às vezes a gente vende, usa o ovo.” (Hermelinda)

“Galinha é só para o consumo às vezes vende galinha. Os ovos às vezes consome a maioria é para chocar.” (Maria Vieira)

“Porque colhe ovo para fazer bolo, para comer e ajudar na comunidade também, não vendo.” (Benedita)

“Uso para comer, vender ovo comer e dá pros outros, para vizinho, nunca vendemos só para gente de fora.” (Beto)

“Para consumo se aparece alguém que quer comprar a gente vende, come o ovo, às vezes vende 1 dúzia de ovos, mas é difícil.” (Izabel)

“É importante que precisa ter para alimento, galinha é açougue da casa, o ovo economia.” (Américo)

“É muito gostoso o efeito da galinha, até o ovo é bom, é para despesa.” (Porfírio).”

“Primeiro que quando chega uma visita é a primeira que socorre, é bonita, é uma tradição e o alo já faz zuada..” (Dielson)

“Criamos galinha para não precisar comprar carne no açougue e também para vender e para ter ovo para consumo e aumentar o número de galinhas.” (Antonio Viriato)

“Crio umas cabecinha de galinha para comer a carne e o ovo. Não vendo ovo diz que não presta vender ovo, quando alguém pede eu dou.” (Rosinha)

Poucos agricultores criam angola e os que criam não usam somente para a alimentação, essa criação também representa beleza para a unidade produtiva. Não é um animal de comercialização sendo criado apenas para o consumo da família, que se alimenta da carne e dos ovos.

“É bonito e uso os ovos para comer, pra alimento e pode comer os franguinhos também.” (Catulino)

“Mais para enfeite e comer os ovos dela.” (Lourença)

“Os bicho já acabaram com tudo, peru já comemos.” (Dielson)

“Angola cria pra comer, o ovo é bom pra comer é gostoso e bom para fazer bolo também, mas nunca comi.” (Cecília)

A criação de peru é tanto para enfeitar, quanto para o consumo. Alguns vendem a cabeça e os ovos, mas somente quando há procura, é um animal que se alimenta apenas de milho produzido no sítio e os que não os consomem afirmam que é apenas um trabalho a mais cria-los.

“Acho bonito e quando tinha bastante vendia, agora é só para criar.” (Cecília)”

“Só para enfeite e para dar trabalho.” (Lourença)

“O ovo é só para chocar, só para despesa de casa.” (Hermilinda)

“Vendo peru e serve para despesa. Como o ovo, mais a maior parte choca ou vende.” (José Marino)

“Crio peru porque acho bonito e tem mais carne que a galinha, é importante para abastecimento.” (Catulino)

Os patos são usados como complementação da alimentação, consomem a carne e os ovos. A criação deste animal é restrita há 2 sítios. Não é uma criação tradicional.

“O pato é para despesa de casa o ovo é só para chocar.” (Hermilinda)

Outras aves são criadas ocasionalmente, porque aparecem no sítio como a pomba e o mutum.

“O mutum achei ele sem a mãe e peguei para criar, para não morrer de fome.” (Hermelinda)

“A pomba, crio porque apareceu, não como, só dá despesa.” (Hermilinda)

4.2.4 Animais de Estimação Citados pelos Camponeses: cachorros (*Canis familiaris*) e gatos (*Felis catus*)

Outra categoria de animais citada pelos camponeses é os animais de estimação. Esses vivem mais próximos da família. Os camponeses consideram como seus animais de estimação os cachorros e gatos.

A criação de cachorro significa uma proteção para eles tanto da casa quanto de seus arredores, pelo fato de que os cachorros anunciam a chegada de pessoas através de seus latidos. Além disso, os cachorros possuem o afeto de seus donos, tornando-se seus companheiros em algumas tarefas como a caça. Já com as mulheres há também uma relação de carinho, por ficarem a maior parte do tempo junto com elas. É uma criação que consideram tradicional.

Sua alimentação é igual a da família a mesma comida que os agricultores comem é servida para os cachorros que ficam com as sobras.

“Crio para vigiar o terreiro por causa de bicho na galinha.” (Cecília)

“Para cuidar da casa.” (Lourença)

“Crio por tradição e gosto muito de cachorro no quintal.” (Hermilinda)

“Gosto de cachorro e cuida da casa, é um chamego, é uma defesa pra gente.” (Benedita)

“Às vezes parece um sujeito de norte, ele dá um sinal pra gente.” (Izabel)

“Vigiar a casa, comer resto de comida e caçar” (Beto)

“Crio por causa dos bicho, problema de galinha.” (Porfírio)

“Para vigiar o quintal.” (Nilza)

“O cachorro no sitio ele vigia, ele late, ele acoa um bicho.” (José Marino)

“Cachorro serve para proteger a casa de bicho do mato e para ajudar a pegar galinha.” (Antonio Viriato)

“Cachorro também é bonito e para vigia da casa, não deixa outros animais chegarem, da caça e avisa quando chega outros bichos.” (Catulino)

A criação de gatos é feita para livrarem-se de eventuais ratos que apareçam nas casas, pois os gatos os comem e os afugentam, tem a função clara de proteção contra os ratos.

Sua alimentação também é a mesma da família, dividindo com os cachorros as sobras de comida.

“Gosto de ter gatos porque às vezes aparece um rato ele come.” (Izabel)

“Vigia, caça um rato quando aparece algum.” (Nilza)

“Gato é importante, porque é bonito e para desenvolver os insetos na mercadoria de alimentação como o rato.” (Catulino)

4.2.5 Animais de Serviço Citados pelos Camponeses: cavalo (*Equus caballus*) mula (*Equus asinus*)

O cavalo e a mula são os animais de serviço que auxiliam nas atividades do sítio, como tocar o gado ou como transporte para locais próximos, assim como carregar lenha e água para a residência.

Esses animais também são usados nos trabalhos fora do sítio, como os fretes de carroça. Os fretes na época de seus avós e pais eram feitos com carros de boi, agora já não fazem mais uso, usam as carroças ou carros para esta atividade.

“Cavalo a ração é a mesma do gado e o milho, menos sal mineral. É para campear, montar na rua, para ir no vizinho, só de sela para lutar com o gado.” (Beto)

“Campea algumas vaquinha, anda montado lá algum dia.” (Nilza)

“A mula fica no quintal, come farelo com sal e pasto, uso para puxar as coisas da roça, panhar água, lenha, na seca ela que agüenta baldear água. O Zé Marino faz frete de carroça.” (Anacleta)

“Pro serviço do sítio, ajuda a trabalhar, panhar lenha, panha as coisa da roça, sai nela quando vai passear e ajuda os vizinho, mais não cobra.” (Anacleta)

“É para serviço do sítio, sempre ajudo os vizinhos que pede para bardea, mas nunca cobre.” (José Marino)

CAPITULO V – ANALISE DOS CONDICIONANTES DO USO E MANEJO DOS RECURSOS NOS ARREDORES DAS RESIDÊNCIAS

5.1 Análise descritiva dos condicionantes do uso e manejo dos recursos existentes nos arredores da residência

A partir do conjunto de dados da decomposição dos temas abordados foi feita a classificação dos condicionantes da escolha do local, importância dos arredores da residência, plantas medicinais, plantas alimentícias, plantas ornamentais, ferramentas, época de plantio, influência da lua, perda de espécies e criação. A matriz de dados da classificação foi construída com os condicionantes nas linhas e os filtros nas colunas. Foram atribuídos os valores 1 (um) quando o condicionante estava relacionado com o filtro e 0 (zero) quando o condicionante não estava relacionado com o filtro.

Os condicionantes dos temas abordados se referem aos aspectos relacionados com:

Tabela 27. Condicionantes da escolha do local para instalar a residência

Filtros escolha do local	%
Inundação	14,15
Distância	12,26
Disponibilidade hídrica	9,43
Não foi opção do informante	7,55
Local antigo não adequado	7,55
Área de roça	6,60
Estrada	5,66
Tipo de vegetação	5,66
Solo	4,72
Local baixo	3,77
Local alto	3,77
Adequação	3,77
Paisagem	2,83
Criações	1,89
Saúde	1,89
Sossego	1,89
Sol	0,94

Tabela 27. Continuação...

Local plano	0,94
Insetos	0,94
Estrutura pronta	0,94
Beleza	0,94
Tamanho	0,94
Perigo	0,94

Das 78 idéias extraídas das informações obtidas dos agricultores sobre os motivos que os levam a escolher determinado local para instalar a residência, foram citados 106 condicionantes, sendo que se destacou o condicionante inundação com 14,15% das citações, em que o agricultor opta por locais onde não ocorram inundações na época de chuva, seguidas de distância com 12,26% das citações, em que o agricultor opta por locais que mantenham certa distância quer seja maior ou menor de um determinado referencial como água, estrada, entre outros. Os outros condicionantes que tiveram até 5% de citações foram: Disponibilidade hídrica com 9,43% de citações, em que o agricultor opta por locais que tenham disponibilidade de água, quer seja pela presença de rios, córregos, poços ou água encanada; Não foi opção do informante com 7,55% em que o agricultor não optou pelo local escolhido para instalar a residência porque a decisão foi tomada por outra pessoa; Local antigo não adequado com 7,55% em que o agricultor escolhe um local para instalar a residência porque o local anterior não era adequado para permanecer com sua residência; Área de roça com 6,60% em que o agricultor define o local para instalar a residência, em uma área onde anteriormente foi feita a roça para preparar o espaço onde pretende instalar a residência; Estrada com 5,66% em que o agricultor opta por um local em detrimento da estrada quer seja por ser próximo a ela para facilitar o transporte ou por ser afastado dela para ter mais tranquilidade; Tipo de vegetação com 5,66% em que o agricultor opta por um local onde a vegetação seja mais favorável para a limpeza e instalação da residência.

Tabela 28. Condicionantes da importância dos arredores da residência para os agricultores

Filtros importância dos arredores da residência	%
Plantar	18,18
Ter recursos	6,82
Olhar do outro	5,68
Frutos	5,68
Criar	4,55
Cuidado	4,55
Distração	4,55
Sombra	3,41
Beleza	3,41
Limpeza	3,41
Flores	3,41
Alimentação	3,41
Conforto	2,27
Vida	2,27
Lazer	2,27
Produção	2,27
Cercamento	2,27
Remédio	2,27
Zelar pela natureza	2,27
Tradição	2,27
Vista no local	2,27
Local agradável	1,14
Liberdade	1,14
Melhoria do local	1,14
Fatura	1,14
Não ter que pedir	1,14
Não comprar	1,14
Estimação	1,14
Paraíso	1,14
Local de viver	1,14
Proteção	1,14
Plantas	1,14
Total	100,00

Das 63 idéias extraídas das informações obtidas junto aos agricultores sobre a importância dos espaços situados nos arredores da residência, foram citados 88 condicionantes, sendo que se destacou o condicionante plantar com 18,18% das citações, em que o agricultor opta por ter esses espaços para plantar as espécies vegetais que quer ter próximo a sua residência; seguido do condicionante ter recursos com 6,82%, em que o agricultor opta por ter esses espaços para ter recursos disponíveis nos

arredores de sua residência; O condicionante olhar do outro com 5,68%, em que o agricultor considera esses espaços importantes para que as outras pessoas externas a sua Unidade Produtiva, possam ver e admirar os arredores de sua residência; O condicionante frutos com 5,68% das citações, em que o agricultor considera importante os arredores da residência por ser locais onde são produzidos os frutos consumidos pelo agricultor; Seguido de outros condicionantes com menor representatividade.

Tabela 29. Condicionantes do cultivo de plantas medicinais nos arredores da residência

Filtros plantas medicinais	%
Curar doenças	19,30
Espécie de planta	14,04
Ter em casa	11,40
Proximidade	8,77
Remédio de farmácia	6,14
Necessidade	5,26
Bom	4,39
Socorro imediato	3,51
Remédio caseiro	3,51
Comprar	2,63
Facilidade	1,75
Preço	1,75
Benefício a outros	1,75
Perda de espécie	1,75
Comercialização	1,75
Manejo	1,75
Conhecimento	1,75
Buscar na mata	0,88
Melhor	0,88
Química	0,88
Sentir-se bem	0,88
Sentir-se mal	0,88
Preferência	0,88
Distância de assistência médica	0,88
Diversidade de uso	0,88
Valor	0,88
Pedir	0,88
Total	100,00

Das 53 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca do cultivo de plantas medicinais nos arredores da residência, foram citados 114 condicionantes, destacando-se o condicionante curar doenças com 19,30% das citações, em que o agricultor cultiva essas plantas com a intenção de curar as eventuais doenças que os membros da família venham a ter; Seguido do condicionante espécie de planta com 14,04%, em que o agricultor cultiva as plantas medicinais para ter determinadas espécies que considera importante nos arredores de sua residência; O condicionante ter em casa com 11,40%, em que o agricultor opta por cultivar essas plantas para ter em sua residência, para que em caso de precisão possa fazer uso; O condicionante proximidade com 8,77%, em que o agricultor cultiva essas plantas para tê-las próximas de sua residência e não precisar buscar em locais distantes; O condicionante Remédio de farmácia com 6,14% das citações, em que o agricultor opta por cultivar plantas medicinais para não precisar comprar os remédios de farmácia, quer seja por não gostar de toma-los ou pelo custo; O condicionante necessidade com 5,26% das citações em que o agricultor opta por cultivar plantas medicinais porque precisa dessas plantas para seu uso. Os outros filtros com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 30. Condicionantes do cultivo de plantas alimentícias nos arredores da residência

Filtros plantas alimentícias	%
Alimentação humana	18,68
Alimentação animal	8,79
Espécies de plantas	6,59
Bom ter	4,40
Tradição	4,40
Valor nutricional	4,40
Subsistência	4,40
Manejo	4,40
Os outros terem	3,30
Gostar	3,30
Fatura	3,30

Tabela 30. Continuação ...

Importante	3,30
Comprar	2,20
Proximidade da casa	2,20
Ter em casa	2,20
Sombra	2,20
Cuidar	2,20
Conhecimento	2,20
Ver em outro local	1,10
É feio não plantar	1,10
Distância	1,10
Recurso monetário	1,10
Lazer	1,10
Remédio	1,10
Produção	1,10
Vida	1,10
Esperança	1,10
Alimento fresco	1,10
Armazenamento	1,10
Zelar pela natureza	1,10
Beneficiar a outros	1,10
Ataque de animais	1,10
Beleza	1,10
Pedir	1,10
Total	100,00

Das 61 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca do cultivo de plantas alimentícias nos arredores da residência, foram citados 91 condicionantes, entre eles destacou-se o condicionante alimentação humana com 18,68% das citações, em que o agricultor opta por cultivar essas plantas para usar na alimentação da família; Seguido de Alimentação animal com 8,79% das citações, em que o agricultor cultiva essas plantas para que possa alimentar os animais, sejam eles domésticos ou selvagens; E espécies de plantas com 6,59% das citações, em que o agricultor cultiva essas plantas para ter determinadas espécies que precisa ou gosta. Os outros condicionantes com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 31. Condicionantes do cultivo de plantas ornamentais nos arredores da residência

Filtros plantas ornamentais	%
Beleza	16,67
Enfeitar	12,96
Flores	11,11
Indiferente	5,56
Ver em outro local	3,70
Cuidado	3,70
Gostar	3,70
Remédio	3,70
Alegria	3,70
Introdução de novas espécies	3,70
Doar mudas	3,70
Vida	3,70
Cheiro	3,70
Jardim	3,70
Ocupar espaço	1,85
Atrair insetos	1,85
Utilidade	1,85
Sentimento da planta	1,85
Ar puro	1,85
Trabalho feminino	1,85
As pessoas acham bonito	1,85
Ambiente agradável	1,85
Ambiente colorido	1,85
Total	100,00

Das 46 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca do cultivo de plantas ornamentais nos arredores da residência, foram citados 54 condicionantes, destacando-se o condicionante beleza com 16,67% das citações, em que o agricultor cultiva essas plantas porque as acham bonitas; Seguido do condicionante enfeitar com 12,96% das citações, em que o agricultor cultiva essas plantas para enfeitar sua residência, os arredores, altares de santo, mesa para reza, entre outros; o condicionante flores com 11,11%, em que o agricultor cultiva porque gosta de ter flores nos arredores da residência; E o condicionante indiferente com 5,56% das citações, em que o agricultor não se importa em cultivar essas plantas, sendo que, a presença das mesmas é porque outro membro da família as cultivam e para o agricultor é indiferente ter ou não essas plantas. Os outros condicionantes com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 32. Condicionantes do uso de ferramentas no plantio realizado nos arredores da residência

Filtros ferramentas	%
Tipo de cova	34
Tipo de serviço	14
Alternativa de ferramenta	13
Uso	8
Categoria de planta	6
Capacidade de serviço	5
Local de plantio	4
Facilidade de trabalho	4
Tamanho da raiz	2
Forma do propágulo	2
Auxilia o uso de outra ferramenta	2
Depende do uso	1
Prática de uso	1
Tipo de solo	1
Forma de uso	1
Economia no plantio	1
Esforço	1
Total	100

Das 76 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca do uso de ferramentas no cultivo de plantas nos arredores da residência, foram citados 100 condicionantes, destacando-se o condicionante tipo de cova com 34% das citações, em que o agricultor opta por determinada ferramenta para realizar o plantio dependendo do tipo de cova que pretende fazer, rasa, profunda, quadrada, redonda, entre outras; Seguido do condicionante tipo de serviço com 14% das citações, em que o agricultor opta por determinada ferramenta dependendo do tipo de serviço que deseja realizar como buraco para cerca, capina, limpeza, entre outros; o condicionante alternativa de ferramenta com 13% das citações, em que o agricultor opta em usar instrumentos como alternativa para realizar o plantio como as mãos, facas, facão, espeto; O condicionante uso com 8% das citações, em que o agricultor opta por determinada ferramenta de acordo com o uso da mesma para realizar um serviço específico; O condicionante categoria de planta com 6% das citações, em que o agricultor opta por determinada ferramenta dependendo da categoria de planta que deseja plantar, para cada categoria

de planta ele usa uma ferramenta específica; O condicionante capacidade de serviço com 5% das citações, em que o agricultor opta por determinada ferramenta pela sua capacidade de realizar um serviço específico como quebrar pedras em solos com presença de pedras. Os outros condicionantes com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 33. Condicionantes da época de realizar o plantio nos arredores da residência

Filtros época de plantio	%
Mês	22,12
Precipitação	21,15
Espécie de planta	13,46
Qualquer época	6,73
Categoria de planta	4,81
Rega	4,81
Umidade do solo	4,81
Desenvolvimento da planta	4,81
Disponibilidade hídrica	3,85
Nascimento de plantas	3,85
Local de plantio	1,92
Não precisa plantar	1,92
Praga	0,96
Vento	0,96
Lua	0,96
Passado	0,96
Seca	0,96
Propágulo	0,96
Total	100,00

Das 46 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca da época de realizar o cultivo de plantas nos arredores da residência, foram citados 104 condicionantes, destacando-se o condicionante mês com 22,12% das citações, em que o agricultor planta de acordo com o mês que considera mais adequado para realizar o plantio; Seguido do condicionante precipitação com 21,15% das citações, em que o agricultor opta em iniciar o plantio de acordo com a época das chuvas; O condicionante espécie de planta com 13,46% das citações, em que o agricultor escolhe a época de acordo com a espécie de planta que vai cultivar; O condicionante qualquer época com 6,73% das citações, em que o agricultor planta as espécies, mas

não depende de uma época específica para realizar seu plantio; O condicionante categoria de planta com 4,81% das citações, em que o agricultor opta em plantar em uma determinada época de acordo com a categoria de planta que deseja cultivar; O condicionante rega com 4,81% das citações, em que o agricultor considera ou desconsidera a melhor época para plantar, dependendo da possibilidade de regar as plantas que cultiva; O condicionante umidade do solo com 4,81% das citações, em que o agricultor opta em plantar em uma época em que o solo esteja com maior ou menor umidade; O condicionante desenvolvimento da planta com 4,81% das citações, em que o agricultor opta em plantar em uma determinada época, porque a mesma favorece o desenvolvimento da planta. Os outros condicionantes com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 34. Condicionantes da influência da lua no plantio de espécies vegetais nos arredores da residência

Filtros influência da lua	%
Tipo de lua	32,80
Tipo de planta	16,93
Plantio	7,94
Produtividade	7,41
Crescimento	7,41
Não influência	5,29
Pragas	3,70
Ruim	2,65
Beleza	2,65
Tempo de produção	2,65
Tradição	2,12
Boa	1,59
Planta em uma lua para nascer em outra	1,59
Local de plantio	1,06
Intempéries	1,06

Tabela 34. Continuação...

Perda de espécie	0,53
Clareza da lua	0,53
Natureza	0,53
Altura da planta	0,53
Replante	0,53
Tipo de solo	0,53
Total	100,00

Das 76 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca da influência da lua no cultivo de plantas nos arredores da residência, foram citados 189 condicionantes, destacando-se o condicionante tipo de lua com 32,80% das citações, em que o agricultor acredita que cada tipo de lua exerce influências específicas sobre o plantio das espécies nos arredores da residência; Seguido do condicionante categoria de planta com 16,93% das citações, em que o agricultor opta por um tipo de lua específico para plantar de acordo com a categoria de planta que deseja cultivar; O condicionante produtividade com 7,41% das citações, em que o agricultor opta por um tipo de lua para realizar o plantio porque ela exerce influência na produtividade da planta; O condicionante crescimento com 7,41% das citações, em que o agricultor opta por um tipo de lua específica para realizar o plantio, porque acredita que ela influencia no crescimento das plantas cultivadas; O condicionante não influência com 5,29% das citações, em que o agricultor opta em não acreditar que a lua exerça influência nas plantas cultivadas nos arredores da residência. Os outros filtros com menor representatividade podem ser verificados na tabela acima.

Tabela 35. Condicionantes da perda de espécies vegetais cultivadas nos arredores da residência

Filtros perda de espécies	%
Período de seca	29,51
Categoria de planta	14,75
Rega	8,20
Escassez hídrica	6,56
Falta de cuidados	6,56
Resistência da raiz	6,56
Ecologia da planta	4,92
Adubagem	3,28
Solo	3,28
Profundidade da raiz	3,28
Resistência da planta	3,28
Manejo	1,64
Preferência	1,64
Aquecimento	1,64
Armazenamento de semente	1,64
Insetos	1,64
Não houve perda	1,64
Total	100,00

Das 44 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca do que ocasiona a perda de espécies cultivadas nos arredores da residência, foram citados 61 condicionantes, destacando-se o condicionante período de seca com 29,51% das citações, em que o agricultor acredita que o período de seca faz com que ocorram perda de espécies cultivadas nos arredores da residência; Seguido do condicionante categoria de planta com 14,75% das citações, em que o agricultor acredita que a perda de espécies se dá para determinadas categorias de planta, por não terem resistência para sobreviver em determinadas épocas do ano; O condicionante rega com 8,20% das citações, em que o agricultor acredita que ocorram perda de espécies pela falta de rega das plantas cultivadas nos arredores da residência; O condicionante escassez hídrica com 6,56% das citações, em que o agricultor acredita que ocorram perda de espécies pela falta de disponibilidade hídrica para regar as plantas no período de seca; O condicionante falta de cuidados com 6,56% das citações, em que o agricultor acredita que ocorram perda de espécies pela falta de cuidados específicos que a planta exige; O condicionante resistência da raiz com 6,56% das

citações, em que o agricultor acredita que a perda de espécies ocorra porque a raiz da planta não tem resistência para sobreviver no solo em determinadas épocas do ano; O condicionante ecologia da planta com 4,92% das citações, em que o agricultor acredita que a perda de espécies ocorra porque cada espécie de planta tem suas exigências específicas e algumas não tem resistência para sobreviver em determinadas épocas do ano. Os outros condicionantes com menor representatividade estão relacionados na tabela acima.

Tabela 36. Condicionantes da criação de animais domésticos nos arredores da residência

Filtros criação	%
Alimento humano	18,50
Comercialização	13,66
Subsistência	8,37
Proteção	7,05
Recurso monetário	4,85
Beleza	3,96
Trabalho dentro da UP	3,96
Utilidade doméstica	3,96
Benefício a outros	3,08
Sabor	3,08
Prazer	3,08
Local de criação	2,64
Alimento do animal dentro da UP	2,64
Tipo de produção	2,64
Estimação	2,64
Tradição	2,20
Alimento do animal fora da UP	1,76
Dificuldade de comercialização	1,76
Transporte	1,76
Dificuldade de criação	1,76
Caça	1,32
Compra	0,88
Não comercializa	0,88
Rendimento da produção	0,44
Alternativa de uso	0,44
Superstição	0,44

Tabela 36. Continuação...

Trabalho fora da UP	0,44
Aproveitamento de resíduos	0,44
Melhoria do local	0,44
Época de criação	0,44
Empréstimo	0,44
Total	100,00

Das 213 idéias extraídas das informações dos agricultores acerca da criação de animais domésticos nos arredores da residência, foram citados 227 condicionantes, destacando-se o condicionante alimento humano com 18,50% das citações, em que o agricultor opta por ter criação de animais domésticos nos arredores de sua residência para servirem como alimento para a família; Seguido do condicionante comercialização com 13,66% das citações, em que o agricultor opta por ter criações de animais domésticos para comercializarem os animais e seus produtos; O condicionante subsistência com 8,37% das citações, em que o agricultor opta por ter criação de animais domésticos para manter a subsistência em sua unidade produtiva; O condicionante proteção com 7,05% das citações, em que o agricultor opta por ter criação de animais domésticos nos arredores de sua residência porque servem para a proteção do agricultor. Os outros filtros com menor representatividade estão dispostos na tabela acima.

Os condicionantes que tiveram de 5% acima de citações estão explicados nas discussões acima, já os que tiveram menos que 5% as explicações dos condicionantes estão na metodologia onde foram classificados os condicionantes.

Como resultado dessa análise pode-se inferir que as tomadas de decisão estão condicionadas a lógicas internas e particulares do uso e manejo dos recursos presentes nos arredores da residência desses agricultores.

A ciência e as políticas públicas do setor agrário tem que mudar o olhar para esses agricultores, deixar de vê-los apenas como pequenos produtores e perceber que eles possuem um conhecimento prático de agricultura, além de construírem estratégias de sobrevivência com escassez

de recursos que podem ser a resposta para muitos problemas de enfrentados pela agricultura no futuro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem fatos que são mais difíceis de serem notados se o pesquisador não entrar no universo do agricultor e seguir sua lógica. Um bom exemplo é o que acontece na Morraria, onde os camponeses destinam cuidados não apenas aos animais domésticos, mas também planejam seus sistemas produtivos pensando nos animais silvestres, permitindo a permanência deles no sítio.

Constatou-se que os camponeses do Morraria planejam suas unidades produtivas, preocupando-se em ter plantas frutíferas que sirvam de alimento para os animais silvestres e consideram a beleza deles como um enfeite dos seus sítios. Esses agricultores não vêem as plantas e animais como um simples recurso, eles atribuem sentimentos às plantas e animais como alegria e tristeza.

Cada dúvida que surge remete ao pesquisador a novos questionamentos á serem esclarecidos, quanto mais se conhece, mais se tem para conhecer, pois o saber que se acumulou por gerações não é possível ser traduzido em uma mera dissertação. Há a necessidade de se aprofundar mais em várias questões, para ter a compreensão da unidade produtiva como um todo.

Os estudos mais aprofundados dos subsistemas do sistema produtivo, como neste caso da residência e seus arredores, têm a intenção de que entendendo as partes pode-se chegar a compreensão de toda a unidade produtiva.

A visão que se tem de “pequeno” agricultor, diante das grandes monoculturas, não condiz com a realidade quando os conhecem, pois são pequenos apenas na extensão de terra, mas grandes na produção, na diversidade de espécies, na conservação de recursos genéticos, na conservação do ambiente. Desenvolvem técnicas e tecnologias apenas com os recursos que lhes são disponíveis e resistem as pressões externas, mantendo sua cultura e tradição.

6. CONCLUSÃO

Nesta pesquisa pode concluir que quando se estuda um determinado grupo social presume-se que tenham características em comum, que sua função e estrutura sejam de certa forma padronizadas, mas no decorrer da pesquisa verificou-se que os agricultores mesmo que seguissem algumas lógicas do grupo ou de gerações passadas, tem particularidades construídas pela forma com que o mesmo codifica e internaliza as informações e o conhecimento adquirido com suas praticas e vivencias, ou seja, tem certas características dos arredores da residência que é individual para cada agricultor

Por tanto, as funções, a organização, as estruturas, os condicionantes desses espaços, não podem ser padronizadas mesmo dentro de um mesmo grupo social, ou núcleo familiar, pois é necessário perceber as particularidades de cada individuo.

Um grupo social comporta em si, vários indivíduos com diversos itinerários de vida, diversas culturas, variadas técnicas, multiplicidades de uso dos recursos, esse conjunto de fatores faz com que a Unidade Produtiva seja um sistema complexo, onde surgem leques para abordar vários aspectos, ainda incompreensíveis para o pesquisador. Essa gama de informações às vezes nos remete a ter dificuldades em centrar no real objetivo da pesquisa, ao qual não se pode dispersar.

Uma outra dificuldade dessa pesquisa foi evidenciar essas particularidades, pois na coleta dos dados o fato do pesquisador ir para o

campo com alguns nomes pré-definidos, fez com que seu conhecimento influenciasse nos dados da pesquisa, pois o nome dado pelo agricultor não condizia com o nome internalizado pelo pesquisador e quando aplicado os questionamentos esse nome foi de certa forma imposto pelo pesquisador, por suas perguntas estarem formuladas com o nome que o pesquisador pré definiu e o informante acaba por influenciar-se pelo pesquisador.

Os arredores das residências são espaços onde os homens e as mulheres dedicam sua força de trabalho, as mulheres dedicam tempo e força de trabalho maior, mas os homens também fazem o uso e o manejo desses espaços.

Os agricultores usam seus recursos desenvolvendo técnicas que permitem o máximo aproveitamento do que lhes é disponível. Característica esta expressa pela multiplicidade de uso que fazem das plantas.

A relação dos agricultores com as plantas e animais não é apenas de produto e consumidor, mas de ser humano com seres vivos, ao qual atribuem sentimentos e conhecem a história e o manejo de cada um.

Para pesquisas posteriores sugere-se que o pesquisador já pergunte de início qual a definição do agricultor em relação aos espaços, ou interrogue qual o nome dado ao espaço pelos seus pais e avós para que isso não ocorra.

Ainda há muito a se conhecer com esses agricultores que possuem um conhecimento muito grande acerca de sua unidade produtiva e das técnicas de manejo e uso de seus recursos. Esse tipo de trabalho permite abrir novos horizontes para se realizar novas pesquisas, não é um trabalho conclusivo, mas sim um trabalho que remete o pesquisador a novos desafios de pesquisas.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Albuquerque, U.P. & Andrade, L.H.C. Conhecimento Botânico Tradicional e Conservação em uma Área de Caatinga no Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta bot. Bras.** 16 (3):273-285, 2002.

ALBUQUERQUE U.P.; LUCENA R. F. P. Métodos e Técnicas na coleta de dados. In: ALBUQUERQUE U.P.; LUCENA R. F. P. **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. Cap. II, p.37-62

ALTIERI, M. A. **Biodiversity and Pest Management in Agroecosystems**. Bighmton: Haworth, 1993.185p.

ALVES, H. S., **Percepção dos Agricultores em Relação ao Solo e seu Uso em Comunidades Tradicionais, da Região da Morraria, Cáceres, MT**. Dissertação de Mestrado, Mato Grosso – UFMT, 2004. (Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical).

ALVES, RUBEM. **Filosofia da Ciência**. São Paulo: Editora Ars Poética, 1996. 190 p.

ARANHA, M. L. A e MARTINS, M. H. P. **Filosofando: Introdução á Filosofia**. São Paulo: Editora Moderna , 2. ed. 1993. 395p.

AZEVEDO, R. A B. de. **Indicadores Agronômicos em Unidades de Produção de Agricultura Familiar**. 2001, 306f. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Viçosa, Viçosa MG, 2001.

AZEVEDO, R. A B. Os **Agricultores Tradicionais e a Agronomia: A Difícil Compatibilidade dos Modelos Conceituais**. Editora UNICEM, 2003, P. 33-43.

BASTOS, R. S. **Descrição, Análise e Interpretação dos Espaços de Uso Comum das Unidades Produtivas de Agricultores Tradicionais, no Município de Cáceres-MT.** Dissertação de Mestrado, Mato Grosso – UFMT, 2006. (Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical)

BELLON, M. R. **Participatory research methods for technology evaluation: a manual for scientists working with farmers.** México, D. F.: CIMMYT, 2001. 94p.

BRANDÃO, C. R. **Identidade & Etnia – Construção da Pessoa e Resistência Cultural.** São Paulo. Editora brasiliense, 1986. p.7-8, p.173.

BRITO, M. AP. **Uso Social da Biodiversidade em Quintais Agroflorestais de Aripuanã-MT.** Dissertação de Mestrado, Mato Grosso – UFMT, 1996 (ecologia e conservação da biodiversidade)

BUAINAIN, A M.; FILHO, H.M.S. e SILVEIRA, J.M. Agricultura familiar e condicionantes da adoção de tecnologias agrícolas. In: LIMA, D. M. De A. E WILKINSON, J. (org). **Inovação nas tradições da agricultura familiar.** Brasília: CNPq / Paralelo 15, 2002. p. 331-345.

CANDIDO, ANTONIO. **Os Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida, São Paulo: Duas Cidades,** editora 34, 2001 9ª edição. 376p.

CAPRA, FRITJOF. **O Ponto de Mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura Emergente.** Editora Cultrix. São Paulo. 1982. 447p.

COSTA. M. C. **Condicionantes de Procedimentos Técnicos de Agricultores Tradicionais de Três Comunidades da Região de Morraria, Cáceres, MT.** Dissertação de Mestrado, Mato Grosso – UFMT, 2004. (Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical)

CUNHA, C. F. L.; FIALHO, J. R. D.; SILVEIRA, P.R.C. Análise dos condicionantes de reprodução dos sistemas de produção identificados na região colonial de Santiago, In: Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção, 3., 1998, Florianópolis, **Anais...**, Florianópolis-SC.1998.

GARROTE, VALQUIRIA. **Os quintais caiçaras, suas características sócio-ambientais e perspectivas para a comunidade de Saco do Mamanguá, Paraty-RJ.** Dissertação de Mestrado. Piracicaba, 2004. 186p.

GODOY, D. P. S. **Descrição e Análise da Estrutura de Quintais Florestais na Região da Morraria, Cáceres – MT, Dissertação de Mestrado, Mato Grosso – UFMT, 2004.** (Programa de Pós-graduação em Agricultura Tropical)

JACOB, BAZARIAN. **O Problema da Verdade: Teoria do Conhecimento.** 2ª edição. Editora Alfa-Omega. São Paulo. 1985. 224p.

KLOPPENBURG JR., J. **Social Theory and the de/ Reconstruction of Agricultural Science: Local Knowledge Foran Alternative Agriculture.** Rural Sociology, vol. 56, n.4, p. 519-548, 1991.

LAURENT, J. M. En busca de coherencia en las estrategias de extensión en apoyo al desarrollo florestal comunitario. **Bosques, Árboles y Comunidades Rurales**, n.28, p.4-12. 1996.

MENDES, D. F. L.; **O Fim Do Uso Comum da Terra e suas Implicações na Identidade Territorial de Comunidades Tradicionais: O Caso do Taquaral e Nossa Senhora da Guia - Cáceres-MT,** Monografia de Conclusão de Curso – UNEMAT, 2005, Cáceres-MT. (Curso de Licenciatura plena em Geografia)

METTRICK, H. **Development Oriented Research in Agriculture:** an ICRA textbook. Wageningen: ICRA (The International Centre for Development Oriented research in Agriculture), 1993, 291p.

LEITE, JOSÉ CARLOS. **Natureza e Cultura – estranhamentos e conexões.** Tese de Doutorado, São Paulo, PUC.

LOADER, R. e AMARTYA, L. Participatory rural appraisal: extending the research methods base. **Agricultural Systems**, n.62, p.73-85, 1999.

NODA, S. N. **Na Terra como na Água: Organização e Conservação de Recursos Naturais Terrestres e Aquáticos em uma comunidade da Amazônia Brasileira,** PPG/CB – UFMT:Cuiabá-MT, 2000, p.144 – 147. (Tese de Doutorado)

PERZ, S. G. Social determinants and land use correlates of agricultural technology adoption in a Forest frontier: A case study in the Brazilian Amazon. **Human Ecology**, vol 31, n.1, p.133-165, 2003.

RODRIGUES, A. G. **Plantas Medicinais e Aromáticas: Etnoecologia e Etnobiologia.** Departamento de Fitotecnia. Viçosa UFV, 2002. 320p.

TOLEDO, V. M. **La Apropiacion campesina de la naturaleza: un Analisis Etnoecologico**. Mimeo, 104p., 1996.

TOLEDO, V. M. **What is ethnoecology? Origin, scope and implications of a rising discipline**. *Etnoecológica*, V.1., n. 1., p. 5-21. 1992.

UGWU, B. O. e NWEKE, F.I. Determinants of cassava distribution in Nigéria. **Agriculture, Ecosystems and Environment**, n.60, p.139-156, 1996.

YING, L. G. E LIU, Y. C. A model for objective weighting for EIA. **Environmental Monitoring and Assessment**, v.36, p. 169-182,1995.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)